



Director: Carlos Nuno Vaz | Ano LXXVI - N.º 1452 | 1 Julho de 2021 | Preço Avulso Euros 1,75  
 Assinatura Anual: Portugal 22,50 Euros - Estrangeiro 30 Euros | Membro da: AIC - Ass. Imprensa de Inspiração Cristã

Prioritário

**Marco N° 1 - Cevide**

Publicações Periódicas

Autorizado a circular em invólucro fechado de plástico ou papel

Taxa Paga Portugal Linda a Velha

## Termas de Melgaço reabriram com serviços de consulta de medicina geral e alternativas aos tratamentos habituais P.9



## Já dá para imaginar algo da remodelação pretendida para o Solar do Alvarinho P.11



## Empresários dos Hipermercados Coca avançam com projecto de instalação de supermercado em Melgaço, depois do cruzamento para Prado e Centro de Estágios P.32



## Executivo melgacense visitou municípios de Paris, Villeparisis e Messy P.27



PSD RECANDIDATA JOSÉ ALBANO DOMINGUES À ASSEMBLEIA MUNICIPAL

P.2



POLÍTICA AGRÍCOLA COMUM FOI A «CEREJA» DA PRESIDÊNCIA PORTUGUESA DA UNIÃO EUROPEIA

P.15

DENÚNCIA DE EXTRACÇÃO FURTIVA DE PEDRA NA BRANDA DA AVELEIRA E VEDAÇÃO DE TERRENOS COM CERCAS ELÉCTRICAS SEM A DEVIDA MANUTENÇÃO ESTÁ A SER INVESTIGADA

P.26

CASA DE SENDE E O BRASIL DO SÉCULO XVIII

P.33



POP-UP VILLAGE É JÁ UM FENÓMENO DE SUCESSO EM MELGAÇO

P.36

# Quinta do Regueiro

*Um pequeno produtor a produzir vinhos gigantes*

Quinta do Regueiro - Coto - Alvaredo  
4960-010 Melgaço

Contactos: 966 854 542  
comercial@quintadoregueiro.com



**Triplo Ouro no Concurso 2021 da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes**



# PSD recandidata José Albano Domingues à Assembleia Municipal

João Martinho

O advogado e empresário melgacense José Albano Domingues volta a encabeçar a candidatura do Partido Social Democrata à Assembleia Municipal de Melgaço, na qual exerce actualmente as funções de deputado municipal e líder da bancada da Coligação “Prá Frente Melgaço”.

Natural de Paderne, José Albano Domingues foi Vereador na Câmara Municipal de Melgaço, durante o mandato 2002-2005.

Foi Fundador e Presidente da Delegação de Melgaço da Ordem dos Advogados Portugueses e tem participado nos órgãos sociais de várias associações, como a Associação Clube Motard Lobos da Raia, a Associação Casa do Povo e a Associação Empresarial Minho Fronteiriço.

Foi Vice-Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Melgaço no quadriénio 2015-2018 e Presidente do PSD – Secção de Melgaço, durante cerca de sete anos.

No PSD foi ainda membro do Conselho de Jurisdição da Distrital no mandato de 2016 a 2018 e Membro da Comissão Política Distrital Permanente, no mandato 2018-2020.

José Albano Domingues é assim o segundo nome dos social-democratas para as autárquicas de 2021 no concelho de Melgaço, depois da apresentação pública do empresário José Passos Rodrigo, a 22 de Maio, enquanto candidato à presidência da Câmara.



# A propósito dos moinhos

Ana Louro

A nossa prezada assinante e amiga do jornal Ana Louro, a residir em Paris, natural de Paderne, remeteu-nos uma carta sugerida pela reportagem feita na edição de Maio sobre os Moinhos de Melgaço. Um deles é o moinho do Talho onde depois colocaram uma superfície de terreno e nela umas resineiras. No portal do Cerdeira, havia 3 moinhos: um, chamado moinho de cima, outro moinho do meio, e o terceiro, moinho do fundo. No lugar do Pinheiro, o moinho da Verdelha, e, a uns 6 metros, o moinho do Zenim. Mesmo junto às casas de morada, outro moinho, chamado moinho do Regueiro. Entre o lugar dos Moinhos e a Feira do Gado, há um outro moinho e um engenho que funcionava também a água e serrava muito devagar. Levava 15 dias para serrar 14 tábuas.

Na Corga dos Fojos de Sante, havia mais dois moinhos, separados por não mais que 10 metros. Indo mais abaixo, na extrema com a freguesia de São Paio, há o moinho chamado do Montrigo.

Saltando à Senhora da Vista, na Minhoteira, há lá outro grande moinho junto ao recinto da Capela que há alguns anos, ainda funcionava. Voltando a São Paio, há outro no lugar de Barata. Era uma coisa boa fazer funcionar esse património, hoje quase totalmente esquecido de muitos. Património que nos remete para um tempo em que a refeição era 300% natural. Hoje, com 72 anos, recordo-me bem de tudo isso, como no tempo de criança.

Para todos os assinantes e leitores deste querido jornal e para quem o dirige, os meus parabéns pelos 75 anos de vida e pelo magnífico serviço que prestam a todos os melgacenses que amam de verdade a sua terra natal e muito a querem ver progredir de maneira sustentável, como hoje tanto se proclama.

Paris, 4 de Junho de 2021.

# Município vai apoiar ESDL na instalação de *bungalows* para alunos

## Solução ajudará a colmatar dificuldades de alojamento

João Martinho

A Assembleia Municipal de Melgaço autorizou a assinatura de um compromisso plurianual que permite a realização de um protocolo com o Instituto Politécnico de Viana do Castelo (IPVC), ao abrigo do qual a autarquia atribuirá um apoio para que a instituição possa arrendar um terreno destinado à instalação de *bungalows* para alojamento dos alunos da Escola Superior de Desporto e Lazer (ESDL) de Melgaço.

Segundo a comunicação divulgada, o protocolo tem como objectivo de mitigar as dificuldades de alojamento estudantil no concelho, considerando o facto

de, ao longo dos anos de história da Escola Superior de Desporto e Lazer, os alunos terem acusado a dificuldade na oferta de alojamento.

Este protocolo surge assim como forma de apoiar o IPVC na concretização desse objectivo, tendo por base as atribuições das autarquias locais na promoção e salvaguarda dos interesses próprios das respectivas populações, designadamente nos domínios do património, cultura e ciência, tempos livres, desporto, habitação, promoção do desenvolvimento, ordenamento do território e urbanismo.



## A VOZ DE MELGAÇO

Largo da Senhora-a-Branca, 105  
4710-926 BRAGA  
Tel./Fax: 253 214 284

E-Mails:  
jornal.vozmelgaco@gmail.com  
redacao@vozemelgaco.pt  
Site: www.vozdemelgaco.pt.la  
www.facebook.com/vozemelgaco

Depósito Legal:  
n.º 163455/01

Registo de Imprensa  
n.º 101960

Tiragem deste número  
1.900 ex.

Director  
Carlos Nuno Salgado Vaz,  
Cartão de Jornalista, n.º TE-68A

Colaborador - CO 257  
João Martinho Silva

Editor  
Jornal a Voz de Melgaço, Lda.

Redacção  
Júlio Nepomuceno Vaz  
Manuel Luís Vaz

Correspondente  
Moisés Costa – Melgaço

Colaboradores:  
Abílio Francisco Conde – Melgaço  
Alberto Magno P. Castro – Valença

Alcídio Silva Figueiredo – Porto  
Álvaro Carvalho – Braga  
António Costa Guimarães – Braga  
António Jorge Tavares – Açores  
Armanda Urze – Melgaço  
Arménio Augusto de Melo – Braga  
Arturo Diaz (Dr.) – Barcelos  
Helena Matos – Braga  
José Afonso Marques – Orense  
José Albano Domingues (Dr.) – Melgaço  
José Armando Monteiro (Dr.) – Faro  
José Marques (Cónego e Doutor) – Braga  
José Rodrigues Lima (Dr.) – Viana  
Júlio de Sousa Domingues – Áncora

Manuel José Pereira – Penso  
Manuel Luís Vaz (Eng.) – Melgaço  
Maria Ivone F. Vaz Ferreira (Dra.) – Lisboa  
Maria Ester Taveira (Dra.) – Braga  
Maria José Lobo Elias (Dra.) – Lisboa  
Maria Nadelete Costa Lopes (Dra.) – Braga  
Maria Teresa Tábuas (Dra.) – Leiria  
P.º Manuel Domingues – Viana  
Olinda Carvalho (Dra.) – Lisboa  
Rui Ribeiro – Melgaço

## PROPRIEDADE E PRODUÇÃO

«Jornal A Voz De Melgaço, Lda.»  
Largo da Senhora-a-Branca, 105  
4710-926 BRAGA  
jornal.vozmelgaco@gmail.com  
Telef. 253 214 284  
Contribuinte n.º 502668636

NIB: 0018 0000 28639224001 05

Gerência:  
Carlos Nuno Salgado Vaz e  
Júlio Nepomuceno Vaz

Capital Social:  
Carlos Nuno Salgado Vaz,  
Maria do Rosário Salgado Vergara  
Vaz,

Júlio Nepomuceno Vaz,  
António Luís Vergara Vaz  
e Manuel Luís Vergara Vaz,  
20% cada.

Pré-Impressão:  
Amigos de “A Voz de Melgaço”

Impressão e Expedição:  
Empresa Diário do Minho, Lda.  
Rua de S. Brás, n.º 1  
4710-073 Gualtar Braga  
Telef. 253 303 170

Assinatura anual:  
Portugal – 22,50 Euros  
Estrangeiro – 30 Euros



# Hortas Urbanas de Âncora “O Mar” de Américo Rodrigues esteve em exposição na Casa da Cultura

Júlio Domingues



O Projecto Hortas Urbanas - QUINTA DA BARROSA, em Vila Praia de Âncora, em Caminha, disponibiliza um total de 37 Parcelas para a prática da agricultura familiar e estão todas ocupadas, foi anunciado pelo Município.

A iniciativa é da Câmara de Caminha, que disponibiliza um ponto de água destinado à rega das culturas produzidas na Parcela, um local comum para armazenamento dos utensílios agrícolas e um espaço comum para compostagem ou colocação de estrumes.

...” Muitas pessoas encaram esta iniciativa agrícola, em pequena escala, uma relação harmoniosa com a terra, que permite produzir alimentos saudáveis e frescos. Além disso, é uma forma de controlar o processo produtivo de modo a utilizar práticas ecológicas e ambientalmente pouco impactantes. Às vezes é, também, encarada com caráter lúdico “...refere a autarquia, em comunicado, destacando uma visita do vice-presidente, Guilherme Lagido Domingos...

A autarquia considera que, para além do contributo que pode ter para o orçamento das famílias, ...”permite educar a população para a sustentabilidade e para o respeito e defesa pelo ambiente ; responder às necessidades crescentes de contacto com o espaço rural e, ainda, permite incentivar a economia circular através da adoção de práticas de compostagem “; ..

De acordo com o Regulamento do projeto, pode candidatar-se a utilizador das “HORTAS” qualquer município, residente no concelho de Caminha, mediante preenchimento do formulário de candidatura. Nos serviços dos balcões de atendimento da Câmara, ou fax - 258 710 319, ou via e-mail: “geral@cm-caminha “. É de salientar que a seleção para a atribuição das parcelas se faz por ordem de inscrição..

## MELGACENSES NAS HORTAS URBANAS:

Desde o início, que os Melgacenses residentes em Vila Praia de Âncora, aderiram a esta boa deliberação, da criação das ditas “Hortas Urbanas”.

A senhora D. Luisa Pereira, da Vila de Melgaço (às Muralhas), bem como uma Senhora com origens na freguesia de Paderne, e sua querida filha, senhora Professora, se dedicaram à “agricultura”, seguindo os antepassados, nas suas horas vagas, colhendo produ-

tos hortícolas, sem quaisquer “produtos químicos”... É vê-las, todas entusiasmadas, nas suas hortas, dia após dia, sabendo que vão consumir aquilo que colhem.

Também, há mais de seis anos, a senhora D. Glória Alves (com Salão “Glória e Estrela”, em Seixas..), tendo raízes nas freguesias de Alvaredo e de Paderne, terras de seus Pais e Avós, nos seus tempos livres, dedica uma paixão ímpar à sua bonita Horta, onde cabem todos os mais diversos produtos hortícolas e nada falta. E, para acompanhar as refeições em casa, os seus produtos são acompanhados com um bom Alvarinho das Terras de Alvaredo/Paderne - Melgaço..

Por sua vez, nesse mesmo período, a senhora professora D. Fátima Domingues, da Vila de Melgaço, e casada em Vinhais, possui a sua Horta, onde sobressaem uns vistosos feijões, cuja origem se desconhece.(?).... . E, o simpático casal D. Rosa e António Táboas, dos lugares de Vinha de Cima e de Carreira, da freguesia de Rouças, onde têm aplicado o seu saber e experiência das terras de França, onde foram emigrantes,... não lhes faltando a cultura na sua horta do dito “alho frances”.

O mais novato dos “agricultores”, na Horta, claro, é o “Júlio da Tina “ ( ou “do Lau “.), da Família dos Beites (Vieites), que se tem valido da boa vontade e do saber e grande experiência dos mais velhos nas Hortas Urbanas. Sendo das origens do Lugar dos Perzes, de Rouças (um Cuco), tendo passado a sua juventude na lavoura dura, com os carros de bois , onde não existiam tratores, em caminhos difíceis (duas juntas de bois, para os carros subirem..), com feixes e cestos de ervas, estrumes e outros produtos às costas, com os saudosos sua Mãe e Tio Armando (o pai Ladislau de Sousa, tinha emigrado cedo para França..), e, a partir do ano de 1 969, a residir e a cultivar os terrenos em Longos Vales -concelho de Monção.

O Senhor Doutor Miguel Alves, presidente do Município de Caminha, saudou os Melgacenses das Hortas Urbanas, estando presentes a D. Luisa e D. Rosa, o senhor António Táboas e o Júlio, bem como o nosso amigo António Alves, de Prado, como se vê na fotografia, pois antes “da pandemia”, se tinha agendado um “encontro/lanche na Horta “, com um bolo da D. Glória e um Alvarinho da Casa de Cerdedo/Rouças.

Desejos de boas colheitas..

“um agricultor à antiga”.

# “O Mar” de Américo Rodrigues esteve em exposição na Casa da Cultura

João Martinho



O Mar | Américo Rodrigues

No mês de Maio, a galeria de exposições da Casa da Cultura de Melgaço teve patente ao público, três dezenas de pinturas a óleo, da autoria de Américo Rodrigues.

Natural de Fiães, actualmente viver em França, o emigrante melgacense mostrou à comunidade local uma série de telas alusivas ao mar. As caravelas, a partida para a descoberta de novos mundos e a saudade daqueles que ficam, com visíveis apontamentos da identidade portuguesa, marcam alguns dos registos/sentimentos do autor, vertidos para as telas onde é a superfície do mar que traça (em quase todas) a linha do horizonte.

Os nossos profissionais dedicam muitas horas a Formações para proporcionar o que há de mais inovador na Medicina Dentária.

EstheticSmile  
Largo da feira - Melgaço

Tlf. +351251404002  
808215415

EstheticSmile  
CLÍNICA MÉDICA & DENTÁRIA

PREZAMOS A SUA SEGURANÇA E A SUA CONFIANÇA.  
Por isso não hesite em usufruir dos nossos serviços .



# Do “Vale do Lima” XXXI

P. M. Domingues

Jornal de Notícias, 28-10-1967

## Parada e Gave, terras isoladas do mundo.

“Conhecer Parada e Gave, no concelho de Melgaço, afora os seus habitantes, em número de 2.000 (1.200 e 800 respectivamente), é privilégio de bem poucos. E é pena. Pena, porque vivem isolados do mundo. Sem desabono para qualquer outra localidade deste histórico e vetusto concelho, tem paisagens maravilhosas, desde a graciosa colina e outeiro ao desfiladeiro mais abrupto e aterrador, a fazer lembrar os “fiords” escandinavos, como bem sugeriu o nosso companheiro de viagem e ilustre amigo, rev<sup>o</sup> Manuel Lourenço, pároco de Fiães. Dos de fora, são poucos os que sabem da existência destas lindíssimas paragens, (suavizadas aqui e além pelo bucólico sussurrar do rio Mouro) uma vez que ambas as localidades não tem via de acesso para automóveis. É de pasmar que, em plena era atómica, quando os jornais se enchem de manchetes a anunciar os preparativos para a Lua, ainda haja povoações à míngua de uma estrada por onde os habitantes possam fazer escoar e receber produtos e por onde passem os socorros públicos.

O que pudemos apreciar é confrangedor – mulas a transportar cereais e materiais de construção civil através de uma calçada construída pelos naturais, anos atrás. Avalie-se quanto se onera, por exemplo, a construção de moradias ao saber-se que o carreto de mula (que leva umas 50 telhas) custa à volta de 30\$00!

Passamos por um ramal florestal com cerca de dois quilómetros, desde a bifurcação de EN Melgaço-Castro Laboreiro, o qual termina perto das águas do referido curso.

Soubemos, então, que os Serviços Florestais iniciaram esta via em 1958, ano em que foi construído um quilómetro. Anos volvidos, fez-se outro lanço com cerca de um quilómetro. Perante a ingência do problema, as forças locais fizeram diligências junto de quem de direito, tendo obtido a informação de que os trabalhos iriam prosseguir.

Infelizmente, porém, isso não aconteceu.

Ora, manda a verdade que se diga: Parada e Gave não podem considerar-se povoações satisfeitas. Os seus sonhos foram alimentados com os tais dois quilómetros de via e depois, inexplicavelmente, interrompidos.

É que os doentes ainda são transportados em padiolas e os seus habitantes podem dizer o que custa levar lá um médico...

Desta incongruente situação resultam outros males: os empreiteiros não se mostram interessados na construção de edifícios escolares, cujas actuais instalações já não são pedagogicamente aceitáveis. Quem diz deste aspecto de interesse público, diz outros que, obviamente, não conseguem superar o citado obstáculo.

Em nome dos dois mil interessados, dirige-se daqui um veemente apelo aos Serviços Florestais, no sentido de ser dada continuidade à sua obra.”

Nota: Finalmente, a estrada chegou a Parada do Monte em 1975 e a electricidade em 1980. Na construção da nova ponte (em estranho desenho) colaboraram artistas da freguesia. Para a ligação da electricidade naquela data foi decisiva a intervenção do pároco (P. António Domingues) junto do Presidente da Câmara (Manuel Bento Sousa e Silva).

Outra nota, com sabor de memória: a notícia lida do falecimento do José Fernandes, da Gave. Era um dos vários seminaristas da Gave no tempo em que lá passei como pároco. Rimos e conversámos muito. Acampámos em Montedor e visitámos as praias. Uma vez que me emprestou a égua para descer da Aveleira para a Gave, recomendou-me: olhe que ela é manhosa! Pois era, mas como eu era, naquele tempo, afoito mas pouco experiente na arte de bem cavalgar, tive uma das mais espectaculares quedas da minha vida. Quando consegui, com a ajuda dum pastor, recuperar o domínio do animal, fiquei feliz por entregar a égua ao ti Manel de Germana sem que ele suspeitasse do acidente. Caro amigo Zé: tocou-me a notícia da tua partida. Já és o terceiro seminarista, daqueles tempos, que se vai. Quando eu me for, riremos muito, juntos? Entretanto, oremos: Pai Nosso que estais nos céus, alimenta a nossa esperança de filhos e herdeiros do Teu Reino. Amem.

## Flashes do Ciclo

### As Comemorações do 25 de Abril em Polémica

Arménio Melo

O 28 de Maio, nasceu em Braga, quando Portugal, estava mergulhado numa crise profunda, sem Lei nem Grei, animando Gomes da Costa, a avançar, sobre Lisboa. Pelo caminho, teve a juntaram-se lhe vários apoiantes, permitindo-lhe, entrar triunfalmente em Lisboa, destituindo o frágil e incompetente governo. Salazar, economista e professor, na Universidade de Coimbra, havia escrito, vários artigos, na imprensa, sobre a situação Nacional e a forma possível, para sair da crise. Assim, os novos governantes, resolveram ir a Coimbra, convidá-lo para Ministro das Finanças. Salazar aceitou. Porém, passado pouco tempo, verificando que, eram muitos a mandar, abandonou e regressou a Coimbra. Sendo conhecido, que ele era o homem certo para o lugar, vieram novamente convidá-lo, dando lhe carta branca, para poder, aplicar, o que pensava ser o melhor para Portugal. Assim apesar de enfrentar a grave crise económica mundial de 1929, a guerra civil de Espanha, de 1936 a 1939 e a grande Guerra Mundial de 1939 a 1945. Conseguiu equilibrar as contas e começar a modernizar Portugal. Com efeito, nos anos 40, em Melgaço, só existia, a Escola Conde Ferreira, na vila para os rapazes. As Escolas eram em casas alugadas, sem um mínimo de condições. Nos anos 50, já havia Escolas por toda a parte. O mesmo se passou com Hospitais, como o de Santa Maria em Lisboa e o de S. João no Porto, ainda hoje considerados os melhores de Portugal. Além de estradas e barragens. No 25 de Abril, Portugal, estava em progresso e a modernizar-se. Não havia fome, como agora. Ou seja, o 28 de Maio, foi com a ideia de tirar, Portugal do caos e o 25 de Abril, a luta pelo poder e, ainda pior, servir as orientações soviéticas. Agora é surpreendente, vergonhosa e prejudicial, a forma como vão ser comemorados os 50 anos do 25

de Abril, começar 3 anos antes e acabar 3 anos depois. O 28 de Maio, era festejado, de dez em dez anos, com uma Parada Militar em Braga. Festejar o 25 de Abril, como dia da liberdade, considero, por aquilo que verifiquei, uma aberração, pois, entre o 25 de Abril e o 25 de novembro, só foi liberdade para os libertinos, para assaltar fábricas, oficinas e propriedades o que originou, que muitos donos tiveram de fugir, porque, quem mandava era Moscovo. Levaram Portugal, em pouco tempo, à miséria. Assim, achava bem gasto o dinheiro, se houvesse atores e Autores, como nos anos 40, que realizassem um filme, sobre o que se passou entre, o 25 de Abril e o 25 de Novembro, dava um filme muito engraçado desde que fosse feito sem mentiras como vão ser as comemorações. Efetivamente, não houve heróis, no 25 de Abril, houve sim, a seguir a essa data. Com efeito, a partir dessa data, houve heróis, covardes e traidores, Com efeito, o primeiro governo provisório, presidido por Palma Carlos, um Homem bem considerado, só se aguentou 2 meses, abandonou quando viu que, quem mandava era o partido comunista. Depois, a Junta de Salvação acabou, o Spínola nomeia um general, de prestígio, para substituir Palma Carlos, mas os capitães, lacaios de Moscovo, vieram ao Buçaco, onde estava Spínola e foi obrigado a alterar para nomear o Vasco Gonçalves, ficando o partido comunista, a mandar, até ao 25 de Novembro. Durante esse tempo, sim, houve heróis, que deram a cara, a defender Portugal e os portugueses, visto haver prisões e torturas em que se destacou nessas tiranias, o Major Tomé, então comandante da Polícia Militar e hoje dirigente do Bloco de Esquerda, razão, por que foi atacada no 25 de novembro e suspensa a PM. Efectivamente, valeu aos portugueses os militares, Almirante Pinheiro de Azevedo, o general

Galvão de Melo e o Coronel Jaime Neves e como civil, Sá Carneiro. Assim, não duvido, que durante estes anos, de comemorações, vão ser ditas muitas mentiras, quer para elogiar o 25 de abril, quer para denegrir Salazar. A verdade é que agora, há mais ricos e mais pobres a passar fome e é esta a principal diferença. Agora vale os bancos da fome. Por hoje é tudo, voltarei, obviamente, a este assunto.

## Os nossos amigos

Dado termos demasiado texto para inserir e falta de espaço, reduzimos ao essencial este lembrete.

Por favor: façam tudo para ter a assinatura em dia. Sobretudo os que nem sequer pagaram o ano 2000, pedimos encarecidamente que não adiem mais essa colaboração.

Um sincero obrigado a todos quantos compreendem as vantagens de um jornal no meio de tanta falsa notícia dos meios digitais e o que ele significa para a dignificação de um povo e fornecimento de elementos para a história do mesmo.



# As acelgas dão cor ao seu jardim e sabor na sua cozinha

Teresa Tábuas

A minha horta-jardim continua a crescer em variedade. Ultimamente plantei quiabos, rumex (azedas) e acelgas. Acelga.

Hoje vou falar da acelga que é mais uma hortaliça com história. Esta planta está relacionada com a beterraba, mas não produz a raiz globular comestível, pois enquanto a raiz da beterraba é normalmente a parte consumida, na acelga são as folhas as partes que se utilizam. A acelga apresenta-se em muitas variedades e cores. Um arco-íris de tipos de acelgas está constantemente a surgir nas variedades que temos à nossa escolha. Os talos e as nervuras podem ser de cor branca, rósea, amarela, vermelha, verde, violeta ou laranja. A acelga (*Beta vulgaris cicla*), que também é conhecida como a beterraba branca e a mais usual, é uma planta que apresenta folhas grandes com forma oval, com talos longos, firmes e largos. A cor das folhas varia conforme a variedade, sendo no entanto brilhantes ou opacas e apresentam, em geral, coloração verde ou avermelhada em diversas tonalidades. Podem ser lisas ou crespas.

O seu uso na alimentação está registado desde o século IV antes de Cristo, principalmente na região costeira do mar Mediterrâneo, fazendo parte da alimentação básica dos camponeses gregos e egípcios. Da região mediterrânica, o seu uso foi-se disseminando pela Europa e pelos outros continentes.

A lista verdadeiramente impressionante de nutrientes importantes para a saúde tornam-na num dos legumes mais completos para a nutrição humana.

É rica em vitaminas (A, B, B2, B5, K e C) e em sais minerais (cobre, enxofre, iodo, cálcio, ferro, fósforo, potássio e sódio). Em relação à vitamina A, C e K, as quantidades que contem são consideráveis. A acelga comida crua conserva mais a vitamina C, por que esta vitamina é termo sensível. Esta planta é também uma boa fonte de cálcio. O seu baixo teor calórico aconselha o seu uso em dietas de baixo consumo calórico, como as de emagrecimento.

É muito versátil na cozinha, pois pode consumir-se em saladas, refogados, em sopas, cozida ou noutros pratos quentes de um modo semelhante ao espinafre, como por exemplo no recheio de um rolo de carne picada. Os caules são considerados, por muitos, como a melhor parte da acelga. Podem ser consumidos cozidos, panados, assados ou como parte de uma sopa de legumes e, como são coloridos, acrescentam sabor e cor a diversos pratos.

As folhas maiores são consumidas cozidas, de preferência a vapor, refogadas ou temperadas com azeite e sumo de limão, obtendo um prato muito leve e saudável. As folhas mais jovens e tenras podem ser consumidas cruas em saladas, do mesmo modo que a alface.



Foto: Kanjane Chaisin / Shutterstock.com

Há quem diga que a acelga é um dos alimentos mais ricos em antioxidantes do planeta (antioxidantes são responsáveis pelas cores vivas em frutas e vegetais). Ela contém betacaroteno, vitamina E, vitamina C, zinco, luteína, zeaxantina, quercetina e muitos outros antioxidantes que combatem e previnem muitas doenças.

Rica em vitamina A, é indispensável para a normalidade da vista, conserva a saúde da pele e das mucosas, auxilia no crescimento e faz parte da formação do esmalte dos dentes.

Como todas as verduras, é rica em fibras que são importantes para o funcionamento intestinal.

Está na hora de acrescentar esta planta na sua horta ou jardim.

## GAZETILHA

Álvaro Carvalho

A inveja é tão cruel, tão vil, tão funesta!...

A inveja é um sentimento de cobiça à vista da felicidade de outrem. É um dos sete pecados capitais.

O fedor da inveja é a falsidade e a maldade que não se fica só pelo olhar mas pelas maledicências.

O invejoso, no fim e ao cabo, só se prejudica a si próprio porque bate em “ferro frio” e, mais tarde ou mais cedo, o retorno das coisas tem muita força.

Mas é triste que nos bancos da escola sintas o cerco que te fazem por seres quem és!...

Quando estudante o teu empenho e as “pestanas que queimas” fazem “mossa” aos preguiçosos!...

As tuas escolhas de trabalho e de vida só a ti dizem respeito. Há que não fazer alarde do nosso meio!...

“Nunca o invejoso medrou nem quem ao pé dele

morou”!...

Então continuemos com a luz que nos guia e não tenhamos medo de mudar porque “quem muda, Deus ajuda”!...

Muito alqueire de sal faz falta à nossa classe política que coabita tanto no poder central como no poder local.

Depois que se deu o 25 de Abril foi um “fartote” ver os “sanguessugas” invejosos a invadir propriedade privada!...

Sei do que falo. Ainda recorro, entre outras coisas, a destruição que fizeram na entrada da casa dos meus pais, naquela pacata aldeia do interior da Beira Alta!...

E nos dias de hoje há leis e decretos-lei que “sugam” até ao tutano o que nossos antepassados nos deixaram!... Já nem somos donos e senhores do que é nosso.

“A boa fé é uma moeda, que quase não tem curso no comércio da vida”!

A honestidade e sinceridade são qualidades associadas à veracidade e simplicidade de quem está de bem com a vida e com o seu semelhante.

É no seio familiar que se colhe, pelo exemplo, os maiores e melhores valores humanos.

Às vezes dá cá uma vontade de pagar na mesma moeda!...

Paga-se caro a criatividade que se põe ao serviço dos outros, principalmente quando a inveja tolhe os passos e tenta matar a inocência das coisas!...

A generosidade é uma virtude clemente que nos faz sentir orgulhosos pelo bem que praticamos.

## Alegrias da Nossa Infância

Helena Matos

Ai quem me dera correr por entre o verde dos campos e molhar os pés na água da levada!...

Ser criança e sentir-me protegida do calor que crescia a moleirinha.

Ai quem me dera entrar no milheiral e espreitar o ninho dos cucos!...

Ser criança e descobrir o voo das andorinhas.

Ai quem me dera subir no carro de bois e cantar as modinhas que andavam na boca das moçoilas do campo!...

Ser criança e participar nas alegrias dos adultos.

Ai quem me dera entrar no moinho e perceber como é que o milho se transformava em farinha!...

Ser criança e carregar uma rasa de feijão.

Ai quem me dera ir à capoeira e meter a mão nos ovos para mais tarde comer uma gemada!...

Ser criança e espreitar a galinha com sua ninhada de pintinhos.

Ai quem me dera subir à ramada pelo São Tiago e depenicar os bagos maduros dos cachos de uva!...

Ser criança e levar a cantarinho até à fonte.

Ai quem me dera sentar no terraço e usufruir da companhia de toda a família naquelas tardes em que aprendíamos a bordar e a fazer malha!...

Ser criança e fazer a sesta.

Ai quem me dera brincar no seio familiar e fazer de conta que já era adulta!...

Ser criança e ser feliz sem dar conta que o tempo passa.

Ai quem me dera ir para a praia e sentir as ondas do mar!...

Ser criança e viver em sintonia com a natureza.

Ai quem me dera meter os pés a caminho, andar quilómetros durante horas, e visitar o Santuário de Nossa Senhora do Sameiro!...

Ser criança e viver o espírito de família.

Ai quem me dera receber os abraços e beijos dos meus!...

Ser criança sem me preocupar com o amanhã.

Ai quem me dera olhar as telhas e contar os pombos correio!...

Ser criança em idade de descoberta.

Ai quem me dera ter de volta as férias grandes!...

Ser criança e saber que o descanso é um direito de toda a gente.

É bom recordar as alegrias da nossa infância e ter a certeza que os momentos felizes que vivemos nos tornaram pessoas melhores.

O Amor é o mel da vida



# Camões e o significado da história

Carlos Pereira de Lemos



Proferir uma palestra comemorando o Dia Nacional, e falar sobre Camões, não é tarefa fácil, especialmente quando se vive na Austrália, tão longe dos centros de cultura portuguesa.

Contudo, ao aceitar o honroso convite para falar aos portugueses de Melbourne, não foi Camões, como autor, que dominou o meu espírito, mas sim, o que ele representa como símbolo da história comum, que todos nós compartilhamos. Porque não é o que Camões escreveu, que nos une a todos aqui, esta noite, mas a história de um povo, cujas qualidades Camões enalteceu, e que todos nós herdamos e que faz parte integral da nossa existência; quer queiramos quer não, todos os que estamos aqui reunidos somos o produto dessa história.

Evidentemente que quando nós encontramos um português nas ruas de Melbourne, não lhe perguntamos se leu Camões, ou se sabe de cor os nomes dos reis das dinastias de Portugal, para entabular conversa. Não é preciso. Quando nos encontramos, sabemos imediatamente que pertencemos a uma Família numerosa, com muitas coisas em comum, invisíveis muitas, e que às vezes nem sabemos explicar.

E realmente não é fácil explicar o que significa ser português. Não é a pureza da nossa raça que nos identifica, pois, como se sabe, é difícil encontrar hoje raças puras, e alguns de nós, poderíamos até ser tomados como espanhóis, franceses ou italianos. Além disso, como se sabe, corre nas nossas veias o sangue de muitos cruzamentos, desde os celtas até aos árabes e desde os chineses até aos africanos. Portanto, não é a nossa aparência o que nos torna portugueses.

Temos, evidentemente, a língua portuguesa, que todos nós falamos, e que é sem dúvida um factor importante para nos identificar como portugueses. Mas a língua, em si, não chega. Os brasileiros, falam a nossa língua, mas não se consideram portugueses, tendo alguns até brio em excesso de serem brasileiros. Além disso, há portugueses espalhados pelo mundo que não falam português e que, nem por isso, deixam de ser portugueses como nós. E é sabido que a língua não é suficiente para identificar um povo. Um bom exemplo é o caso da Suíça, onde se fala alemão, francês, italiano e romance, e onde todos se consideram suíços, e bem orgulhosos de o serem, apesar de falarem línguas diferentes.

Um outro factor importante para identificar a nacionalidade de um povo é o território nacional. No nosso

caso, a superfície ocupada por Portugal pertence a todos nós e sabemos que em qualquer altura que o desejemos poderemos lá voltar e que, quando lá chegarmos, nos sentiremos “em casa”. No entanto, o espaço territorial nem sempre é suficiente para identificar um povo, basta mencionar como exemplo, o caso dos judeus, que durante 2000 anos não tiveram território nacional e que nem por isso deixaram de ser judeus, onde quer que se encontrassem, espalhados pelo mundo.

Tudo isto quer dizer que definir uma nacionalidade não é coisa fácil, quer se trate da portuguesa ou de qualquer outra. Uma vez, pediram a Harold Laski, teórico e político inglês, para definir o que significava para ele ser inglês. Depois de pensar muito, acabou por dizer que não conseguia encontrar uma definição precisa, mas que era uma coisa que ele sentia dentro de si, permeando todas as partes do seu corpo, até ao âmago dos ossos. Ele sabia que era inglês, mas não sabia bem porquê.

Ora ser-se português é tudo isto e muito mais, pois deve haver poucos povos que tenham tanto orgulho da sua nacionalidade como os portugueses. Ernest Renan, filósofo e historiador francês, escreveu que a nacionalidade, quando é completa, tem carácter essencialmente espiritual e que vai além das coisas físicas. Ora, para nós, ser português tem, sem dúvida, um significado que não se explica por coisas físicas, mas sim pelo idealismo e fé dos nossos heróis e através da longa e brilhante história que nós possuímos.

Os heróis da nossa história tornaram-se grandes, mais pelo idealismo e fé que dominavam as suas acções do que propriamente pelos feitos que cometeram. Vasco da Gama, por exemplo, tornou-se grande na nossa história, não pelo facto de ser navegador e ter descoberto o caminho marítimo para a Índia, mas também pelo idealismo e fé na sua missão. O que dominava o seu espírito era o desejo de servir a Igreja, o Rei e o País: tudo para engrandecer Portugal e os portugueses. E como Vasco da Gama, todos os nossos heróis, antes e depois dele, foram dominados pelo mesmo idealismo da pátria e fervor religioso, tendo sido estes elementos que tornaram o nosso povo e o nosso país maior do que a nossa capacidade física e material o teria conseguido.

Ora, é neste contexto que Camões assume importância de relevo, não como herói em campos de batalha, mas como autor que soube, melhor do que ninguém, interpretar o significado espiritual e sublime da nossa história, e que, mais do que ninguém, contribuiu para a formação da nacionalidade portuguesa, ou seja, de espírito de Raça.

A razão é que Camões não escreveu história, mas sim, sobre história. Impressionado pelos grandes feitos dos nossos antepassados e vivendo numa época em que Portugal atingira o período mais glorioso da sua história, Camões sentiu necessidade de cantar os feitos dos heróis e a grandeza da pátria. Outros o tentaram, antes e depois dele, mas Camões excedeu a todos, pois, como diz Aubrey Bell, conseguiu, com o seu génio brilhante, a maravilhosa proeza de transformar em música ecos da realidade. Apaixonado pela pátria, que amou até morrer com fervor quase religioso, é significativo que deu à sua maior obra o nome de “Lusíadas”, que simplesmente quer dizer “os portugueses”, ou seja, os descendentes do lendário Luso e da Lusitânia.

Os Lusíadas, portanto, somos todos nós.

Mas quem foi Camões, que nós celebramos hoje e que veio a simbolizar a raça portuguesa? Não é minha intenção entrar em muitos detalhes sobre o homem e a sua obra, não só porque já tudo foi dito sobre Camões, mas também porque correria o risco de tornar esta palestra um tanto pesada. No entanto, para aqueles que já se esqueceram ou pouco sabem sobre Camões, farei um pequeno -resumo.

Luís Vaz de Camões nasceu à volta de 1524, possivelmente em Coimbra ou Lisboa, sendo filho de gente



fidalgos, mas pobre. Pouco é conhecido da sua infância, mas presume-se que estudou em Coimbra e que teria lá frequentado a universidade, onde um parente teria tido posição de relevo. Mas nada se sabe da natureza dos seus estudos, o que estudou e como estudou. O que é óbvio, e se sabe lendo as suas obras, é que a educação que teve foi de alto calibre, revelando ainda uma memória excepcional. Sem ter livros para consulta, “quer em terra, ou no mar alto, em toda a parte usa os seus múltiplos e vastíssimos conhecimentos” com prontidão e segurança.

Em 1542, quando tinha 18 anos, foi para Lisboa e, como cavaleiro fidalgo que era, teve acesso aos salões nobres dos senhores e do próprio rei. Estes contactos, no entanto, poucos benefícios lhe trouxeram, pois continuou a viver pobre e não conseguiu obter qualquer posição na corte. Supõe-se que, como ganha-pão, tenha sido preceptor dum filho dos condes de Linhares, mas esta hipótese não é corroborada com documentação. O que parece saber-se é que levou uma vida boémia e estúrdia, na companhia de amigos também na penúria, e que teve paixões profundas que deram origem a poemas de grande beleza. Mas também não se sabe, ao certo as mulheres que amou, embora vários mencionem Catarina de Ataíde, uma dama da rainha, e que seria a Natércia dos poemas; e outros até que foi a infanta D. Maria, filha do rei D. Manuel. Quem quer que fossem não interessa muito, o que não há dúvida é que Camões amou a sério, e que cantou esses amores em poemas que continuam a ser, ainda hoje, dos mais belos da nossa literatura.

Parece, no entanto, que a boémia e os amores complicaram a vida de Camões em Lisboa, pois afirma-se, embora sem provas concludentes, que estes excessos teriam levado o rei a desterrá-lo para Santarém, por volta de 1549. Pouco depois, e no mesmo ano, foi combater os mouros em Ceuta, onde permaneceu 2 anos, tendo ali perdido o olho direito, possivelmente ao disparar um arcabuz.

De regresso a Lisboa, não tardou a meter-se em mais sarilhos e em Junho de 1552, no dia de Corpo de Deus, vê-se envolto numa rixa, em que fere com a espada o pescoço de um serviçal do rei. Isto levou-o à cadeia, e poderia tê-lo levado à morte, pois, naqueles dias, bater num serviçal do rei era coisa muito grave. Mas como o ferido recuperou e lhe perdoou, o rei pô-lo

Continua na pág. seguinte



em liberdade, depois de ter cumprido 8 meses de prisão. A “carta de perdão”, é um dos documentos mais importantes que existem sobre Camões, pois contém factos e não alusões.

Quinze dias depois de sair da cadeia, parte em 26 de Março de 1553, para a Índia, como soldado raso, mas não se sabe bem se foi como voluntário ou desterrado pelo rei. Julga-se, no entanto, que se ofereceu enquanto estava preso, não porque tivesse qualquer interesse na viagem, mas porque, oferecendo-se, esperava que o tirassem da cadeia. Por outro lado, o rei, para se ver livre dele, teria aceite, e o facto de ter embarcado para a Índia logo que saiu da cadeia, poderá dar credibilidade a esta hipótese. De qualquer forma, Camões revela, nos seus poemas e nas cartas que escreveu da Índia, que não foi feliz na sua ausência de Lisboa, recordando com saudades a boémia, os amores, os amigos que deixara atrás de si. Ao mesmo tempo, revela também certa satisfação por ter fugido às intrigas da corte e às invejas que o seu génio superior começavam a despertar nos menos valorosos, que naturalmente não gostavam dele. (Diz-se, até, que a rixa acima referida e que o levou à cadeia foi uma armadilha preparada pelos inimigos).

A vida de Camões no Oriente está envolta em muito mistério e fantasia, pois o pouco que se sabe tem sido deduzido, principalmente, dos seus poemas e nem sempre é fácil distinguir, na poesia, factos de fantasia. Diz-se que tomou parte em várias batalhas e em vários locais, que de Goa foi para Macau como funcionário, tendo lá sido preso, e que, no regresso a Goa, o barco em que navegava teria naufragado ao largo da costa do que hoje é o Vietname do Sul. Diz-se ainda que teria salvo neste naufrágio, a nado, o precioso manuscrito dos Lusíadas.

A vida em Goa, onde viveu a maior parte do tempo, não lhe foi fácil, pois nessa altura havia por lá muitos “mexeriqueiros, alvitreiros e intriguistas”. Ora Camões, que tinha espírito crítico e independente, o que o levou à cadeia várias vezes, dificilmente poderia ter singrado em tal ambiente.

Foi, no entanto, em Goa que ele escreveu a maior parte da sua esplêndida poesia, o que, contudo, não lhe trouxe quaisquer benefícios monetários ou sociais, pois continuou pobre e destituído de funções dignas de nota. E quando finalmente resolveu deixar Goa, em 1567, nem sequer tinha dinheiro para a passagem, tendo sido o capitão de um barco que seguia para Sofala que lhe deu boleia até à ilha de Moçambique. Ficou nesta ilha 2 anos, à espera de algum amigo que lhe pagasse a viagem até Lisboa, passando o tempo a escrever um livro, que se perdeu, e a dar os últimos retoques aos cantos dos Lusíadas, que nessa altura tinha já completado. Foi em 1569 que o historiador Diogo do Couto o encontrou na ilha e, com outros companheiros, o socorreu, dando-lhe roupas de que carecia e a desejada passagem até Lisboa.

Chegou à capital na primavera de 1570, depois de uma ausência de 17 anos, mas nada encontrou em Lisboa que lhe animasse os ânimos. A cidade estava ainda a recompor-se da peste que a devastara no ano anterior e os velhos amigos e escritores a quem ele poderia associar-se ou tinham morrido ou se encontravam a viver fora de Lisboa.

No entanto, o que dominava Camões logo que chegou a Lisboa, era a publicação dos Lusíadas, pois nesse tempo era necessária autorização do rei e da Inquisição para imprimir livros. A autorização, que conseguiu em 1571, considera-se um triunfo para Camões, pois os Lusíadas contém um misto de paganismo e cristianismo, o que não devia ter sido do agrado do Santo Ofício. A grande obra, que viria a coroá-lo de glória, foi publicada em 1572.

A vida do Poeta em Lisboa, depois de regressar da Índia, continuou infeliz e pobre, pois não conseguiu o reconhecimento a que tinha direito, nem depois da publicação dos Lusíadas. O único reconhecimento público que teve, foi uma tença de 15\$00 por ano, o que era uma ninharia, comparada com o que se dava, nes-

se tempo, a pessoas de menos valor. Aubrey Bell diz, no entanto, que a tença era suficiente para viver, sem Camões ter de mendigar, como se afirma. De qualquer forma, e talvez porque Camões era mau administrador dos seus fundos, viveu na pobreza e desiludido, continuando contudo, sempre a fazer versos, lastimando em muitos a sua pobre condição, viveu num pobre casebre na Mouraria, com sua mãe, até à sua morte em 10 de Junho de 1580, com a idade de 56 anos. Faz hoje, portanto 400 anos que ele morreu.

A obra de Camões é vasta, tendo feito poesia toda a sua vida. Como um biógrafo diz, além do dom da música, Camões tinha o dom de pensar em verso. Poetar era para ele uma coisa natural. No entanto, o número de obras atribuídas a Camões varia muito através dos tempos. Vinte anos depois da sua morte, dois autores fizeram um apanhado das suas obras, dispersas por várias colectâneas, tendo contado nessa altura 65 sonetos, 10 canções, 1 sextina, 5 odes, 3 elegias, 1 capítulo, 3 composições em oitava rima, 8 élogos e 74 redondilhas, motos, esparsas e glossas. Tudo num total de 170. 300 anos depois da sua morte, este número passou para 593!

A obra de maior vulto e aquela que nos interessa nesta data é “Os Lusíadas”. O tema principal é o esforço heróico dos portugueses na formação e expansão gradual da sua pátria, expansão esta que o autor, como católico, considera para a “dilação da lei da vida eterna”. Sendo essencialmente um poema nacional, a obra tem carácter universal, pois revela ao mundo, o mundo que os portugueses iam descobrindo, satisfazendo assim a curiosidade humanitária da Renascença. Para Camões, a grandeza épica dos acontecimentos históricos portugueses, especialmente a ligação por mares desconhecidos de dois continentes, abria largas perspectivas, não só em relação à pátria e à humanidade, mas também em relação ao planeta e ao universo.

A obra desenvolve-se à volta do descobrimento marítimo para a Índia, que é o tópico principal, mas Camões entrelaça, a par com a epopeia de Vasco da Gama, toda a história de Portugal até então conhecida. No entanto, como já disse, Camões não se interessa por personalidades, pois até considerava Vasco da Gama um capitão rude e sem cultura. O que lhe interessa é a grandeza que “as armas e os barões” trouxeram ao império, e o facto de o esforço e heroicidade dos antepassados terem criado o grandioso presente. Para ele, passado e presente estão intimamente ligados, tendo conseguido, com o seu patriotismo, dar alma e coragem, não só aos da sua geração, mas também aos vindouros, mas acima de tudo conseguiu, num dado momento, captar e eternizar o valor histórico de ser português. a raça portuguesa.

Naturalmente que fica muito por dizer sobre Camões e os Lusíadas, mas não creio que seja oportuno dizer mais neste momento. É oportuno, todavia, tirar algumas conclusões do significado de Camões e da nossa história.

É possível que todos os que estamos aqui presentes tenhamos passado maus bocados a decorar, nos bancos da escola, nomes de heróis, de batalhas, de reis. E depois, enquanto vivemos em Portugal, fartamo-nos de ouvir discursos celebrando esses heróis, essas batalhas e muita coisa histórica. Houve tempo em que eu achava que nós, portugueses, temos preocupação a mais com o nosso passado, pensando eu, nessa altura, que até tínhamos história a mais.

Contudo, depois de deixar o país, “virei a casaca”, pois aprendi que aqueles países que não têm história e heróis, precisam de inventá-los para manterem a unidade nacional e encontrarem a tal identificação de nacionalidade de que falei no começo. E aqueles países que procuram eliminar a história e cortar com o passado, têm que criar um presente que, pelo menos na aparência, seja um bom substituto.

Assim a Rússia comunista, que eliminou dos livros escolares a história dos Czares, substitui estes por Karl Marx, Lenine e Estaline.

Na China comunista, os imperadores foram substituídos por Mao Tze Tung, que é agora o herói nacional à volta do qual os chineses se identificam. E até na religião, os símbolos cristãos são substituídos por símbolos pagãos, ou vice-versa, o que mostra que o ser humano precisa de se identificar com símbolos, espirituais ou materiais, que lhe dêem direcção e inspiração.

Mas o caso que mais me impressiona é a Austrália, onde vivemos. A Austrália não tem história, não tem heróis e não tem monumentos que celebrem grandes feitos. E verifica-se, então, que a Austrália luta com grandes dificuldades para criar o tal carácter espiritual da nacionalidade a que fiz referência. Tentaram forjar a nacionalidade à volta do “espírito ANZAC”, mas sem grande sucesso, tendo esta instituição diminuído em importância. E como não tem heróis, até Ned Kelly, que foi um ladrão e assassino, começa a tomar ares de herói nacional. E em Camberra, até se faz história de um pobre casebre à beira do lago, que foi residência de um lavrador antes de a cidade se construir e que é o monumento mais histórico que lá existe. Procuram pois, os australianos, fazer história, a todo o custo, de coisas que pouco têm de histórico.

Nada surpreende, portanto, que os australianos não tenham um sentido nacional e se encontrem divididos em regionalismos doentios e atrofiadores. A nacionalidade, para eles, não tem qualquer significado espiritual pela simples razão de que a Austrália não tem os tais símbolos históricos à volta dos quais um povo se identifica e se inspira.

Por estas razões, eu mudei de ideias e considero hoje a história muito importante para um povo. Principalmente quando essa história contribuiu para melhorar e elevar a humanidade.

Ora nós, portugueses, creio que temos motivo para nos orgulharmos da nossa história e dos nossos heróis, especialmente quando eles são da natureza do nosso Camões, que hoje celebramos.

Obrigado. Tenho dito!

*Palestra proferida na Associação Portuguesa de Vitória por ocasião do Dia Nacional de Portugal  
Dr Carlos Pereira de Lemos – 10 de Junho de 1980*

**NR** – Ler o texto desta comunicação feita há 41 anos, mostra-nos a intemporalidade do mesmo, pois se trata de um texto muito bem arquitetado, fundamentado e vivenciado por este ‘andarilho do mundo’ que é o o nosso querido Cônsul Honorário em Melbourne, natural de Couso. E que, aos 93 anos, redobra de vontade de visitar mais uma vez a sua querida Pátria.

Obrigado caro Amigo pela partilha deste texto que, certamente, vai ajudar muita gente a saborear e avaliar ainda mais o são patriotismo de ser Português.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Bell, Aubrey F.G. – Luís de Camões, Oxford University Press, 1923  
Cidade, Hernani – Obras Completas de Luís de Camões, Vols. I-IV, 3ª. Edição, Livraria Sá cda Costa, Lisboa, 1962  
Costa Affonso – o Génio de Camões: os Lusíadas, Rio de Janeiro, 1921  
Lapa, Rodrigues – Luís de Camões: Líricas, 4ª. Edição, 1962  
Laski, Harold – A Grammar of Politics, Allen & Unwin, London, 1960  
Kohn, Hans – Nationalism: Its Meaning and History, Van Nostrand Co., New York, 1965  
Monteiro, Campos – Os Lusíadas de Luís de Camões, 5ª. Edição, Domingos Barreira, Porto, 1948.  
Pimpão, A. J. Da Costa – Rimas de Luís de Camões, Atlântida, Coimbra, 1961  
Saraiva, A. J. & Lopes, O. – História da Literatura Portuguesa, 4ª. Edição, Porto Editora, Sem Data  
Cidade, Hernani – Luís de Camões, colecção “A Obra e o Homem”, Arcádia, Lisboa, 1961  
Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira



# MELGAÇO + SUSTENTÁVEL é o lema do projecto que pretende envolver toda a comunidade local

João Martinho

Melgaço iniciou o processo de certificação enquanto destino sustentável, com o apoio e assessoria do IPDT - Instituto de Planeamento e Desenvolvimento do Turismo, visando reforçar a estratégia que, desde 2017, tem comunicado o concelho como o «destino de natureza mais radical de Portugal», no seguimento do posicionamento definido no plano estratégico e de desenvolvimento para o sector do turismo.

A EarthCheck é o órgão acreditado pelo Global Sustainable Tourism Council (GSTC) que irá certificar o destino Melgaço.

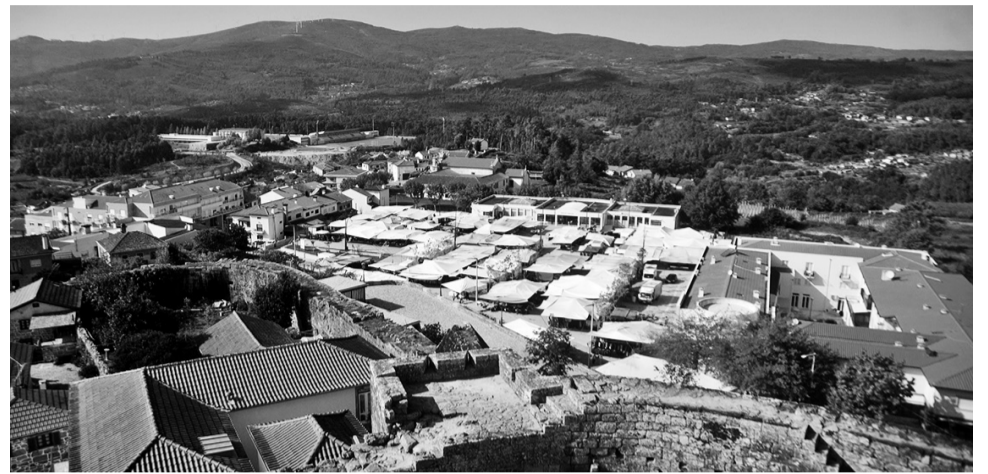
**Sob o lema MELGAÇO + SUSTENTÁVEL**, o projecto tem como metodologia de trabalho o envolvimento de toda a comunidade local, procurando cumprir objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) definidos pela ONU e, por essa via, **reforçar o desenvolvimento integrado do destino Melgaço, de forma sustentável, nas vertentes ambiental, económica, social e cultural.**

Até ao momento, o destino já criou uma estrutura de gestão para liderar todas as iniciativas – a DMO (Destination Management Organization). No passa-

do dia 15 de junho, a **Green Team – estrutura operacional responsável pela definição e acompanhamento do plano de acção** – reuniu pela primeira vez **nos Paços do Concelho.**

Os próximos passos do processo de certificação envolvem a validação da Política de Sustentabilidade do destino, assim como a realização de um *benchmarking* que envolve a recolha de vários KPI's (Key Performance Indicators), um Plano de Acção para a Sustentabilidade e um Plano de Avaliação de Riscos.

*“É um passo natural e fundamental na afirmação de Melgaço enquanto destino turístico de excelência, capaz de gerar uma procura diferenciada, por estar*



*na linha da frente na promoção do desenvolvimento sustentável do território nas suas diversas vertentes. Um território excelente para quem visita, por ser capaz de gerar bem-estar para quem nele vive”,* considerou Manoel Batista, Presidente da Câmara Municipal de Melgaço.

# O Governo do socialista António Costa ao longo da pandemia tem praticado uma incrível austeridade

Abílio Francisco Conde

O Governo do socialista António Costa ao longo destes meses de confinamento tem praticado uma incrível austeridade pandémica, impondo aos cidadãos uma repressão policial que por vezes ultrapassou o estado de emergência, com atropelo dos direitos fundamentais democráticos. É o que está a correr por estes dias. Continuamos a ter uma série de restrições desfasadas da realidade, tudo por causa da pandemia. É um governo que fica na história por ir para *“além da pandemia”*. Insiste que ninguém pode comprar bebidas alcoólicas depois das 21 horas, nos supermercados. Ao proibir também a venda de tabaco nas áreas de serviço ou nos postos de abastecimento de combustíveis e ao não permitir as pessoas isoladas estarem na praia sem máscara está também a abusar da sua legitimidade política. O governo andou bem ao exonerar um incompetente *“old boy”* socialista e ter colocado no mesmo lugar um miliar muito disciplinado que tem realizado

um bom serviço com todos os grupos de riscos já vacinados. Os festejos do Sporting não resultaram em aumento de casos pandémicos em Lisboa e com a final dos campeões no Porto aconteceu o mesmo. Não compreendemos as críticas ao arraial organizado pela Iniciativa Liberal no dia de S. António em Lisboa quando a PSP revelou que tudo correu bem. Medina criticou a IL mas não disse nada que existiram centenas de festas privadas por todo o lado de Lisboa e sem nenhum controle. Foi essa lição que a IL deu ao país da possibilidade de haver festas com segurança e respeitando as ordens da Direcção Geral da Saúde. Ver o centro direita do regime a atacar a Iniciativa Liberal mete dó e tristeza. Tal situação tem como objectivo sacar votos a IL nestas autárquicas mas não fora o escândalo dos três cidadãos russos oponentes a Putin estariam perdidas pelo PSD/CDS e pelos pequenos partidos que os acompanham. É lamentável que os conservadores e sociais democratas



se tenham aliado aos socialistas, comunistas e bloquistas nesta campanha negra anti-liberal sob o lema *“o regime unido jamais será vencido”*. Até ao próximo jornal, se Deus quiser.

Junho 2021

**MANUEL LUÍS D. RODRIGUES**  
TÉCNICO 28335



**INSTALAÇÕES ELÉCTRICAS**  
AUTOMATISMOS PARA PORTÕES  
PORTAS SECCIONADAS  
VIDEOS PORTEIROS  
AQUECIMENTO ELECTRICO

Rabosa · 4960-310 PENSO MLG · MELGAÇO TEL. 969 065 676



**Agência Funerária**  
**ORQUÍDEA**

**Auto Fúnebre Próprio**

Funerais e Transladações para todo o País e Estrangeiro · Serviço Permanente

Ramos e Arranjos com Flores Naturais

Tel. 251 465 292 / 251 402 490 • Telem. 934 731 609 / 936 939 369  
Largo Hermenegildo Solheiro – Melgaço



**Daniela Afonso**  
Solicitadora

Rua Dr. António Durães, 65  
4960 - 522 Melgaço

Telef.: 251 404 953  
3590@solicitador.net



# Termas de Melgaço reabriram ao público e somam serviço de consultas de medicina geral e alternativa aos tratamentos habituais

João Martinho



Junho assinalou a reabertura das Termas de Melgaço e o regresso dos banhistas, nacionais e internacionais, às águas terapêuticas da vila raiana.

Depois do período prolongado de encerramento devido à pandemia, a estância termal abriu com novos serviços. Além do circuito termal, das massagens e dos tratamentos de SPA, a estância termal dispõe agora de um *medical center* onde será possível realizar consultas

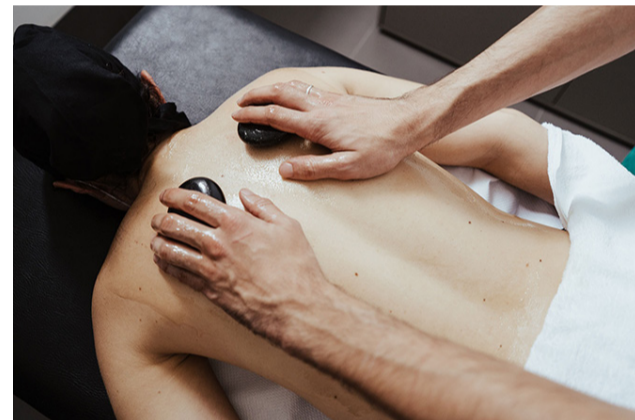
de medicina geral, fisioterapia e medicina tradicional chinesa, conjugando num só espaço a oferta necessária para assegurar aos visitantes uma experiência terapêutica plena de bem-estar.

*“Depois de cinco meses sem actividade, estamos muito entusiasmados por regressar e por fazê-lo com uma oferta reforçada, sem nunca descurar a segurança dos nossos visitantes. Queremos afirmar-nos*

*como um dos locais de eleição do turismo de saúde e bem-estar nacional e acreditamos que reunimos todos os factores para o alcançarmos”, afirma Marco Rodrigues Dias, administrador do Grupo OCRAM que detém parte da co-gestão das Termas de Melgaço.*

Além do agendamento de qualquer um dos serviços disponíveis, as Termas de Melgaço têm ainda três pacotes para todos os gostos – sauna e massagem geral; sauna, banho turco e massagem geral; ou o *package* de envolvimento corporal, que inclui esfoliação e envolvimento.

Para garantir a segurança de todos, será necessário que os utilizadores façam o agendamento dos tratamentos e cumpram com todas as normas de segurança e higienização recomendadas pela Direcção-Geral da Saúde.



**Ana Abrunhosa**  
Ministra da Coesão Territorial



**Manoel Batista Calçada Pombal**  
Presidente da Autarquia de Melgaço



**Hans Schlappa,**  
Programme Director, MSc Leadership and Management  
in Public Services/Herfordshire Business School



**Andreas Hollstein**  
Autarca em Altena (Alemanha),  
fundador do Programa Re-Grow City  
e da nova rede a fundar REGROW TOWN



**José António Lopes**  
ULG Coordinator Regrow City Urban Coordinator  
e autor do Plano Estratégico MELGAÇO 2030



**glocal melgaço**  
Pensar Global, Agir Local

O Jornal de Negócios lança o ciclo de conferências **GLOCAL: Pensar Global, Agir Local**. Queremos mostrar as respostas locais aos desafios globais.

Portugal precisa de se manter competitivo na atração e retenção de investimento privado, num mundo marcado pela crise pandémica. Os incentivos da União Europeia e do Governo Português, disponíveis no Plano de Recuperação e Resiliência e no novo Quadro Comunitário, são instrumentos essenciais no contexto atual e da próxima década. O papel das autarquias é essencial na facilitação dos investimentos, sendo vital para os investidores que os governos locais disponibilizem serviços e incentivos que reforcem a competitividade nacional.

No dia 16 de julho, pelas 15h30, lançamos a segunda conferência, que pretende abordar a relação virtuosa dos diferentes agentes da administração – europeus, nacionais e locais – a partir de um caso de estudo a nível Europeu: as lojas pop-ups do Município de Melgaço.

**Assista em direto no site e facebook do Jornal de Negócios.**  
16 de julho | 15h30

**18 negócios**  
anos Tem as respostas.



# Melgaço [agora Tem] cadernos ‘com história’: Há páginas em branco para continuar esta ou escrever a sua

João Martinho



Bela Gonçalves Amaral, a artesã responsável pelo atelier de artesanato Belarts HandCraft, reconhecido como Unidade Produtiva Artesanal (UPA) desde 2019, olhou para a potencialidade de **uma terra com um vasto património histórico e cultural, rico em tradições, histórias e lendas mas com uma lacuna no que diz respeito a *souvenirs*** e agarrou a oportunidade.

A ideia de criar um produto artesanal usando papel, “um artigo que não fosse uma simples lembrança, que tivesse conteúdo”, levou-a a trabalhar o papel e a fundar a IWISH Papelaria Personalizada, uma marca para os produtos de papelaria produzidos no atelier de artesanato.

Bela Amaral idealiza e dá vida a todas as peças, tendo por base a experiência no trabalho artesanal de várias décadas, e foi nesse turbilhão criativo e de necessidade de resposta aos turistas que gostam de levar um bocadinho dos destinos que visitam consigo que surgi-

ram os cadernos “Melgaço com história”.

Cada caderno tem um pequeno texto sobre a ilustração da capa, e há cinco capas diferentes, todas elas com o cunho e linhas firmas de outro dos jovens talentos de Melgaço, Gabriel Cristiano.

A preocupação ambiental não foi descuidada. Todos os exemplares desta colecção são feitos com papel “amigo do ambiente” e cosida à mão. Assim, os entusiastas da história melgacense e do património podem comprar sem qualquer remorso a colecção que ilustra e explica em texto breve a história da “Casteja”, de “Inês Negra”, da “Torre de Menagem”, do “Marco Nº1” e da “Fonte Principal” das Termas de Melgaço.

A encomenda de qualquer um dos cadernos pode ser feita através da página Facebook da IWISH – Papelaria Personalizada, do ilustrador e parceiro nesta iniciativa, Gabriel Cristiano ou nos seguintes espaços físicos: Bar das Termas de Melgaço, Casa das Pesqueiras – Turismo Rural e Papelaria e Livraria Né.



“Estamos a negociar outras parcerias que nos permitiram estar presentes em dez locais, cobrindo todo o concelho de Melgaço, e ainda a nível nacional com a plataforma Dott.pt [um marketplace, ou agregador on



**Hotel Castrum Villae:** hospitalidade, natureza e património no coração da Serra da Peneda

+351 251 460 030 | reservas@hotelcastrumvillae.pt  
Castro Laboreiro - Melgaço | hotelcastrumvillae.pt



## VENDE-SE

Casa de morada, no centro de São Gregório (junto à capela) com dois pisos e garagem de 60m<sup>2</sup>, totalmente mobilada e equipada.

**Bom preço**

**MOTIVO: Mudança de residência do proprietário.**

**Tlm. 933 871 728 ou 939 794 503**





# Solar do Alvarinho: Primeiras imagens do projecto de profunda reabilitação

João Martinho

O “edifício dos três arcos”, no centro histórico de Melgaço, está a ser alvo de profundas intervenções, depois de albergar, desde 1997, o seu primeiro conceito de Solar do Alvarinho.

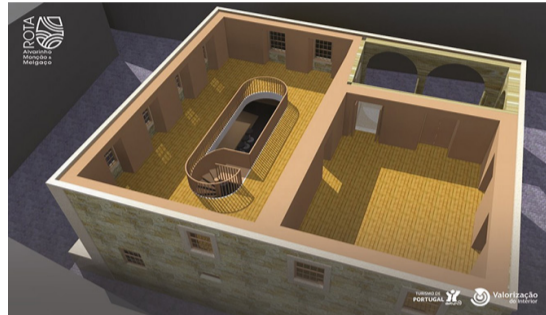
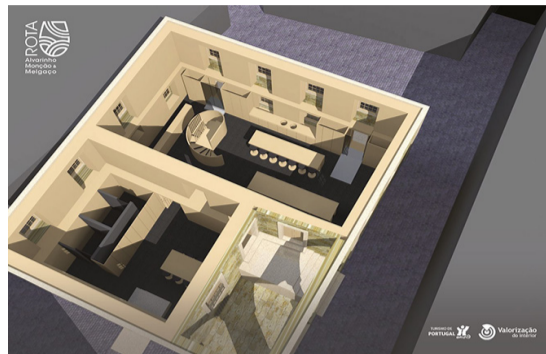
Após reabilitação, as instalações voltarão a servir os nobres propósitos do vinho e da casta na história do concelho, com as alterações que o projecto 3D já deixam adivinhar.

A reabilitação enquadra-se na candidatura “Vinho Alvarinho na Rota do Turismo” e no âmbito do programa “Valorizar” do Turismo de Portugal, concretamente da Linha de Apoio à Sustentabilidade, e representa um investimento na ordem dos 180 mil euros.

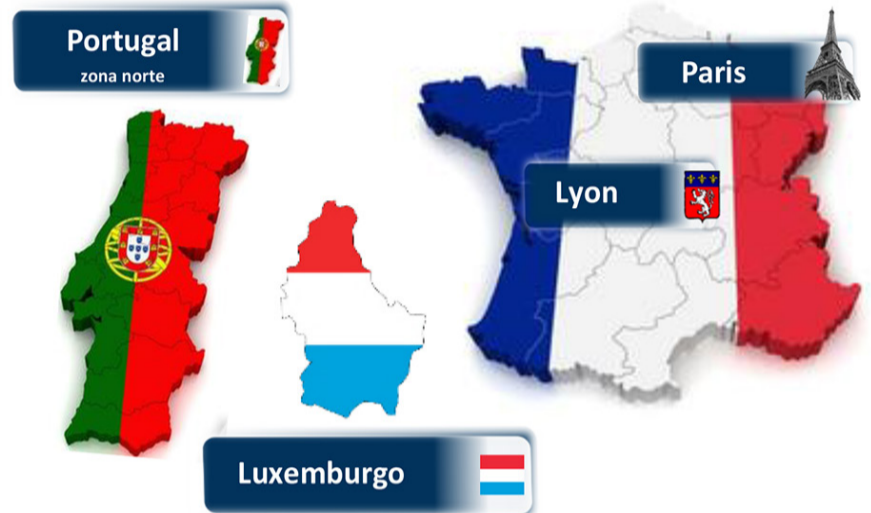
Ainda no âmbito desta candidatura, a autarquia pretende levar a cabo ações de relançamento da Rota Do Alvarinho Monção & Melgaço.

“As duas iniciativas representam um investimento total de cerca de 350 mil euros”, avançou a autarquia.

Recorde-se que, durante o período de obras, o espaço provisório do Solar situa-se no antigo Quartel dos Bombeiros Voluntários de Melgaço.



## LINHAS INTERNACIONAIS



**Barquense** (+351) 258 454 303

BARQUENSE – AGÊNCIA DE VIAGENS E TURISMO, LDA. • RNAVT nº 1849  
SEDE: R. DR. JOAQUIM M. DE BARROS, Nº3 • 4980-634 PONTE DA BARCA - PORTUGAL  
INFO@BARQUENSE.COM • WWW.BARQUENSE.COM • FACEBOOK.COM/BARQUENSE.PT

**Imobiliária**  
**Gestão de Arrendamentos**

Na UKUBO encontra um serviço especializado na área de gestão de arrendamento.

Saiba que vantagens encontra ao colocar o seu imóvel nas mãos de uma empresa especializada;

- **Rentabilização máxima do imóvel** – a previsão da saída de um inquilino pressupõe a preparação imediata de um novo arrendamento;
- **Divulgação do imóvel** – através da estratégia de comunicação que adotamos é possível alcançar um maior número de interessados;
- **Seleção do inquilino** – fazemos uma análise do perfil do arrendatário que se adequa com as pretensões do senhorio, particularmente a nível da duração de contrato;
- **Gestão de rendas** – atualização, cobrança de rendas e emissão de recibos.

UKUBO Consultoria,  
O seu parceiro de negócios.

**Melgaço**  
R. Dr. António Durães, nº65 R/C Dto  
4960-522 Melgaço  
+351 251 418 322

**Braga**  
Av. Robert Smith, nº19  
4715-398 Braga

**Monção**  
Rua D. Afonso Henrique, Ed. Domus Residence, R/C Lj 2  
4950-446 Monção  
+351 251 031 908

info@ukubo.com www.ukubo.com www.imoukubo.com

### Imóveis que lhe podem interessar

**Moradia V3**  
Penso, Melgaço, Viana do Castelo

Excelente moradia V3 em pedra, com divisões distribuídas por dois andares. A propriedade é vendida em conjunto com um terreno de cultivo com cerca de 680m2.

**98.000€ 89.000€**  
00322



**Moradia V4 com terreno**  
Chaviães e Paços, Melgaço, Viana do Castelo

Moradia V4, com aquecimento central, garagem, adega, churrasqueira e canastro. Possui terreno para cultivo, com área de 500m2 e água de poço. Bons acessos e boa localização.

**Sob Consulta**  
00424



**Terrenos**  
Paderne, Melgaço, Viana do Castelo

Terreno de cultivo com a área aproximada de 1ha próximo da ponte internacional e do parque termal do Peso. Possui água e um antigo moinho. Parte do terreno tem aptidão construtiva. Propriedade bem localizada com boas vistas e exposição sul/poente.

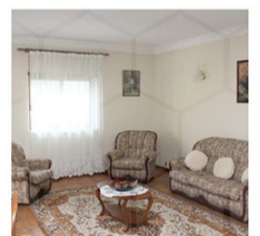
**Sob Consulta**  
00791



**Apartamento T3**  
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Apartamento T3 na Vila de Melgaço, mobilado e equipado, em bom estado de conservação. Possui sala de estar com lareira, varandas viradas para norte e sul, arrumos e um lugar de garagem.

**115.000€**  
00862



**Apartamento T2**  
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Apartamento T2, situado na Vila de Melgaço. Encontra-se totalmente mobilado e equipado. Possui um lugar de garagem e uma zona fechada destinada a arrumos.

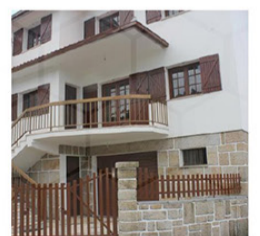
**105.000€**  
01019



**Moradia V3**  
Alvaredo, Melgaço, Viana do Castelo

Moradia em bom estado de conservação, com 3 quartos com ar condicionado, sala, cozinha, 2 WC e garagem fechada. Possui água de mina, quintal e pequeno rossio de cultivo. Está localizada perto da ponte internacional e do parque termal do Peso.

**Sob Consulta**  
01022



**Apartamento T3**  
Vila e Roussas, Melgaço, Viana do Castelo

Apartamento T3 em bom estado, com 139 m2 de área total. Esta residência possui três quartos mobilados e duas casas de banho. A cozinha está totalmente equipada bem como as restantes divisões.

**115.000€**  
01187



**Terreno com aptidão construtiva em Chaviães**  
Chaviães e Paços, Melgaço, Viana do Castelo

Terreno com cerca de 7.000m2 de área, sendo que 2.000m2 tem aptidão construtiva. Possui água própria, bons acessos e localiza-se a 5min do centro da Vila de Melgaço.

**75.000€**  
01576





# Futsal “A Batela”: Equipa estreou-se em 2020 e ambiciona estar no topo dos melhores exemplos desportivos do concelho

João Martinho



Fundado em 2020 “a partir de um grupo de amigos, entusiastas da modalidade”, o clube de Futsal “A Batela” Alvarinho Melgaço apresenta-se como uma das faces mais visíveis (e competitivas) da associação de Alvaredo que lhe dá nome.

Aproveitaram o entusiasmo popular e dos atletas em torno do futsal e do torneio inter-freguesias, partiram para a concretização formal enquanto dinamizadores do futsal no concelho.

O nome da equipa é todo ele uma homenagem ao território e ao próprio berço. Além da óbvia identificação do desporto, o futsal, há a referência à associação “mais dinâmica do concelho” - A Batela, que tem promovido o convívio popular nos últimos anos em instalações para o efeito; ao Alvarinho, ex-libris do território e Melgaço: “o destino de Natureza Mais Radical de Portugal”.

Estrearam-se no campeonato distrital de futsal na época 2020/2021, uma estranha época para todas as modalidades desportivas, mas que ainda assim cativou adeptos e patrocinadores para que este primeiro exercício fosse levado a bom porto.

“Pretendemos abranger todos os melgacenses, desde empresas, município e pessoas em geral, para fazer deste projecto uma referência de união. Estamos a formar um grupo jovem, dinâmico, sério e ambicioso, com uma enorme determinação e com objectivos bem delineados. Acreditamos que vai ser um projecto sólido, com futuro e desejamos acima de tudo mobilizar a população do concelho à volta daquela que vai ser a equipa de todos nós”, frisam os elementos da Direcção do clube.

Os responsáveis pela orientação desportiva dos 19 jogadores que compõe o plantel da equipa de Futsal A Batela Alvarinho Melgaço – nome e número de cada atleta em listagem anexa a este texto – são os técni-

cos Mário Santos (professor, que assume a função de treinador principal), Paulo Cardoso e Paulo Cavalcante (técnicos adjuntos); Wurtemberg Farias (treinador de guarda-redes); Tiago Mendes (téc. adjunto); Vasco Santos (téc. de equipamentos) e Célia Marques (massagista).

Para que esta primeira aventura a contar para os cânones do desporto distrital foi essencial o compromisso e apoio das marcas, empresas e entidades locais.

Responderam à primeira chamada do clube as marcas Quinta de Soalheiro, Quinta do Regueiro, Carpintaria Cunha e Gonçalves, Centro de Estágios, Descubra Melgaço, Gnomo, 4Clim, Cast Studio, Município de Melgaço e Junta de Freguesia de Alvaredo.

Durante as captações para a Academia de Futsal “A Batela”, com datas agendadas ainda para o mês de Julho.

“Queremos arrancar com a academia de formação para a próxima época. Estamos a começar com a angariação, com a realização de treinos de prospecção, onde as crianças e jovens atletas podem vir experimentar a modalidade. O objectivo é a promoção da prática desportiva, proporcionando aos alunos uma aproximação descontraída à competição, uma ocupação saudável dos tempos livres e o ensinamento das regras básicas do futsal”, esclarece o vice-Presidente da Direcção do clube, André Castro.

Com os mesmos pontos que a equipa de Cerveira, foi a diferença no confronto direto, após empate em casa (3-3), e a derrota (renhida) no reduto adversário, por 4-3, que tirou à equipa de Melgaço a liderança da tabela distrital de futsal na época de estreia.

Campeonato fora, Dia da Taça em casa: A vitória ao cair do pano

Até ao lavar das sapatilhas continuava a valer a ‘vindima’ e a equipa de Melgaço não quis deixar a estante dos troféus sem memórias da sua primeira época.

A meia-final e final da Taça de Futsal Sénior Masculino da Associação de Futebol de Viana do Castelo disputou-se no Pavilhão do Centro de Estágios de Melgaço nos dias 26 e 27 de Junho. E a equipa d’A Batela aproveitou o momento para segurar o reconhecimento que tinha feito por merecer.

O vice-Presidente da Direcção, André Castro, relata ainda a quente e em discurso directo o fim-de-semana de intensidade desportiva no futsal.

“No Domingo, na final contra o Cerveira, foi uma estrondosa vitória [3-2] de atletas valentes e corajosos. No dia anterior (Sábado, 26) tínhamos disputado as meias-finais com o ARCAS, que vencemos 5-4, e o nosso adversário foi diretamente à final por falta de adversário. Perante a hipótese de ganhar um título no

**FUTSAL**  
A Batela

FORMAR AGORA, PARA GARANTIR O FUTURO

**ANGARIAÇÃO DE ATLETAS**  
VÊM EXPERIMENTAR !!!

FEMININO	MASCULINO
23   06   2021	NASC. 2003/04/05 - 18 HORAS
28   06   2021	NASC. 2006/07/08 - 18 HORAS
30   06   2021	NASC. 2009/10/11 - 18 HORAS
12   07   2021	NASC. 2012/13 - 18 HORAS
14   07   2021	NASC. 2014/15 - 18 HORAS
19   07   2021	NASC. 2016/17 - 18 HORAS

ACADEMIA  
FUTSAL | A Batela

PAVILHÃO DO CENTRO DE ESTÁGIOS DE MELGAÇO

ano de estreia, os nossos ‘guerreiros’ foram buscar forças onde já não existiam para ultrapassar a fadiga... E foram recompensados com o troféu”.

A foto de grupo (e a taça) confirmam a auspiciosa estreia. Parabéns à “Batela”!

## Jogadores Futsal “A Batela”:

**Luís Carriço**, nº 1 - **Marco Gonçalves**, nº 2 - **Leandro Vilas Fernandez**, nº 3 - **Tiago Esteves Afonso**, nº 4 - **Adriano Moreira**, nº 5 - **Patrício Faria**, nº 6 - **Gabriel Afonso**, nº 7 - **Vítor Faria**, nº 8 - **Pedro Oliveira**, nº 9 - **Márcio Nabeiro**, nº 10 - **Fábio Esteves**, nº 11 - **Gean Nascimento**, nº 12 - **Adelino Soares**, nº 13 - **Ricardo Esteves**, nº 14 - **João Pedro Luís**, nº 15 - **Adrien Meleiro Soares**, nº 16 - **Victor Garcia**, nº 17 - **Michael Lourenço**, nº 18 - **Duarte Gonçalves**, nº 19

## Direcção:

Presidente, **Aníbal Rego** - Vice-presidente, **André Castro** - Secretário, **Paulo Cardoso** - Coordenador de Formação, **David Rodrigues** - Técnico Segurança, **Adelino Domingues** - Publicidade, **Gonçalo Almeida** - Marketing, **Cláudio Tábuas**

ADEGA RESTAURANTE JR SABINO

**ADEGA SABINO**

Respeito pela **comida regional**  
paixão pelo **Alvarinho Monção e Melgaço**

[www.adega-sabino.com](http://www.adega-sabino.com)



# Neno: um prodígio de simpatia e dedicação aos outros

Costa Guimarães



Quando soube da notícia, disse cá para mim: “Deus, Tu não podias ‘roubar’ de nós, no dia de Portugal, de Camões e das Comunidades, e da abertura do Campeonato Europeu de Futebol este jovem caboverdiano.

Podias ter deixado que ele escutasse o Andrea Bocelli, no majestoso Estádio Olímpico de Roma, a cantar “Nessun dorma” (Que ninguém durma), porque na “aurora vencerei”.

Por que nos levaste a sua alegria, o permanente sorriso, o seu enorme sentido ético, saber estar bem com a vida, a facilidade em comunicar e saber fazer amigos, o seu gosto pelo canto e pelos temas do Roberto Carlos, primeiro, Júlio Iglesias, depois, a sua esmerada educação e a sua permanente elegância?

Tu conhecias muito bem o Neno, do qual fui Capelão Militar no Regimento de Artilharia de Costa (Oeiras), quando ele era cozinheiro na Bateria da Parede.

Sabes também que este Regimento era único: tinha várias companhias (Bateria, é assim na artilharia) dispersas por Alcabideche, Parede, Oeiras, Paço d’Arcos, Fonte da Telha, Trafaria, Albarquel e Outão — indo desde Cascais, foz do Tejo, até ao estuário do Sado, cantado pelo teu Frei Agostinho da Cruz, nascido na Ponte da Barca.

Também conhecias o Comandante da Bateria, o Capitão Moraes, de Chaves, porque era um bom garfo e quando lhe pedia uns petiscos, o Neno respondia com qualidade.

Também ouviste o Neno, depois, abraçado à sua guitarra, a deliciar-Te e aos camaradas que não estavam de serviço, com as músicas de Roberto Carlos e de Júlio Iglesias.

Conhecias este rapaz que tinha deixado o Barreirense, onde se formou e assinado pelo Benfica, o que lhe conferia algumas regalias no serviço (treinos e jogos). Por isso, me espantava a sua estrondosa simplicidade e humildade. E a Ti, não ficavas orgulhoso de ter um filho como este?

Perfumadas de unção, as palavras do Arcebispo, D. Jorge Ortiga, numa bela mensagem que foi lida na celebração exequial “uma música italiana diz que a vida é somente o primeiro tempo. Esta é a mensagem que ousa deixar. O primeiro tempo da vida de Neno terminou. Teve triunfos, metas alcançadas, derrotas, assobios, talvez alguns cartões vermelhos, lágrimas, alegrias e tristezas. Este tempo terminou. Entrou no segundo tempo da vida. Aí continua a jogar num ambiente marcado somente pelo amor de Deus que lhe testemunha gratidão e recompensa pelas jogadas maravilhosas de amor fraterno e pelas defesas fenomenais dos interesses de todos quantos necessitavam da sua música, sorrisos e palavras amáveis que dirigia a idosos, crianças e a quem dele necessitava. Esta certeza de que continua a jogar na segunda parte da sua vida é serenidade para a sua esposa, filha, neta e demais familiares. Não se trata de uma ilusão. Ele continua a participar do jogo da vida da família e dos amigos. Agora, com a certeza de que as derrotas passaram, que não tem adversários a criticar e que continuará a torcer por todos e, particularmente, pelas causas de uma sociedade que tendo adversários não deve ter inimigos. Cada um, no lugar da equipa que ocupa, trabalha pelos bons resultados de uma Humanidade unida e fraterna, na igualdade e inclusão de todos, sem racismo

ou interesses mesquinhos que deturpam o jogo da vida”.

Para mim, ele foi isso tudo e muito mais, desde que o conheci como cozinheiro da Segunda Bateria do Regimento de Artilharia de Costa, na Parede, em 1983 e 1984. Acompanhou-me mais tarde, como jornalista, e encontramos tantas vezes, quando fazia os relatos dos jogos do Vitória para o jornal O Comércio do Porto e recordávamos esses momentos no RAC. Quando entrava na sala de imprensa, vinha sempre ao meu encontro, dar-me um abraço apertadinho. Os camaradas de profissão ficavam com algum constrangimento e ele explicava-lhes. “não leveis a mal, mas o Guimarães é o meu capelão”. Ele não era um daqueles vendilhões do templo que tu chicoteaste. Ele era um guarda-redes das tuas Bem-Aventuranças.

Sim, o melhor do Adelino Barros (era o nome do Teu Cabo em Oeiras) foi a sua disponibilidade total colocando a sua voz ao serviço de causas solidárias, sempre que era chamado por qualquer associação cultural recreativa ou IPSS de Guimarães e concelhos vizinhos.

O Neno foi e continuará a ser um grande farol. Para mim, certamente e para milhares de outras pessoas cujo exemplo tocou fundo na sua alma.

Sim. A vida do Neno não foi em vão. Ele não passou a vida a dormir... na forma. Deixou-nos uma pesada herança: todos, tu, eu, nós, vós, temos uma sociedade nova para construir, nas freguesias, nas empresas, na política, nos serviços sociais e no desporto, com destaque para o Futebol.

No tempo da informação vertiginosa — em que astros brilham durante um momento e desaparecem — quero acreditar que a memória do Neno não passará facilmente, sobretudo pelas belíssimas jogadas de solidariedade e atenção aos outros, semeadas em todos os momentos da sua vida.

Grita bem alto para que aconteça a aurora de um mundo melhor. Eu sei que foste meu amigo e eu também fui teu: amigos para sempre, como gostavas de cantar do Júlio Iglesias!

Nasceu de um pai Salazarista (nas palavras de Neno), que não gostava que os sete filhos jogassem futebol, as duas meninas nem se falava, e a cantora também não lhe agradava. Foi filho de um professor que apreciava o silêncio e lhe dava tostões para que se calasse e o deixasse trabalhar. E que no após 25 de Abril se mudou para Portugal.

Foste Tu, meu Deus, que o fizeste bom de bola e com uma capacidade natural para o relacionamento, no Bar-

reiro. E permitiste que lhe chamassem “elástico” (alrunha) para aparecer no Santoantoniense e depois no Barreirense, aos 13 anos.

Foste Tu que fizeste com que ele admirasse Bento e o Eusébio, mas simpatizasse com o Sporting, por causa do Damas, seu ídolo como guarda redes. Ele, que, aos 15 anos, sem luvas, tinha atrás de si Benfica, Sporting e Vitória de Setúbal.

Aos 22 anos, Neno assinou pelo clube da Luz. Ganhava 5 contos. Estávamos em 1984 e recebeu do mítico guardião Bento as primeiras luvas.

Não foste tu que armou uma confusão de treinadores, no Benfica, para que o Neno chegasse a Guimarães a primeira vez? Permitiste que, rapidamente tomasse o lugar de Jesus e fizesse uma época espetacular. O Benfica chamou-o de volta ao Barreiro.

Depois foi Pimenta Machado a ir buscá-lo a Setúbal. E Neno fez todos os jogos e conquistou a Supertaça e começou a envergar a camisola da seleção A. Certamente foste Tu que sussurraste ao ouvido do Eriksson para o ir buscar como suplente do Silvino, mas o seu coração permaneceu sempre em Guimarães. Casou no Berço, em 1990.

Trinta e um anos depois, levaste-o para junto de Ti, depois de tanta alegria distribuída em tantas instituições do Minho.

O Neno fazia-nos tão bem! A sua alegria, o seu permanente sorriso, o seu sentido ético e o saber estar de bem com a vida, a sua enorme facilidade em comunicar e saber fazer amigos, o seu gosto pela música, a sua esmerada educação e sua permanente alegria, contagiavam todos quantos com ele se cruzavam.

Mas o melhor dele - e todos o sabemos - era a disponibilidade total que o levava a colocar a sua voz ao serviço de causas solidárias, sempre que para tal era solicitado.

Neno é uma luz que nos orienta. É um farol que nos ilumina.

Deus gostou de ti, Neno, por isso, quis-te mais cedo junto de Si. Sem dor ou sofrimento.

Era tão bom ter o Neno fisicamente connosco! Mas continua como agradecida memória de quem tão bem soube honrar os dons com que Deus o presenteou e que ele sempre soube colocar ao serviço dos outros.

Neno foi e é exemplar, no sentido mais genuíno do termo. E está na Vida que o acolheu e lhe dá a felicidade que só nessa dimensão se pode usufruir para todo o sempre.





# Podcast “N2Vinho” assinalou fim da primeira temporada em Castro Laboreiro

João Martinho



Uma prova com 9 vinhos a brilhar, enófilos de todo o país e os ‘suspeitos do costume’, com boa comida à mesa e a paisagem do Parque Nacional Peneda-Gerês à janela, assinalou o fim da primeira temporada do *podcast* N2Vinho, que dá a conhecer os *vignerons* portugueses.

O *podcast* N2Vinho é uma iniciativa da garrafeira online VirguWines, que inclui entrevistas a *vignerons*, pequenos produtores que apostam na qualidade acima da quantidade. A par das conversas, também há provas de vinhos.

Para assinalar o fim da primeira temporada do N2Vinho em período de abertura da economia e com o aliviar das medidas de confinamento, foi realizado um jantar vínico no restaurante Miradouro do Castelo, em Castro Laboreiro, no qual marcaram presença 24 pessoas – provenientes de vários pontos do país, nomeadamente de Lisboa, Cascais, Mafra, Ovar, Porto, Trofa, Braga, Fafe e Arcos de Valdevez, uma afluência que demonstra a abrangência nacional do #N2VINHO – que tiveram oportunidade de assistir ao vivo ao *podcast*, mantendo as medidas de segurança de saúde pública.

Durante o repasto houve uma prova ao vivo do vinho Santiago na Ânfora do Rocim, com a presença

da produtora, Joana Santiago, da marca Quinta de Santiago, onde “nascem” vinhos da casta Alvarinho, na sub-região de Monção e Melgaço.

A série, moderada por Artur Azevedo, fundador da VirguWines, contou na primeira temporada com as participações do professor João Coutinho, do escanção e consultor Manuel Moreira e do enófilo Daniel Passos.

O *podcast* tem como missão “descomplicar” o mundo dos vinhos, apresentando alguns dos melhores produtores nacionais das diferentes regiões vinícolas portuguesas, desde o Douro ao Alentejo, passando pelos Vinhos Verdes.

Os episódios já lançados foram sempre acompanhados de provas de vinho em tempo real, com os participantes e a assistência a comungarem dos mesmos sabores, embora à distância do olhar.

Antes de cada episódio, foram anunciados os vinhos em análise, para que os interessados os pudessem adquirir previamente para viverem a experiência da prova ao mesmo tempo que os *podcasters*. Uma forma de promover a partilha de uma paixão comum em tempos de pandemia e de limitação dos contactos sociais.

No evento realizado na vila castreja brilharam ainda os 9 vinhos que foram provados ao longo da pri-

meira temporada do *podcast*: Espumante Aphros Phaunus Pet Nat 2020 (episódio 2); tinto Quinta de Arcossó Bastardo 2017 (episódio 3); branco Quinta da Palmirinha Blend 2019 – sem Sulfitos sem filtração (episódio 4); branco Quinta de Santiago Alvarinho 2019 (episódio 5); tinto Quinta de Arcossó Grande Reserva 2015 (episódio 6); Rosé Aphros Phaunus Pet Nat 2020 (episódio 7) tinto Vieira de Sousa 2019 (Episódio 8); branco Herdade do Arrepiado – Riesling 2020 (episódio 9) e o branco Quinta da Palmirinha Loureiro 2019 – sem sulfitos com filtração (episódio 10).

**Segunda temporada do *podcast* N2Vinho estreia em Julho**

Entretanto, a segunda temporada do *podcast* N2Vinho está a ser preparada, prevendo-se o seu regresso já em Julho. O primeiro episódio está a ser alinhavado e já foi escolhido o vinho para prova: O tinto Zafirah 2020, do produtor e enólogo Constantino Ramos.

Todos os episódios estão disponíveis para consulta nas várias plataformas online, nomeadamente no YouTube, Apple Podcasts, Google Podcasts e Spotify.

Texto: Susana Valente / JM (revis.)

## Assembleia Municipal de Melgaço aprovou Contas 2020

«O Executivo Municipal tem apostado no reequilíbrio financeiro, sem prejuízo da qualidade dos serviços prestados aos munícipes», afirmou o Presidente da autarquia, Manoel Batista.

A análise da prestação de contas permite ainda verificar que foi dada prioridade ao investimento no desenvolvimento do concelho e da economia local, à aposta na valorização do território, bem como na educação e ação social. Sendo de destacar, ainda, o incremento de medidas no Plano de Desenvolvimento Sustentável e Solidário (PDSS) nos últimos anos, proporcionando medidas excecionais para as famílias melgacenses e melhor qualidade de vida.

Dois eixos fundamentais revelam as apostas na racionalidade e rigor:

1. Diminuição do endividamento a médio e longo prazo 3.631.059,97€, seguindo um processo de diminuição da dívida de médio e longo prazo, desde 2014 e aumentando assim, a capacidade de endividamento, ainda com a contratação de um empréstimo durante o ano de 2018 para financiar a contrapartida nacional de projetos aprovados por fundos comunitários;

2. A redução do montante de pagamentos em atraso para 201.618,04€, sendo que, em 2014 ascendia a 1.090.848,13€, e cumprindo o estabelecido nos sucessivos Decretos-Lei de execução dos Orçamentos de Estado.

De referir ainda que no exercício económico de 2020, a execução da receita, no montante de 13.978.751,49€, situou-se nos 70%, tendo atingido 90,15% na receita corrente e de 32,90% na receita de capital. Esta taxa de execução orçamental na receita de capital demonstra a continuidade de execução e finalização de algumas obras candidatas ao quadro comunitário Portugal 2020. Sendo que foram aprovadas durante o ano candidaturas de elevada importância para o Município, como por exemplo a “Zona empresarial de Alvaredo” que se espera serem executadas durante o corrente ano de 2021.

Em 2020 a execução da receita teve um ligeiro aumento em comparação com 2019, apesar da diminuição da receita corrente em determinadas rubricas, por força das medidas adotadas no âmbito da pandemia por COVID-19, nomeadamente, isenções de taxas por



ocupação da via pública, publicidade de feiras e mercados, isenção de rendas de habitação e outros espaços municipais. Isenções e reduções de tarifas na venda de serviços, incluído o fornecimento de água, recolha e tratamento de esgotos e recolha de lixo e redução de IMT.



# Política Agrícola foi a “cereja” da Presidência portuguesa da UE

Costa Guimarães

“A presidência portuguesa fez tudo para que os Estados respeitassem a dimensão da questão pandémica” — assegurou Jean-Claude Juncker, ao fazer um balanço positivo da presidência portuguesa da UE.

Mas o Acordo Político para a reforma da PAC (Política Agrícola Comum) aprovado no dia 28 de Junho foi a cereja no topo do bolo da Presidência portuguesa, confirmando o que afirmou o ex-presidente da Comissão Europeia: “Sempre que Portugal esteve na presidência [do Conselho], a União Europeia fez progressos”.

“Portugal fez um bom trabalho, tal como fez anteriormente. Sempre que Portugal esteve na presidência [do Conselho], a União Europeia fez progressos, umas vezes lentos, outras vezes rápidos. Devo dizer que, sendo Portugal um membro de longa data da União Europeia, sempre fez tudo o que era do interesse do processo de integração europeia. E isso foi um sucesso e tanto”, afirma.

Aludindo à primeira metade da sua presidência do Conselho da UE, que decorreu em circunstâncias difíceis por causa da terceira vaga da pandemia, Juncker sublinha que os regulamentos de todos os instrumentos financeiros para responder à crise foram aprovados, e várias negociações que se arrastavam há anos foram finalmente desbloqueadas.

Por sua vez, o Primeiro-Ministro António Costa afirmou que «o início do processo de vacinação e a aprovação do quadro financeiro plurianual e do programa Nova Geração UE que abriram a porta à esperança», perante a sessão plenária da conferência dos órgãos especializados em assuntos europeus dos parlamentos da União Europeia.

Portugal assumiu a presidência do Conselho num momento decisivo para concretizar as decisões históricas que adotámos em 2020 e foi por isso escolhido o lema: “Tempo de agir: por uma recuperação justa, verde e digital», que sintetiza bem as três prioridades da presidência portuguesa são amplamente partilhadas pelos parceiros europeus.

António Costa sublinhou que «a primeira prioridade — recuperar, respondendo à emergência do presente e lançando bases sólidas para o futuro — depende, desde logo, do sucesso do processo de vacinação», no qual «tudo aponta que conseguiremos cumprir o objetivo que nos fixámos de ter 70% da população adulta europeia vacinada até ao final do verão».

A recente aprovação do certificado digital mediante acordo entre o Conselho e o Parlamento é da maior importância para a reposição do exercício da liberdade de circulação.

Nos últimos dias, foi o acordo para a reforma da Política Agrícola Comum, após três anos de negociações, que traduziu “mais um importante resultado” da presidência portuguesa.

“Hoje, conseguimos fechar a PAC mais ambiciosa de sempre”, anunciou a ministra da Agricultura no Conselho de Ministros de Agricultura (Agrifish), no Luxemburgo.

“Era uma das principais prioridades da Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia, por sabermos que a nova reforma materializa as prioridades que foram traçadas para a Europa. Foram seis meses de negociações muito intensas, que se traduziram num acordo determinante para garantir a sustentabilidade económica, social e ambiental do sistema agroalimentar europeu”, acrescentou Maria do Céu Antunes.

Esta PAC modernizada disponibiliza os instrumentos que permitem, ao sector, corresponder aos objetivos da União Europeia, os quais têm por base uma Europa mais resiliente, mais verde, mais digital, mais social e mais aberta ao mundo.

O acordo garante o desenvolvimento das zonas rurais, permite implementar o Pacto Ecológico Europeu, contribui para a neutralidade carbónica, para a biodiversidade e para a segurança alimentar.

Esta reforma da Política Agrícola Comum (PAC) valoriza uma agricultura diversificada e contempla um reforço das matérias sociais e da redistribuição dos apoios à pequena e média agricultura, a par dos incentivos à tecnologia e inovação.

Por outro lado, o orçamento da União Europeia proporcionou, a Portugal, um acréscimo de recursos (mais quatro por cento que o ciclo anterior), enquanto que os instrumentos e regras que agora se definiram permitem criar, entre 2023 e 2027, um Plano Estratégico, com um conjunto de apoios determinantes para os agricultores portugueses.

Entre as medidas mais emblemáticas, com um impacto directo na agricultura portuguesa, destacam-se: a inclusão, pela primeira vez, da dimensão social; a criação dos pagamentos ecológicos, denominados de eco regimes; a reserva de um envelope equivalente a pelo menos três por cento dos pagamentos diretos na promoção do apoio aos jovens agricultores; a criação de uma orientação mais justa e equitativa; a criação de um conjunto de apoios e regras direcionadas para sistemas e culturas relevantes em Portugal; e o estabelecimento de um sistema assente num único Plano Estratégico para Portugal.

Apresentada em 2018 pela Comissão Europeia, a nova PAC é alinhada com o Pacto Ecológico Europeu prevê 25 por cento do orçamento do primeiro pilar para regimes ecológicos, a que podem ainda crescer pelo menos 35 por cento dos fundos de desenvolvimento rural (segundo pilar) a atribuir a compromissos agroambientais.

A PAC 2021-2027 inclui o respeito do direito social e laboral europeu para receberem fundos.

O Primeiro-Ministro disse que é dever da Europa acelerar a sua participação «na solidariedade com o resto do mundo, pois não estaremos protegidos da pandemia se a vacinação se limitar ao espaço da União. Este é um esforço global, e é com orgulho que podemos dizer que somos a única região democrática que mantém um elevado nível de exportação das vacinas que produzimos e que temos uma participação muito significativa no mecanismo de repartição de vacinas COVAX, com o compromisso de 100 milhões de vacinas».

Na transição climática, foi muito importante conseguir aprovar, durante a presidência portuguesa, a primeira Lei do Clima europeia, com um compromisso comum e claro de, até 2030, assegurar a redução das emissões de 55% em termos líquidos», bem como de, «no último Conselho Europeu, ter havido um forte mandato político para a Comissão apresentar brevemente o seu programa Fit for 55 para termos um claro itinerário para atingirmos este objetivo».

Esta é também a década da Europa digital e, para além dos programas que têm sido aprovados — desde o regulamento e-privacy, há anos bloqueado, até às decisões para reforçar o combate ao terrorismo, à pornografia infantil e a outras práticas criminosas na internet —, foi realizada a Assembleia Digital que aprovou uma declaração para desenvolver um ecossistema centrado nas pessoas e no reforço da literacia digital e dos valores democráticos.

A cimeira social do Porto «foi um marco decisivo na construção do pilar social», por ter havido, pela primeira vez, um acordo entre todos os parceiros sociais e as instituições europeias para executar este plano de acção, para passar dos princípios à ação concreta na vida das pessoas, garantindo que as transições climáti-



ca e digital serão mesmo oportunidades para todos e não uma ameaça para muitos.

A terceira prioridade — uma Europa autónoma e aberta ao mundo —, significa que a autonomia europeia não pode ser identificada com protecionismo, mas com a capacidade de estabelecer uma rede internacional mais diversificada e forte para a proteção dos seus elevados níveis democráticos, sociais, ambientais, de segurança e saúde pública.

Em termos de política de vizinhança, destaca-se o Fórum para o Investimento Verde UE-África, de 80 mil milhões de euros, tendo reservado 30 mil milhões para a África subsaariana, reforçando a cooperação entre os dois continentes vizinhos.

O ex-presidente da Comissão Europeia Jean-Claude Juncker considera que Portugal realizou uma boa presidência da União Europeia, “como sempre o fez”, destacando o seu contributo para uma gestão à escala europeia da crise da Covid-19.

Este conselheiro especial da Comissão, à qual presidiu entre 2014 e 2019, Juncker, num olhar sobre o semestre português ao leme do Conselho da UE, faz um balanço “bastante positivo”, salientando que tal não constitui uma surpresa, dadas a “profunda convicção europeia do primeiro-ministro e dos membros do Governo” (cf. [www.tsf.pt/mundo/a-presidencia-portuguesa-fez-tudo-para-que-os-estados-respeitassem-a-dimensao-da-questao-pandemica-13647847.html](http://www.tsf.pt/mundo/a-presidencia-portuguesa-fez-tudo-para-que-os-estados-respeitassem-a-dimensao-da-questao-pandemica-13647847.html)).

Sendo esta quarta presidência portuguesa marcada pela gestão da Covid-19, Jean-Claude Juncker reconhece o desafio adicional que representou, dada a tentação dos Estados-membros de agir unilateralmente, para mais em domínios, como os da saúde ou da gestão das fronteiras, em que não existe uma verdadeira competência europeia.

“Era e é muito difícil unir de uma forma clara e coordenada os esforços europeus quando se trata de lutar contra a pandemia. Logo no início desta crise pandémica, assistimos a uma política europeia que se caracterizava pelo facto de cada um dos Estados-membros estar a cozinhar a sua própria sopa pandémica no seu próprio canto”, observa.

“As coisas melhoraram desde então, porque os membros do Conselho Europeu solicitaram à Comissão Europeia que se encarregasse da vacinação” — não do processo em si, mas da aquisição e entregas —, “e a presidência portuguesa fez tudo para que os Estados-Membros respeitassem a dimensão europeia da questão pandémica”.

“Portugal foi de uma grande ajuda a esse respeito”, enalteceu Jean-Claude Juncker.



# Por Terras Melgacenses

## Ribeira e Montanha | Jornalismo de Proximidade

José Rodrigues Lima

Na sombra dos tempos  
os velhos sabiam  
ouvir as vozes do mundo a falar  
onde o segredo é saber calar

Na sombra do tempo os velhos diziam  
tudo no mundo vive a falar  
os homens, as pedra, o sol e o luar  
os bichos da terra e os peixes do mar.  
(Pedro d'Orey)



### RIBEIRA E MONTANHA

Melgaço é onde Portugal começa e o mar não chega, mas o rio Minho tem força cósmica.

O território de Melgaço é formado pela zona da ribeira e montanha. A paisagem está humanizada, resultado duma longa elaboração humana.

Encontramos testemunhos desde o megalítico, passando pelos testemunhos romanos, pelo românico, pelo gótico, barroco e outras manifestações artísticas umas eruditas e outras populares.

A torre de menagem está altaneira e as pedras falam de épocas históricas, bem assinaladas em documentação.

As lendas entrelaçam-se com as verdades históricas, e o Mosteiro de Fiães, o Convento das Carvalhiças e o Convento de Paderne testemunham períodos bem assinalados.

A Matriz de Melgaço tem como padroeira Santa Maria da Porta, com título semelhante ao Santuário do Portal de Ribadavia.

Melgaço é o primeiro pólo da fronteira do Minho a ganhar grande relevo estratégico o que perdura até ao fim da Idade Média, conforme Carlos Alberto Ferreira de Almeida.

### A ÁGUA REZA E A PEDRA CALA

Como são lindas as expressões manifestando traços culturais Aqui a água reza, o vinho canta e a pedra cala.

Para localizar a zona raiana do rio Minho ainda se ouve dizer: “Aqui ouve-se o cantar do galo de dois países, de três províncias (Minho, Pontevedra e Ourense), de duas dioceses, Vigo-Tui e Ourense e a arquidiocese de Brag”.

Há necessidade de descobrir os lugares da memória e a alma dos lugares.

Quando queremos estudar os homens precisamos de olhar à nossa volta, mas para estudar os homens, precisamos de aprender a levar mais longe o nosso olhar. “Devemos primeiro observar as diferenças para



lhes descobrir as propriedades”. J. Rousseau.

O espaço geocultural do Alto Minho é litoral e interior, ribeira e montanha; terra e mar; marítimo e raiano; praia e monte; planalto e vale; branda e inverneira; rural e urbana; aldeia local e aldeia global; sitio e povoado; doméstico e social; privado e comunitário; realidade e simbólico; profano e sagrado; comunidade real e virtual; bucalismo e geobucalismo.

O escritor Guerra Junqueiro registou: “... É boa de

mais. A vida desliza suavemente, cristalinamente como regato bucólico. Nada que fira, que morda, que contrarie.

O sol ri, a verdura canta, o vinho alegra, o celeiro cheio...”

No antigo regime a riqueza duma família baseava-se no gado, no campo e no vinho. As pipas de vinho, os carros de milho, as vacas leiteiras e os bois possantes.

### OLHOS SEM REMELAS

O etenógrafo vianense José Rosa de Araújo possuía

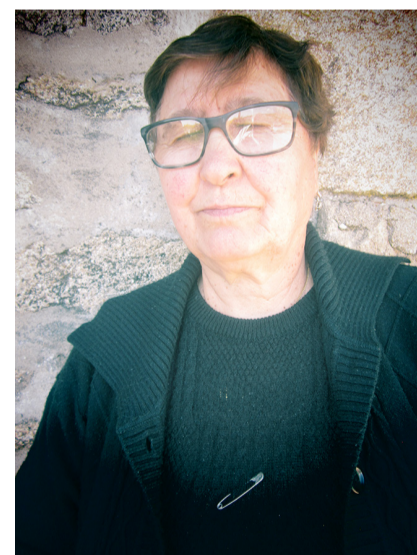


sabedoria e as suas leituras das comunidades rurais são dignas de recordação. Percorreu toda a região e foi um distinto membro da publicação Arquivo do Alto Minho e da Associação Galaico-Minhota.

Dizia a quem o acompanhava, “a la pata”:

“A cultura está aí. É preciso ter os olhos sem remelas e os ouvidos escabilhados. Depois é cruzar com o que já está nos livros. Pronto.”

Assinalando o território, temos na ribeira melga-





**NOVIDADES**  
VINHOS  
QUEIJOS  
MEL  
CHÁS REGIONAIS

**“Da Costa Congelados,  
até ao seu prato”**

Rua Dr. António Durães, 119  
4960-522 Melgaço

**Visite a nossa loja!**  
251 031 438

cense a cultura da vinha, e que bom é o Alvarinho de Melgaço! O tal dos cinco SS: solo, sol, sabedoria, sofrimento e sossego. Na zona de serra podemos sublinhar a trilogia; montes, água e gado. A pastorícia tem grande significado e valor.

Melgaço teve períodos económicos interessantes: o período do volfrâmio, do contrabando, da emigração, do termalismo, do vinho, da cultura e do desporto.

Não podemos esquecer o Centro de Estágio, com o nome do Comendador Rui Solheiro, bem como a Escola Superior de Desporto e Lazer, do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

Há tempos um importante cronista referia que Melgaço agiganta-se.

Continua na pág. seguinte



Continuação da pág. anterior

**HISTÓRIAS DE VIDA**

Este artigo tem o título de Jornalismo de proximidade.

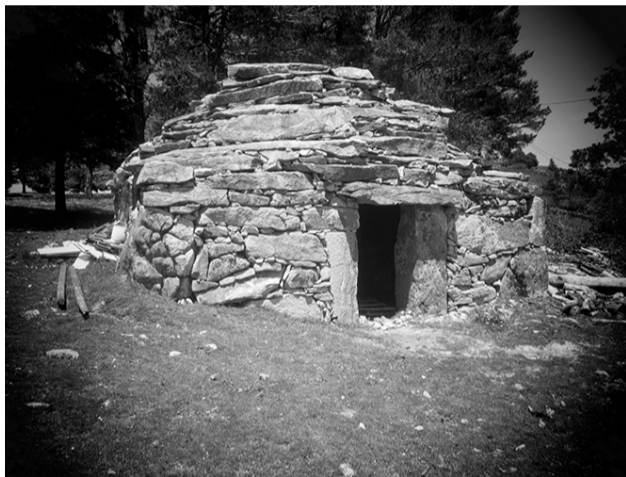
As histórias de vida são oportunidades para registar personagens...

O notável escritor Mário Cláudio, avivou-nos: “Guilhermina partiu, muito longe demora, nunca mais saberemos que história contaria”.

Os relatos etnobiográficos surgiram nos Estados Unidos entre 1918 e 1920.

A consolidação do método biográfico verifica-se por ocasião do IX Congresso do EU. Mundial de Sociologia de 1918.

Em julho de 2005 realizou-se na Universidade de Alcalá de Henares, Madrid, o VIII Congresso Mundial da História da Cultura Escrita, que teve entre diversas temáticas a “Escrita do Eu”.



O Papa Francisco na mensagem para o Dia Mundial da Comunicação Social, deste ano 2021, abre várias perspetivas para a informação.

**GASTAR AS SOLAS DOS SAPATOS**

“O próprio jornalismo, como exposição da realidade, requer a capacidade de ir onde mais ninguém vai, mover-se com desejo de ver. Uma comunidade, uma abertura, uma paixão. Temos que agradecer a coragem e determinação de tantos profissionais; jornalistas, operadores de câmara, editores, cineastas que trabalham muitas vezes sob grandes riscos. Se hoje conhecemos, por exemplo, a difícil condição de minorias entre os povos que foram denunciadas, muitos abusos e injustiças foram denunciadas em várias partes do mundo.

Seria uma perda para a informação, um empobreci-

mento para a nossa humanidade.

Na comunicação, nada pode jamais substituir, de todo, o ver pessoalmente. Não se comunica só com palavras, mas também com o tom de voz e os gestos.

E preciso gastar as solas dos sapatos.”

**PERSONAGENS**

Ao percorrer o território melgacense recordamos algumas histórias de vida

De Cevide a Castro Laboreiro, de Penso a Fiães encontramos figuras representativas. Assim em Chaviães, recordo o Senhor António de Jesus Alves Ramos, agricultor esmerado, pai de dois filhos e duas filhas. Era um exemplo pela ajuda que prestava aos vizinhos. Conhecia as tradições bastante antigas da localidade, desde os batizados, casamentos, funerais e festas com procissões. Não esquecia a benção dos campos pela Santa Cruz.



Foi sacristão na paróquia de Chaviães durante muitos anos, sempre esmerado, desde o toque do sino de manhã, ao meio dia e do fim da tarde. Pontualíssimo ao repenir para as devoções e missas diárias e dominicais. Um grande cidadão, que mereceu estima de todos.

Em Castro Laboreiro, recordamos no lugar Rodeiro. A Senhora Palmira Fernandes, das Delícias do Planalto. Muito amiga no trato e especialista no tratamento do fumeiro, presuntos e chouriços. Dá gosto ouvir a sua sabedoria e vê-la na Festa do Fumeiro e Alvarinho no seu posto de venda a receber os interessados nos presuntos. Honra ao mérito.

**BRANDEIRO ANTIGO**

Pela branda da Aveleira fizemos amizade com o Senhor Manuel Carvalho, recentemente falecido. O Se-

nhor Carvalho foi emigrante em Franca, onde trabalhou muito e comprou terras na localidade da Gave. A sua paixão era mesmo a branda, onde tinha gado cavalari e bovino. Como falava da vida de Gave, centro da aldeia, até à branda para vigiar o gado. As histórias que contava atravessam o tempo...

Era uma presença sempre certa no Dia do Brandeiro, primeiro sábado de Agosto. O seu convite para tomar um café na branda ou na vila de Melgaço era uma fidalguia. Outras personagens para futuras narrativas surgirão com o tempo.

Dos intelectuais, académicos, de Melgaço que vão desde o Padre Bernardo Pintor ao Professor Doutor Cónego José Marques, há por certo a registar, conhecidos professores universitários distintos.

**75 ANOS**

A Voz de Melgaço completou 75 anos.

Nasceu por iniciativa do Padre Carlos Vaz, que foi arcebispo de Melgaço durante um tempo longo. Os seus irmãos Padre Júlio Vaz e o Cónego António Vaz colaboraram assiduamente.

Um jornal com 75 anos é um arquivo da história melgacense. A história local não pode omitir o relevo que a Voz de Melgaço desempenha na diáspora melgacense e que fortalece a identidade da terra de Inês Negra.

Os relatos vivos da emigração clandestina, incluindo as prisões, devido a passagem a salto, estão bem marcadas com horas difíceis à mistura, daqueles que seguiram a aventura e dos familiares que ficaram.

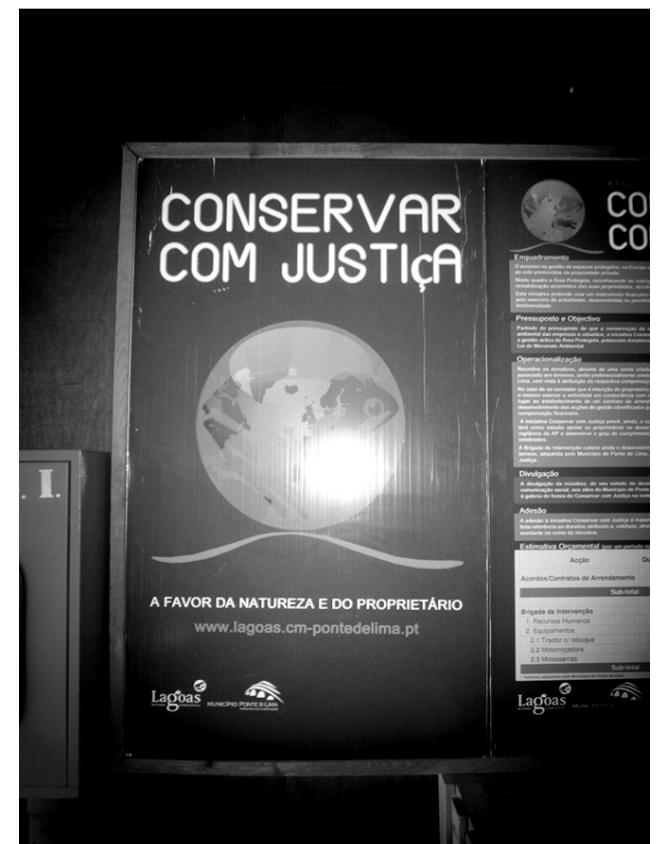
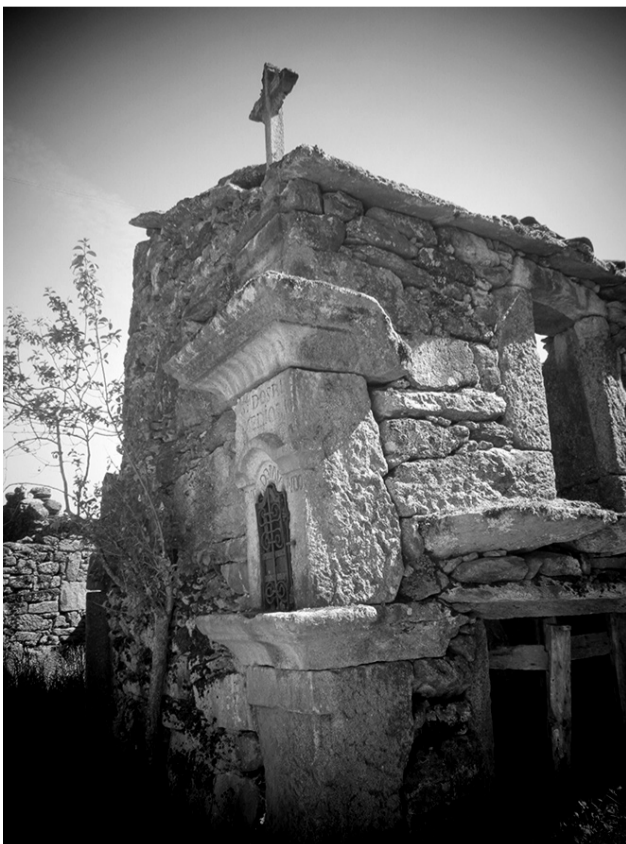
Referimos de Milton Jung os atributos do jornalismo profissional: “curiosidade, pensamento crítico, fome de notícia, desejo ardente de contar uma boa história, imparcialidade, equilíbrio, ética, experiência e conhecimento especializado”.

Muitos jornalistas têm arriscado a vida para seguir os atributos citados.

Na celebração dos 75 anos, faz-se memória de todos os colaboradores, correspondentes das aldeias, e sublinha-se o arquivo da Voz de Melgaço como grande contributo para a história da vila raiana.

**FELICITAR**

Resta-nos felicitar o diretor da Voz de Melgaço, Padre Carlos Vaz, formulando o apreço pela missão desenvolvida e pela utilidade pública do órgão de comunicação social. Todos são merecedores de admiração, não esquecendo os colaboradores que através do tempo, já longo, contribuíram para as páginas da Voz de Melgaço levar longe as notícias locais, desde o pulsar cultural, económico e vivências festivas.





# Os vinhos verdes e a casta Alvarinho

## Os primeiros textos, as primeiras notícias

José António Barreto Nunes

Na revista do jornal Expresso do dia 28 de Maio do ano corrente, secção “Vícios - Vinhos”, vem publicada uma crónica do conceituado especialista João Paulo Martins, intitulada “Monção e Melgaço para todos, um sucesso que se aplaude”.



A determinada altura, o cronista escreve com acerto que “[é] preciso recuar muitos séculos para encontrarmos as primeiras referências aos vinhos de Monção (às vezes surge como Monsão) e sempre com atributos de qualidade”. E mais à frente, talvez menos acertadamente, com um desfasamento de algumas décadas, continua o seu arrazoado, afirmando que “[h]oje falamos muito da Alvarinho, mas essa é uma casta nova, que tem pouco mais de 80 anos de história”. E digo, “menos acertadamente”, porque o Alvarinho já é falado, não há “pouco mais de 80 anos”, mas, pelo menos, desde 1867, ou seja, há, aproximadamente, 150 anos. De qualquer modo, é provável que João Paulo Martins se deva ter querido referir à comercialização e mesmo internacionalização do Alvarinho, que terá começado entre 1920 e 1930, com destino a Lisboa e Brasil.

Ora, ao ler esta interessante crónica, onde são recordados os então afamados vinhos tintos claretes, de Monção, com as suas castas Alvarelhão, Brancelho e Borraçal, salientando, depois, a viragem para os brancos, com o nosso irrepetível Alvarinho, recordei-me de uma crónica que escrevi há alguns anos, por ocasião da prolixa, mas frutuosa, discussão sobre a denominação *Alvarinho*, ou seja, se era marca ou casta, que este jornal se dignou publicar.

Por isso, entendi oportuno recuperá-la, reescrevendo-a com as alterações e adaptações que o correr do tempo justifica.

Assim, segue o texto que agora procurei actualizar, no que concerne à legislação vigente.

A fama dos vinhos de Monção e mais recentemente também de Melgaço vem de longe. Pioneiros na comercialização e exportação, os nossos vinhos desde muito cedo suscitaram a admiração dos escribas especialistas na

matéria.

Basta ver o que esse admirável Frei António Ribeiro Chiado, enólogo dos enólogos, poetou no seu livro *Prática de Compadres* na segunda metade do século XVI, em citação que fui buscar ao *Auto do Vinho*, do Professor Aurélio de Oliveira, Viana do Castelo - 2001:

“*Já que vieste à conjunção/ - A melhor que nunca vi/ Haveres de provar aqui/ Este vinho de Monção!*

– *E elle é tal??/ - Oh! Sim! Compadre, carago!/ - O melhor de Portugal!!!*”.

No meu caso, apreciador dos bons vinhos, sem ter o devaneio de os conhecer à maneira dos grandes enólogos e provadores, vou aqui e agora arriscar escrever sobre matéria que não domino.

Que me perdoem, então, os que tudo sabem sobre vinhos verdes, em especial, os que fluem da casta Alvarinho.

Mas o que vou escrever não se prende com a análise, elaboração e apreciação de vinhos. Apenas e tão-só, tive a curiosidade de procurar saber quando surgiram as primeiras notícias sobre a casta *Alvarinho* na literatura e na imprensa escrita.

Tudo porque, como sabem aqueles que se dignam perder uns minutos na leitura do que vou escrevendo neste quinzenário, tenho lido e relido jornais de Monção do último século, muitos deles com antiguidade superior a cento e vinte anos.

\* \* \*

Todos sabemos que o Decreto-Lei n.º 263/99, de 14 de Julho, que alterou o Decreto-Lei n.º 10/92, de 3 de Fevereiro, aprovou os Estatutos da Região Demarcada dos Vinhos Verdes, actualizando diversas disposições relativas à produção e ao comércio da denominação de origem “Vinho Verde”. Aliás, foi nesse contexto inicial que, depois de longa luta, o Sr. Cónego António Vaz, através do Secretário da Agricultura de então, conseguiu que o Alvarinho de Monção/Melgaço fosse declarado na área geográfica de produção de produtos com direito a DOC “Vinho Verde”, sendo reconhecida a sub-região Monção e Melgaço, integrando os respectivos municípios.

Posteriormente, com as Portarias n.º 28/2001, de 16 de Janeiro, n.º 291/2009 de 23 de Março e n.º 688/2010, de 11 de Agosto, com as alterações mais recentes da Portaria n.º

152/2015, de 26 de Maio, foi criada e densificada a sub-região de Monção e Melgaço, para a qual é reconhecido o uso exclusivo das designações “Vinho Verde Alvarinho”, “Vinho Verde Alvarinho Espumante”, “Aguardente de Vinho da Região dos Vinhos Verdes de Alvarinho”, “Aguardente Bagaceira de Vinho da Região dos Vinhos Verdes de Alvarinho”, utilizadas para os vinhos brancos e aguardentes exclusivamente provenientes de uvas da casta Alvarinho, cultivadas na sub-região e aí vinificadas e destiladas, desde que apresentem determinadas características. Mais tarde foi alargada a produção aos “Vinhos Rosados” e “Vinagres”.

Relativamente aos vinhos verdes da sub-região de Monção e Melgaço, mais pormenorizam as referidas Portarias que devem ser obtidos exclusivamente das seguintes castas: Brancas – Alvarinho, Loureiro e Trajadura (Treixadura); Tintas: Alvarelhão (Brancelho), Borraçal, Pedral e Vinhão (Sousão).



Mas, ultrapassando o campo legal, vamos ao que interessa, sabendo nós que ainda está muito por estudar e escrever sobre a história da casta e o vinho Alvarinho.

Nas minhas leituras, chamou-me a atenção o facto de nos jornais de há mais de cem anos serem frequentes as notícias e crónicas sobre Vinhos Verdes, mas só muito raramente aparecerem referências ao Alvarinho.

Aliás, a primeira nota que encontrei sobre a casta Alvarinho, surgiu-me num livro-relatório da especialidade, *Memória sobre os Processos de Vinificação dos Centros Vinhateiros do Continente do Reino apresentada ao Il. Ministro das Obras Públicas, Comércio e Indústria pela Comissão*

Clínica  
**OSTEO+**

...onde a Osteopatia vale mais!!!



**OSTEOPATIA • OSTEOPATIA PEDIÁTRICA E OBSTETRÍCIA • SHIATSU**

Dra. Cátia Rocha • Terap. Iris Fernández

**FISIOTERAPIA:** Neurológica e Ortopédica (planos individuais e personalizados).  
Cinesiterapia Respiratória, Drenagem Linfática Manual, Kinesiotaping, Etc.

Avenida Capitão Salgueiro Maia, 540 • 4960-513 MELGAÇO  
[www.osteomais.com](http://www.osteomais.com) • [clinica@osteomais.com](mailto:clinica@osteomais.com)

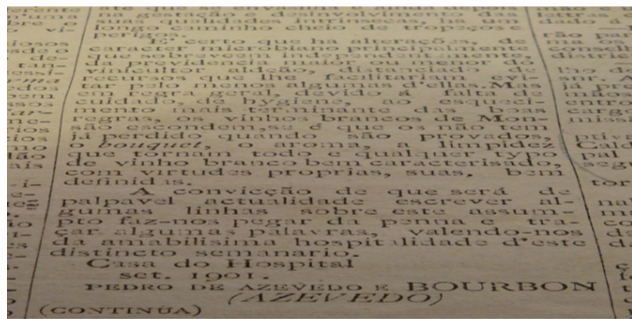
Tel. 251 401 078  
Tlm. 969 195 272



# Património de Monção e Melgaço

nomeada em Portaria de 10 de Agosto de 1866, Lisboa, Imprensa Nacional, 1867, onde, relativamente ao concelho de Monção e às suas castas apenas refere: “Alvarinho, casta branca, que produz muito”.

Também, na imprescindível obra *O Minho e as suas Culturas*, do Visconde Vilarinho de S. Romão, editado pela Imprensa Nacional em 1902, reportando-se ao distrito de Viana, diz-nos o autor que “as castas brancas preferidas são a Trajadura, o Loureiro, o Branco-Lameiro e o Alvarinho” e ainda que “dos antigos documentos bem se infere que quando os vinhos de Monção eram avidamente procurados e largamente remunerados, as castas preferidas eram sempre as mais finas”, anotando que “o Duque de Bolonha trouxe para esta outrora tão afamada região algumas das mais notáveis castas de Borgonha, que distintamente se aclimataram, produzindo os vinhos que tão alto renome conquistaram”. E ainda, “os vinhos tipo Monção são ainda hoje [referia-se à colheita de 1885] produtos de alto valor, sendo os brancos de apreciável cor dourada, muito macios, sobre-maduros e bastante alcoólicos (9,5 a 11 graus)”.



Na mesma obra, numa “Análise e provas dos vinhos de Monsão da novidade de 1885”, depois de dizer que as quintas mais afamadas e produtivas de Monção eram as do Mezio, Rosal, Boavista, S. Gião e a de Sá, culmina com a única

menção à casta sobre que escrevemos que o “produtor João Evangelista de Sá, da Quinta da Boa-Vista (extramuros de Monsão) tem as uvas alvarinho com cor branco-almoada”.

Concretamente na imprensa local, a primeira referência à casta Alvarinho que consegui localizar veio publicada no quinzenário *O Regional*, de 29 de Setembro de 1901, num excelente estudo sobre vinhos da autoria do Conde de Azevedo, D. Pedro de Azevedo e Bourbon, da Casa do Hospital, em Ceivães, figura política local e nacional que, só por si, é merecedora de um estudo mais aprofundado.

Nesse estudo sobre os Vinhos de Monção, o Conde de Azevedo, muito ligado à agricultura (foi Ministro dessa área no curto período de governação da Monarquia do Norte, entre Janeiro e Fevereiro de 1919) diz a determinada altura que “Monção em condições de solo e clima perfeitamente vantajosas, possui requisitos para que os seus vinhos sejam uma verdadeira preciosidade. Pode dizer-se isso, afoitamente falando do vinho branco, concorrendo para isso também a casta que aqui serve como que de base ao seu tipo regional: o alvarinho ou galleguinho”.

E culmina, “a convicção de que será de palpável utilidade escrever algumas linhas sobre este assunto, faz-nos pegar da pena e traçar algumas palavras, valendo-nos da amabilíssima hospitalidade deste distinto semanário”. E assina, “Casa do Hospital, Set. 1901, Pedro de Azevedo e Bourbon”.

O curioso da notícia é que nos dá indicação de que, por esse tempo, a nossa casta era conhecida por dois nomes em alternativa: Alvarinho ou Galeguinho! Caiu a denominação Galeguinho e ainda bem, porque desprotegia aquela que vingou. Ficou a denominação Alvarinho que é nossa, já que só muito mais tarde foi adoptada pela Galiza raiana, que prescindiu ou desconhece o “seu” Galeguinho.

Depois desta histórica crónica, passaram-se alguns anos de muita crise e pouca imprensa local. Nesse ínterim, a menção ao Alvarinho quase desapareceu.

Entretanto, chegou-me ao conhecimento aquele que, para mim e até ao momento, será o primeiro sinal de comercialização do Alvarinho, do ano de 1922, segundo me informaram. Refiro-me a um bem elaborado e sugestivo rótulo, relativo a uma casa solarenga, com produção de vinhos, com marca registada, que tem os seguintes dizeres: “Casa de Rodas – Branco Verde – Alvarinho – Joaquim Lobo de Miranda, Engenheiro agrónomo, Monção, Minho, Portugal. Depósito em Lisboa; R. José Estevam, 31 (Telef. 12.5366)”.

Decorridos três anos, em 1925, no então trimensal Co-



mércio de Monção, de 26 de Dezembro, numa síntese da tese de licenciatura do Engenheiro Agrónomo Raul Dantas, intitulada “Os Vinhos Brancos de Monção”, ressurgiu a denominação da casta Alvarinho, defendendo o autor que “o vinho alvarinho é um vinho para a sobremesa e o loureiro para a refeição. O vinho alvarinho é bastante alcoólico sendo muito agradável ao paladar devido à pequena percentagem de tanino e fraca acidez. O vinho loureiro um pouco mais áspero por ser menos alcoólico e mais ácido. O alvarinho é um vinho entre-maduro e o loureiro está na classificação dos verdes”.

Finaliza, com uma saborosa, embora exagerada, citação do Frei Francisco Ruy de Abreu Mata Zeberino (pseudónimo do Frei Lucas de Santa Catarina, T. III, pág. 148 – 1753): “o vinho deve ser a veneração de todos e de tudo. É a muleta dos velhos, a bengala dos moços, o apito dos enfermos, as cócegas dos tristes, a gaita dos alegres, a esmola dos pobres. É o melaço dos marotos, o cachimbo dos pretos e o chocolate dos lacaios. É o mimo das damas, o beijo das freiras, a mecha das moças, o orvalho dos velhos”.

Quase para terminar, nada melhor recordar o que esse meu tio-avô, Eng. Agrónomo Raul Dantas, escreveu sobre esta sua última citação: “**Tal descrição quase me leva a crer que ele, Frei Lucas, provou o Alvarinho de Monção!**”

Há ainda para referir, que depois deste período inicial, nas palavras de José A. Salvador, *Portugal Vinhos, Cultura e Tradição*, Círculo dos Leitores, 2006, o grande impulsor da casta Alvarinho foi Amândio Barbedo Galhano, que em 1944 fez uma intervenção pública da qual resultou a monografia *Um Vinho Branco de Monção – “O Alvarinho”*. A partir de então tornou-se imparável a intensa produção e comercialização do Alvarinho.

Por fim, recordo as palavras desse mesmo Amândio Galhano: “Os vinhos da casta Alvarinho só são bons quando nascidos em Monção, vulgarizando-se em outras zonas do Minho”, enquanto corolário do especial *terroir* desta sub-região. Provavelmente, queria referir-se a toda a região que vai de Monção a Valadares e Melgaço, cuja situação económica depende hoje quase exclusivamente da produção do vinho Alvarinho.

Enfim, outros tempos que serviram de motor para a fama e o prestígio que hoje em dia têm os vinhos verdes do mais alto Alto-Minho.

Para que essa conjugação de esforços continue, sabendo nós da imparável força que esta sub-região de vinhos verdes tem e continuará a ter no futuro, torna-se imprescindível que os dois municípios, amigos e vizinhos, do mais alto-norte de Portugal – Monção e Melgaço – actuem sempre concertadamente e nunca isolada e unilateralmente, bem como com a mais rigorosa boa fé, nos seus contactos e colaboração recíproca.

Escrevo como aprendi.  
Braga, 24 de Junho de 2021

Deixe-se deslumbrar pelo encanto do nosso espaço...

**RJO Adérito**  
restaurante  
capacidade para 250 pessoas

casamentos • baptizados • comunhões  
aniversários • serviço de catering • diárias

251 404 412 | 962 683 522 | 966 575 716  
restauranteoaderito@gmail.com  
Quinta do Pombal, 4960-330 Remoães | Melgaço

**Peso Paderne Melgaço**

**HB**  
HOTÉIS BOAVISTA  
★★★

Alojamento e Restauração

Quarto de banho privativo, minibar, ar condicionado, aquecimento central, TV, Wifi, piscina, ténis, parque infantil, parque de estacionamento privativo, Restaurante.

- Organização de eventos vocacionados para empresas ou particulares.
- Casamentos e Baptizados.
- Celebrações familiares

**BONS PREÇOS**

Tel. (+351)251 416 464 | Fax. (+351)251 416 350  
geral@hotelboavistamelgaco.com  
www.hotelboavistamelgaco.com



# Mário Cerqueira Correia, cidadão exemplar

António Jorge Tavares

Mário Cerqueira Correia, é o Grão-Mestre da Confraria dos Vinhos Verdes, há já sete anos.

Tive a sorte de ser convidado pelo próprio, para ser Assessor de Imprensa, no Gabinete do Governo Civil do Porto, quando aí desempenhou essas funções de Governador, ainda na altura em que estes organismos tinham prestígio e visibilidade nos seus distritos, já que funcionavam como apoio ao governo.

Gostaria de referir que muito antes de estar como representante da cidade do Porto, nesse organismo, Mário Cerqueira Correia, esteve muito empenhado no ensino, começando a sua carreira como professor nos Açores, na ilha Terceira, onde foi colocado, no tempo em que as viagens eram ainda realizadas de barco, viagem essa que ele ainda hoje recorda como épica.

Foi mais tarde Director da Escola de Matosinhos, onde o meu colega de escrita, Alfredo Mendes, o recorda como um excelente professor e director. Foi Administrador da RTP, com funções na cidade Invicta, onde deixou também a sua “imagem de marca”, na altura do programa Grande Reportagem, ficando do lado dos jornalistas, como bem recorda o jornalista José Manuel Barata-Feyo (no momento provedor do leitor no jornal “Público”).

Durante o período em que esteve como Governador Civil do Porto, será de referir o empenhamento que teve e a ajuda que deu à Fundação Eça de Queirós, primeiro promovendo a vinda da urna com os restos mortais do escritor de Paris, para o cemitério de Santa Cruz do Douro, onde se encontram, a seguir foi a ajuda que deu ao Governo Civil do Porto, na criação da referida fundação. Participou também na criação do Eixo-Atlântico, na altura com o Governo da Galiza, chefiado por Fraga Iribarne, iniciativa essa que pouco se desenvolveu até ao momento. Foi também anfitrião do Ministro dos Negócios Estrangeiros da China, aquando da visita que fez ao Porto. Acompanhou também a visita de Pérez de Cuellar quando o mais alto representante da ONU, esteve de visita na cidade do Porto a título privado. Também Jonas Savimbi, líder da Unita, passou pelo Porto e

foi recebido por Mário Cerqueira Correia, no Governo Civil do Porto. Gostaria de recordar um pormenor deveras curioso, ainda no seu mandato: a equipa de hóquei em patins do nosso País, ficou vencedora num torneio europeu, e no final alguns dos atletas não sabiam cantar o nosso hino nacional. Lembro-me que o Dr. Mário Cerqueira mandou fazer cassetes com o hino nacional, para serem distribuídas pelas escolas do distrito.

Por fim, recordo que recebeu várias medalhas de cidades do distrito, e destaco a que recebeu em Baião, onde tive oportunidade de estar presente na qualidade de seu Assessor. Fui escolhido para essas funções, por informação que teria sobre a minha pessoa, e não por pertencer ao partido que estava na altura no poder, o que acontece ainda hoje comigo, já que nunca me filiei em qualquer partido. Hoje em dia, é tudo diferente e os Assessores de uma simples secretaria de Estado, têm que ter filiação partidária.

Quero agora aqui destacar o trabalho que tem desenvolvido ao longo deste anos, como Grão-Mestre da Confraria dos Vinhos Verdes, onde também me incluo, já que há já alguns anos fui entronizado na mesma. Recordo que foi em Viana do Castelo, no mesmo dia em que também o Bispo de Viana entrou para a Confraria.

A Confraria dos Vinhos Verdes tem vindo a desenvolver, ao longo dos tempos, a ligação com produtores, os quais têm a possibilidade de, em cadeia, através do Zoom, de manterem um diálogo e apresentarem os seus vinhos de quinta, mantendo um contacto entre os confrades, graças às novas tecnologias de informação.

Claro está que o verdadeiro convívio entre os Confrades não é o mesmo, mas, mesmo assim, é de louvar a iniciativa, graças ao trabalho dos membros da Confraria, com destaque para Doutor Gonçalo Maia Marques que tem tido um trabalho incansável para liderar os diálogos entre os produtores e os participantes, e também para o eng.º Manuel Vieira. Tem sido um desfile enorme de produtores do vinho verde, ao longo das várias sessões já realizadas.

A próxima entronização de novos Confrades está



prevista para o mês de outubro, e terá lugar na cidade do Porto, na Fundação Cupertino de Miranda.

Será de toda a justiça que o Doutor Mário Cerqueira Correia possa também ter em breve a justa homenagem que merece, por todo o trabalho cívico que teve como cidadão empenhado nas tarefas e funções que tem exercido ao longo da sua vida.

Jornalista

(o autor escreve de acordo com a antiga ortografia)

## “Olha o Robot”!

António Jorge Tavares

Fiquei deveras surpreendido quando um destes dias, ao abrir o computador para uma breve consulta, o mesmo tinha a um canto do écran a pergunta: “ não é um robot?”. Claro que respondi negativamente, mas fiquei a pensar que efectivamente apesar de não ser um robot, existia qualquer coisa por detrás da questão.

Claro que é muito simples, e tinha vindo aos poucos, nos meus breves apontamentos que faço para “A Voz de Melgaço”, a abordar a questão de cada vez mais sermos “comandados”, “formatados” e pior ainda “vigilados”, por uma imensidão de sistemas informáticos que nos controlam com o maior despudor.

Depois vêm com o sorriso mais infantil deste mundo, fazerem-nos perguntas: se não nos importamos de os nossos dados pessoais serem utilizados, no nosso próprio interesse para promoções. Eles, que já sabem de toda a nossa vida, desde o sair de casa pela manhã, até ao restaurante onde almoçamos, as compras do supermercado e nos pormenores mais simples do nosso dia-a-dia controlam tudo.

Num debate televisivo da RTP 3, entre o Dr. David Justino e Dr. Nobre Guedes, o primeiro declarou que muitas das notícias falsas que nos impingem, são tratadas por robots! Fquei deveras surpreendido por esta revelação, e só me resta perguntar o que é que mais nos poderá acontecer no futuro.

Claro que é um facto que o homem com as suas desmedidas invenções tecnológicas se está a “destruir” a



ele próprio, já que cria mais desemprego, e a par disso, acaba por criar nas gerações futuras, um modo de vida cada vez mais artificial, onde a comunicação entre as pessoas é cada vez mais frágil.

Um dia escrevi aqui que alguns casais deixam os pais nos lares, os filhos nos infantários e vão passear os cães. Esta caricatura, felizmente não é para todos. Muitas famílias ainda procuram o bem estar entre elas, embora as circunstâncias para tal se tornem cada vez mais difíceis, quando se chega ao ponto de limitar as pessoas para um casamento ou festas de anos. Ainda mais agravado quando se incita à denúncia às autoridades, para acabar por exemplo uma festa que um

vizinho está a realizar. É um sistema “pidesco” que as autoridades policiais até agradecem, para logo a seguir passarem as respectivas multas. Aguardemos que melhores dias possam chegar em breve, para voltarmos a ser mais fraternos e solidários entre todos, embora seja uma tarefa cada vez mais complicada.

### OS 75 ANOS D’ “A VOZ DE MELGAÇO”

Embora já com um mês de atraso, não quero deixar de dar os meus parabéns ao Carlos Nuno Vaz e Família, na pessoa do Director deste prestigiado jornal, pela continuidade que tem dado ao jornal com grande dedicação.

É com muito orgulho que há já alguns anos colabore no mesmo e quero continuar. Apreciei no jornal de junho, o excelente artigo do meu camarada Costa Guimarães, onde realça a importância que a imprensa regional está a ter, atendendo ao “definhamento” que alguma imprensa nacional está a ter, mormente pelo desaparecimento de jornais centenários em Lisboa e no Porto, onde por vezes a voz livre dos mesmos deu lugar a interesses políticos e económicos, acabando por os levar ao seu encerramento.

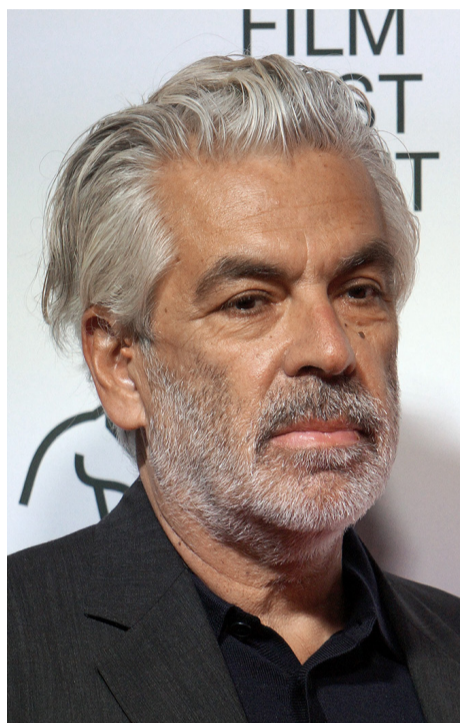
Parabéns a todos aqueles que colaboram com o seu entusiasmo na “Voz de Melgaço”, são os meus votos e um abraço para o seu Director.



# MDOC abre inscrições para Oficina de Verão com realizador Pedro Costa

Festival volta ao território e às salas de Melgaço de 2 a 8 de Agosto

João Martinho



Depois do cancelamento da última edição do MDOC: Festival Internacional de Documentário de Melgaço devido à pandemia da Covid-19, o festival regressa em Agosto com as actividades habituais.

Pela primeira vez, o realizador Pedro Costa – “Vitalina Varela” (2019), “Cavalo Dinheiro” (2014), “Juventude em Marcha” (2006), “No Quarto da Vanda” (2000), entre outros – será o formador de uma das oficinas.

Em colaboração com La Plantación – Encuentros y Conocimiento, a oficina de Verão TRABALHO, leccionada pelo realizador Pedro Costa, pretende analisar, através dos seus filmes e daqueles que o formaram, as formas e as possibilidades de sobrevivência do cinema na nossa sociedade. Esta actividade decorre de 2 a 5 de agosto e as inscrições, de número limitado, já estão disponíveis on-line em <https://laplantacion.info/>.

As residências Cinematográfica e Fotográfica Plano Frontal, regressam nesta edição, mantendo o mesmo formato que nas edições anteriores. De 30 de Julho a 8 de Agosto, 12 jovens cineastas e três fotógrafos, vão ser orientados pelo realizador/tutor Pedro Sena Nunes, com o objectivo de realizarem quatro documentários e três projectos fotográficos sobre o concelho de Melgaço. A inscrição é gratuita e inclui estadia e alimentação.

Também o curso de Verão Fora de Campo tem inscrições abertas até ao dia 15 de julho. Nesta edição, o curso tem como tema central as Narrativas na Primeira Pessoa, articulando o contacto com experiências e narrativas de proveniências diversas, sem esquecer as linhas temáticas gerais do festival MDoc – Identidade, Memória e Fronteira.

O festival continua a atribuir o Prémio Jean-Loup Passek, a secção competitiva do festival. Como excepção à não realização do MDoc 2020 devido à Covid-19, os filmes inscritos no ano passado também vão ser considerados para a edição 2021. O prémio distingue os filmes candidatos em três categorias – melhor longa-metragem internacional (3000€), melhor média ou curta-metragem internacional (1500€) e melhor documentário português (1000€).

Além disso, à semelhança da última edição, também atribuirá o Prémio D. Quixote da IFFS – Federação Internacional de Cineclubes.

Na edição do MDoc 2021, o júri do Prémio Jean-Loup Passek é composto por Alessandro Negrini, realizador e argumentista italiano multipremiado que ficou conhecido pelo filme “Paradiso”, que ganhou 18 prémios internacionais e foi seleccionado em mais de 60 festivais, e pelo seu último filme “Tides” que foi definido como doc-dream.

Também compõe o júri Alfonso Palazón Meseguer, Professor da Universidade Rey Juan Carlos em Madrid (URJC); a brasileira Jane Pinheiro, membro integrante da Comissão Organizadora do Festival Internacional do Filme Etnográfico do Recife e da Comissão da Seleção das Mostras; por Julia Kushnarenko, realizadora russa de documentários, directora de fotografia e editora que em 2017, em conjunto com Veronika Sher, fundou o International Dance Short Film Festival BODYSCOPE (Rússia); e pela realizadora portuguesa Susana de Sousa Dias, autora reconhecida internacionalmente pelo seu trabalho artístico e que ganhou o Grand Prix Cinéma do Réel e o Prémio FIPRESCI com seu filme “48”.

O Júri FICC, que vai atribuir o Prémio D. Quixote, é formado por cinéfilos de qualquer país do mundo. O prémio consiste num diploma e na promoção do filme por todo o globo através da rede de cineclubes. O júri desta selecção é composto pelo cineasta português António Francisco Pita, por Dagmar Kamlha, cineasta e curadora alemã que realizou o documentário “VON DINGEN” (2019) e por Dragan Miolinkovic Fimon, pro-



fessor universitário, produtor, dramaturgo e realizador.

Este ano, pela primeira vez, o festival irá também atribuir o Prémio Jean-Loup Passek para o melhor cartaz de cinema, atribuído a um cartaz original criado para um filme documentário, de animação ou de ficção, de curta, média ou longa-metragem, com produção portuguesa ou galega.

Além destes eventos, o MDoc realizará outras actividades, tais como o projecto “Quem somos os que aqui estamos?”, as oficinas de Cinema de Animação “A maior lição do mundo” por Abi Feijó e “Aprender em Filmes” por Graça Gomes e ainda uma outra oficina de Verão “Viajar no tempo dos outros – Castro Laboreiro”, orientada por Tânia Dinis.

O festival MDoc é uma iniciativa da Câmara Municipal de Melgaço em parceria com a AO NORTE – Associação de Produção e Animação Audiovisual, que pretende promover e divulgar o cinema etnográfico e social, reflectir sobre identidade, memória e fronteira.

A edição de 2021 do festival decorrerá de 2 a 8 de Agosto.



## AGÊNCIA FUNERÁRIA MIRA

**Salvador Gonçalves**  
Ferreiros - Alvaredo | 88 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



**Ausenda Guerreiro Rodrigues**  
Várzea - Paderne | 81 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



**Ilda Maria Rosa Esteves**  
Cristóval - Melgaço | 80 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



**Hermínio Rodrigues**  
Paços - Melgaço | 85 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



**Elvira Fernanda Vaz**  
Fiães - Melgaço | 80 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



**Sara Conceição Domingues**  
Veiga - S.Paió | 92 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



**Maria Olinda Lourenço**  
Pomares - Paderne | 61 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



**Alfredo Gonçalves Pinto**  
Boavista - Roussas | 69 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



**José Alves Domingues**  
Estar - Roussas | 67 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



## CFAM Internacional Funerária (Vilarinho)

**Maria Lurdes G. Fernandes**  
Portela - Paderne | 86 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam a saudosa extinta à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



**Celestino Jesus Domingues**  
Baixo - Cubalhão | 82 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



**Tito António de Castro**  
Casais - Paços | 89 Anos

A família vem por este único meio agradecer penhoradamente a todas as pessoas que lhe manifestaram o seu pesar e acompanharam o saudoso extinto à última morada, bem como àqueles que assistiram a todos os actos do culto.



**«Numa altura tão dura em que somos privados de acompanhar pessoalmente os nossos amigos na dor da perda de um ser querido, aqui nos fazemos eco dos sentimentos de todos quantos fazem com que a ausência imposta legalmente seja vencida pela proximidade de uma presença em página impressa que dá a conhecer a muitos e permite que nos unamos em oração agradecida por quantos esperamos estejam já nos braços do Pai, e pelos familiares para que consigam superar momentos tão difíceis».**

# Verão 'cá dentro': Portugueses planeiam férias em território nacional

## Espanha ocupa o segundo lugar das preferências

João Martinho

Cerca de 62% dos portugueses têm planos para viajar durante os meses de Verão e 46% escolhe Portugal como destino de eleição para fazer férias.

Os dados, revelados pelo 20.º Barómetro Anual de Férias de Verão da Europ Assistance, realizado em parceria com a IPSOS, apresentam uma perspectiva global dos planos de férias em diversos países, de forma a avaliar o impacto da pandemia de Covid-19 no panorama mundial das viagens.

O estudo revela ainda que, no rol de destinos fora de portas, **Espanha (18%) lidera a preferência dos cidadãos portugueses neste Verão, seguindo-se França (9%) e Itália (5%).**

Apenas 26% dos portugueses já reservou as suas férias ou parte delas, uma tendência que está em linha com a maioria dos países em análise. **Por outro lado, Portugal é o destino de preferência dos espanhóis.**

A higienização dos meios de transporte (56%) e o acesso a informação relacionada com a Covid-19 no destino de férias escolhido (47%), assim como um teste negativo ao vírus antes de viajar (46%) são algumas das condições mais valorizadas pelos portugueses para decidirem o local de férias deste verão.

**Depois dos vários meses de confinamento e apesar dos locais perto do mar serem os mais requisitados pelos turistas europeus (58%), os viajantes inquiridos mostram uma cada vez maior preferência por férias em locais isolados e pautados pela natureza, fora das grandes**



cidades e que lhes permitam passar tempo perto de familiares e amigos. Tal como é o caso de Portugal, França, Bélgica, Espanha e Reino Unido, onde existe um maior interesse em fazer férias no campo.

Em termos gerais, os cidadãos inquiridos no 20.º Barómetro Anual de Férias de Verão da Europ Assistance acreditam que as mudanças adoptadas no sector das viagens durante este período atípico são temporárias e prevêem um retorno à normalidade nos próximos dois anos.

O 20.º Barómetro Anual de Férias de Verão da Europ

Assistance foi realizado pela Ipsos, através de um inquérito online a 14.000 indivíduos (amostras nacionais representativas de 1.000 pessoas por país) na Europa (França, Alemanha, Itália, Áustria, Bélgica, Espanha, Polónia, Portugal, República Checa, Suíça e Reino Unido), na Ásia (China e Tailândia) e nos EUA. A pesquisa foi realizada entre 5 e 20 de maio e tem como objetivo oferecer uma perspetiva global dos planos de férias dos cidadãos dos países em questão, de forma a avaliar o impacto da pandemia de Covid-19 no panorama mundial das viagens.





Cartório Notarial  
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/07/2021  
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

**CERTIFICO** narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia vinte e três de junho de dois mil e vinte e um, exarado a folhas oitenta e seis e seguintes do Livro de Notas para Escrituras Diversas número VINTE E UM- M deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual FERNANDO AUGUSTO DA SILVA e mulher ROSA MARIA DE PASSOS CORREIA LOURENÇO, que também usa o nome e é conhecida por Rosa Maria Correia Lourenço da Silva, casados sob o regime de comunhão de bens adquiridos, naturais ele da freguesia de Paderne, concelho de Melgaço, ela da extinta freguesia de Santa Maria Maior, concelho de Viana do Castelo, residentes no Largo Infante D. Henrique, número 65, União das Freguesias de Viana do Castelo (Santa Maria Maior e Monserrate) e Meadeta, concelho de Viana do Castelo, declararam que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, dos seguintes bens imóveis, sítios na freguesia de PENSO, concelho de MELGAÇO, não descritos na competente Conservatória do Registo Predial:

Verba um: Prédio Urbano, sito no lugar de LAGES, composto por uma casa de morada de três pavimentos e rossios, com área total de cento e trinta e dois metros quadrados, área coberta de cinquenta e dois metros quadrados e área descoberta de oitenta metros quadrados, a confrontar de NORTE com Evaristo Domingues, de SUL e POENTE com Caminho Público e de NASCENTE com Manuel Cordeiro, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 548, que teve origem no artigo 103 urbano da freguesia de Penso, com o valor patrimonial tributário e atribuído de € 15 661,45

Verba dois: Prédio Rústico, denominado "PORTO DO RIO", sito no lugar de LAGES, composto de terreno de cultivo e vinha, com a área de seiscentos e noventa metros quadrados, a confrontar de NORTE com Rio, de SUL com Aldina Vaz, de NASCENTE com António Ferreira Passos e de POENTE com Sara Soares, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 2510, com o valor patrimonial tributário e atribuído de 109,83;

Verba três: Prédio Rústico, denominado "SOCALCOS DA BARREIRA", sito no lugar de TELHADA PEQUENA, composto de terreno de cultivo e vinha, com a área de setecentos metros quadrados, a confrontar de NORTE com Fernando Bernardes, de SUL com Caminho Público, de NASCENTE com Miguel Fernandes e de POENTE com Manuel Rodrigues de Oliveira, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 2586, com o valor patrimonial tributário e atribuído de € 153,25;

Que entraram na posse dos citados prédios, já no estado de casados e em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil

novecentos e setenta e nove, por doação verbal que lhes foi feita pelos pais do justificante marido, Fernando Augusto da Silva e Maria de Jesus Soutelo, residentes que foram no dito lugar de Lages, sem que, contudo, tenham chegado a formalizar devidamente a mesma;

Que, assim, há mais de vinte anos se encontram os justificantes na posse e fruição das mencionados prédios, posse esta sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, mantendo e fazendo obras de conservação no urbano e limpando os seus rossios, cultivando, amanhando a terra e limpando os rústicos, em todos usufruindo de todas as utilidades, suportando os respetivos encargos e despesas de fruição;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e, assim, a posse pública, pacífica, continua e em nome próprio dos referidos prédios desde o indicado ano de mil novecentos e setenta e nove conduziu à aquisição dos mesmos por usucapião, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, vinte e três de junho de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial  
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/07/2021  
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

**CERTIFICO** narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia vinte e quatro de junho de dois mil e vinte e um, exarado a folhas noventa e uma e seguintes do Livro de Notas para Escrituras Diversas número VINTE E UM- M deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual Padre Raul de Oliveira Fernandes, solteiro, maior, natural da freguesia de Sampriz, concelho de Ponte da Barca, onde reside no lugar de Granja e Padre César Manuel Araújo Maciel, solteiro, maior, natural da extinta freguesia de Monserrate, concelho de Viana do Castelo, residente na Rua do Pereiro, número 167, União das Freguesias de Geraz do Lima (Santa Maria, Santa Leocádia e Moreira) e Deão, concelho de Viana do Castelo, que outorgam na qualidade de **Presidentes, em representação da "FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE SÃO MAMEDE DE PARADA DO MONTE"**, com

sede no lugar de Coto Santo, União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão, concelho de Melgaço, declararam:

Que a "FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE SÃO MAMEDE DE PARADA DO MONTE", com exclusão de outrem, é dona e legítima possuidora dos seguintes bens imóveis, todos situados na indicada União das Freguesias de PARADA DO MONTE E CUBALHÃO, não descritos na Conservatória do Registo Predial de MELGAÇO:

VERBA UM: Prédio urbano, denominado "RESIDÊNCIA PAROQUIAL", sito no Caminho da Igreja, número 43, lugar do Coto Santo, composto por edifício de rés-do-chão, primeiro andar e rossios, destinado a habitação, com a área total de **seiscentos e vinte e três vírgula setenta e cinco metros quadrados, coberta de duzentos e dezoito metros quadrados e descoberta de quatrocentos e cinco vírgula setenta e cinco metros quadrados**, inscrito na respetiva matriz urbana sob o artigo 80 que teve origem nos artigos 3119 rústico, 9112 urbano e 9109 urbano, todos da referida União das Freguesias, com o valor patrimonial e atribuído de €48 340,00;

VERBA DOIS: Prédio urbano, denominado "IGREJA PAROQUIAL", sito no Caminho da Igreja, lugar do Coto Santo, composto por edifício de um pavimento, adro e logradouro, com a área total de **mil duzentos e cinquenta e sete vírgula noventa metros quadrados, coberta de duzentos e trinta e quatro vírgula cinquenta metros quadrados e descoberta de mil e vinte e três vírgula quarenta metros quadrados**, a confrontar de NORTE e POENTE com Caminho da Igreja, de SUL com Estrada da Igreja e de NASCENTE com Cemitério, inscrito na respetiva matriz urbana sob o artigo 9693 que teve origem no artigo 797 urbano da extinta freguesia de Parada do Monte, com o valor patrimonial e atribuído de €92 130,00;

Que a sua representada não dispõe de documento que lhe permita proceder ao registo destes prédios na referida Conservatória, mas após conversas com as pessoas mais idosas e consultas aos documentos existentes na paróquia, se infere que os prédios indicados há mais de **cem anos** estão na posse e fruição da comunidade paroquial de São Mamede de Parada do Monte, pelo que a sua representada não é detentora de qualquer título formal que legitime a posse dos referidos bens e tem usufruído dos prédios, em nome próprio e através dos sucessivos párocos que serviram a paróquia, ocupando-os, sem pagamento de renda, praticando o culto, procedendo a obras de conservação e limpeza, que custeia, fruindo as respetivas utilidades, pagando as contribuições que sobre os mesmos incidem, agindo, assim, quer quanto à fruição, quer quanto aos encargos, por forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, ao praticar os diversos atos de uso, fruição, posse e defesa de propriedade, na convicção de que não lesa, nem nunca lesou quaisquer direitos de outrem;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e, assim, tendo a "FÁBRICA DA IGREJA PAROQUIAL DE SÃO MAMEDE DE PARADA

DO MONTE" exercido sobre os indicado prédios, em nome próprio, uma posse pacífica, contínua e pública que dura **há mais de vinte anos** justifica a sua aquisição pela **usucapião**, que invoca para fins de registo predial, na impossibilidade de se comprovar o referido domínio e posse por outros meios extrajudiciais;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, vinte e quatro de junho de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial  
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/07/2021  
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

**CERTIFICO** narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia vinte e cinco de junho de dois mil e vinte e um, exarado a folhas cem e seguintes do Livro de Notas para Escrituras Diversas número VINTE E UM- M deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual CONSTANTINO DOMINGUES e mulher MARIA DE FÁTIMA ESTEVES, casados sob o regime imperativo de separação de bens, naturais da extinta freguesia de Parada do Monte, residentes no Caminho do Videiro, número 186, na União das Freguesias de Parada do Monte e Cubalhão, todas as freguesias do concelho de Melgaço, declararam:

Que são donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte bem imóvel, sito na referida União das Freguesias de PARADA DO MONTE E CUBALHÃO, não descrito na Conservatória do Registo Predial de MELGAÇO:

Prédio Rústico, denominado "CAVADOSSO", sito no lugar de CAVADOSSO, composto por terreno de vinha, com a área de quatrocentos e quarenta metros quadrados, a confrontar de NORTE com Caminho Público, de SUL com Armindo Pires, de NASCENTE com Manuel Esteves e de POENTE com Manuel Domingues, inscrito na respetiva matriz sob o artigo 1643, que teve origem no artigo 761 rústico da extinta freguesia de Parada do Monte, com o valor patrimonial tributário de € 207,99;

Que desconhecem o artigo da antiga matriz rústica bem como os segundos antepossuidores do prédio por serem muito antigos e entraram na posse do citado prédio em data que não podem já precisar, mas que se situa por volta do ano de mil novecentos e oitenta, por compra verbal que não chegou a ser formalizada, feita a Hortelinda Esteves e Manuel Caetano Afonso, residentes ele que foi e ela que é no lugar de Crasto, freguesia de Dume, concelho de Braga;

Que assim há mais de vinte anos se encontram os justificantes na posse e fruição do mencionado prédio, posse que se tem exercido dentro de um espírito de comosse e que se tem mantido sem qualquer interrupção, até hoje, com reconhecimento como seus donos por toda a gente, sem violência e sem oposição de quem quer que seja, ostensivamente agindo sempre com o ânimo e a forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, cultivando-o, limpando-o, tratando a vinha, sulfatando-a e colhendo as uvas, agindo, quer quanto à fruição, quer quanto aos encargos, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, sempre na proporção dos seus direitos;

Que da presente justificação não resulta fracionamento ilícito e que, assim, a comosse pública, pacífica, contínua e em nome próprio do prédio desde mil novecentos e oitenta conduziu à aquisição do mesmo por usucapião, que invocam para justificar o seu direito de propriedade para fins de inscrição a seu favor na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, vinte e cinco de junho de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Gonçalves



Cartório Notarial  
de Melgaço

Notário Marco Gonçalves

«A Voz de Melgaço» 01/07/2021  
EXTRACTO DE JUSTIFICAÇÃO

**CERTIFICO** narrativamente, para efeitos de publicação, que no dia trinta de junho de dois mil e vinte e um, exarado a folhas cento e dezasseis e seguintes do Livro de Notas para Escrituras Diversas número VINTE E UM- M deste cartório, foi lavrada uma escritura de justificação na qual DELFINA ESTEVES, viúva, natural da extinta freguesia de Castro Laboreiro, concelho de Melgaço, residente na Avenida Capitão Salgueiro Maia, número 237, primeiro esquerdo, nesta União das Freguesias de Vila e Roussas, declarou:

Que a herança ilíquida e indivisa aberta por óbito de seu cônjuge ARTUR ESTEVES (NIF 740182790), é dona e legítima possuidora, com exclusão de outrem, de **um sexto indiviso do Prédio Urbano**, sito no Lugar de RAMISQUEIRA, na indicada União das freguesias de CASTRO LABOREIRO E LAMAS DE MOURO, composto por casa de morada, com **área total de noventa metros quadrados, área coberta de setenta metros quadrados e área descoberta de vinte metros quadrados**, a confrontar atualmente de NORTE com Caminho, de SUL com

Manuel Afonso, de NASCENTE com Herdeiros de José Esteves e de POENTE com Manuel Afonso, inscrito atualmente na respetiva matriz sob o artigo 12650 da referida União das Freguesias, que teve origem no artigo 684 da extinta freguesia de Castro Laboreiro;

Que o prédio se encontra descrito na Conservatória do Registo Predial de MELGAÇO sob o número DOIS MIL NOVECIENTOS E OITO da freguesia de CASTRO LABOREIRO, tendo apenas registo de aquisição quanto à referida sexta parte indivisa, a favor de "Júlio Enes, casado, residente em Ourimadêlo, Castro Laboreiro, Melgaço", pela AP. 1 de 12/02/1949;

Que os pais da ora outorgante, José Bento Esteves e Isabel Maria Fernandes, terão adquirido essa sexta parte indivisa ao mencionado Júlio Enes, entretanto falecido, por volta do ano de mil novecentos e sessenta, por escritura de compra e venda, mas, apesar das extensivas buscas efetuadas, à primeira outorgante não lhe foi possível encontrar o documento que titulou esse contrato, ignorando o cartório onde terá sido lavrada;

Que posteriormente a ora outorgante e o seu finado cônjuge entraram na posse do mesmo, na aludida proporção de um sexto indiviso, em dia e mês que não consegue precisar do ano de mil novecentos e sessenta e sete, por partilha de herança feita com os demais herdeiros por óbito de seu pai José Bento Esteves que nunca chegou, contudo, a ser devidamente formalizada;

Que tendo a outorgante contraído matrimónio sob o regime de comunhão geral de bens em mil novecentos e sessenta e seis, há mais de vinte anos entraram esta e o seu referido cônjuge na posse e fruição do prédio, na referida proporção, nela se mantendo e lhe sucedendo até hoje os herdeiros, de forma continuada, à vista de toda a gente e sem oposição de quem quer que seja, sem intenção de lesar direito alheio, praticando em relação à mesma todos os atos de aproveitamento de utilidades, procedendo a obras de conservação e limpeza, que custearam, pagando os demais encargos e que esta posse tem sido exercida de forma ininterrupta e ostensiva, à vista de toda a gente e sem violência ou oposição de quem quer que seja, de forma correspondente ao exercício do direito de propriedade, pelo que esta posse pública, pacífica, contínua e em nome próprio de um sexto indiviso do prédio, há mais de vinte anos conduziu à aquisição do mesmo por usucapião, que invocam para justificar o direito de propriedade para fins de inscrição a favor da aludida herança de Artur Esteves, na competente Conservatória do Registo Predial;

ASSIM e por este meio, são avisados quaisquer interessados, para impugnar em Juízo, durante o prazo de trinta dias, a contar da publicação deste extrato, dos factos justificados, nos termos do disposto do n.º 1 do artigo 101.º do Código do Notariado.

Está conforme o original, na parte a que me reporto.

Melgaço, trinta de junho de dois mil e vinte e um.

O Notário, Marco Gonçalves



# Associação Católica Cultural de Macau

## Entrevista com Armindo Vaz



Macau tem sido, especialmente ao longo dos últimos quatrocentos anos, um ponto de encontro entre culturas.

A criação da "Associação Católica Cultural de Macau" teve por propósito promover o diálogo, construir as fundações de um entendimento mútuo numa perspectiva cultural, inaugurar uma nova era no intercâmbio entre a China e o Ocidente e contribuir para o futuro da sociedade de Macau.

Tendo em vista dar a conhecer, popularizar e partilhar os recursos culturais católicos de Macau, a Associação lançou uma série de curtas-metragens, denominadas "Viver de acordo com a fé", quer através do YouTube, quer através do Facebook. Esta série de curtas-metragens têm por propósito dar a conhecer a forma como os fiéis de Macau vivem a sua fé e através do seu testemunho mostrar como é que a vivência de Cristo é experienciada à luz da cultura católica local.

Armindo Vaz, assinante e colaborador deste jornal, cidadão Português a residir em Macau há cerca de 25 anos, foi o católico de origem Portuguesa escolhido por aquela Associação para dar o seu testemunho. Aqui fica o essencial da entrevista:

### Qual a razão da sua vinda para Macau?

Vim para Macau por razões profissionais. Foi-me oferecido um lugar de auditor num Banco Português em Macau, achei interessante e decidi vir

### Qual a génese da sua fé Católica?

Nasci em Tagilde, uma pequena aldeia do Norte de Portugal, onde a fé católica era partilhada por toda a gente. Daí que tenha crescido numa atmosfera profundamente católica. Retenho comigo muitas boas memórias dessa época. Por exemplo, o Natal, como festa da família; as procissões, o "Mês de Maria", em Maio, que era seguido por toda a gente... vivia-se numa atmosfera profundamente católica

### Fale-nos um pouco do seu papel na Casa de Portugal

Sirvo a Casa de Portugal há mais de 10 anos. Actualmente com o cargo de Presidente do Conselho Fiscal, venho cá para as reuniões relacionadas com essa função. Mas como membro da Casa de Portugal, venho cá igualmente para me divertir, petiscar, conversar e para ajudar



no que for necessário.

### Como vive a sua fé na comunidade?

Como Católico acredito que é necessário traduzir a nossa fé em obras, em algo de bom. De outra forma, será totalmente inútil. Por isso, quando cá chega alguém e precisa de ajuda, a nossa porta está sempre aberta. Há sempre alguma forma de os receber, e de os orientar.

Como cidadãos responsáveis, temos que olhar para quem passa necessidade. No Escutismo, aprendemos que devemos deixar o mundo um pouco melhor do que o encontramos.

### Como vive a sua fé na família?

Tenho muita sorte em ter uma família que partilha dos mesmos valores. Isso ajuda muito a permanecermos unidos e fortes. Ter a mesma fé e os mesmos valores é muito bonito, como família. Espero poder legar esses valores aos meus filhos. Rezar em conjunto é uma excelente forma de permanecer unidos. Em Portugal temos um ditado que diz: "Família que reza unida, permanece unida!", o que é muito importante.

### Fale-nos de alguns sacerdotes inspiradores que conheceu em Macau

O primeiro sacerdote que conheci em Macau foi o Rev. Prof. Pe. João Lourenço, primeiro Reitor e fundador da Universidade de São José. É um académico muito respeitado entre os seus pares e, no entanto, é uma pessoa muito humilde e alegre. Outro sacerdote muito inspirador é o Pe. Luis Sequeira, Jesuíta, um experiente sinologista, um profundo conhecedor da alma humana e muito respeitado, quer entre a comunidade Chinesa, quer na comunidade Portuguesa.

### Como vê a Igreja em Macau?

A Igreja não é Portuguesa, nem é Chinesa, mas sim universal. "Católica" quer dizer exactamente isso: universal.

Por isso é muito natural que a fé católica, que foi trazida pelos Portugueses há quatrocentos anos atrás se adapte à realidade local. Terá que ser assim, para que possa sobreviver e crescer. E para ser útil também. Por isso, a Igreja de Macau terá que ser cada vez mais Chinesa.

A entrevista está disponível no canal youtube: <https://youtu.be/SCV3umN3D5A>



## #És Cura | N.º1: Mudar de Vida

O meu nome é Paula Alves e tenho o privilégio de ter este espaço para partilhar convosco algumas das divagações que gosto tanto de fazer.

No fundo, o que me traz aqui é um convite para quem se quiser juntar a mim nestas reflexões sobre a Vida e sobre tudo o que isso nos faz sentir e pensar, e também nas diversas considerações sobre o seu impacto nas nossas decisões e acções do dia-a-dia.

Mas primeiro, permita-me que me apresente.

Como referi, chamo-me Paula e sou natural de Melgaço, nascida no Antigo Hospital da Vila há 40 anos. Cresci neste concelho mais a Norte de Portugal, até que saí para estudar fora. Terminei o curso e cumpro o que sempre disse que faria: Regressei à minha terra (pela qual tenho uma paixão infinita). Voltei em 2003 e cá permaneci até 2013, onde trabalhei sempre ligada a pessoas. E, nesse ano, passada uma década da «ninho», decidi sair novamente. Para mudar de vida.

Exacto. Sim, leu bem. Escrevi mesmo o que queria escrever:

- «**Para mudar de Vida.**»

São escolhas que se concretizam, e que envolvem vontade, coragem, necessidade, loucura e acção. Não sei qual destes aspectos teve que ser o maior e mais forte para concretizar o passo da saída (contra tudo o que seria lógico e racional), mas **tenho a certeza que quem Eu sou hoje é muito melhor do que aquela pessoa que, naquela altura, esteve no dilema da mudança.**

Desde então, além de tudo o que se transformou em mim, o mundo inteiro mudou significativamente. Cada um de nós foi (e é) também chamado a adaptar-se a uma nova realidade, transformando-se a cada dia que amanhece.

E o convite que gostava de partilhar consigo é precisamente este, de embarcar comigo numa viagem interna: para reflectirmos em conjunto sobre quem somos, sobre a pessoa que precisamos, queremos e ambicionamos ser. É também uma análise sobre tudo o que isso implica, tudo o que isso nos exige. E tudo o que, com as nossas decisões, acaba por ficar para trás.

**Estas linhas que gostaria de partilhar consigo, dizem respeito à vida e a todos os desafios (oportunidades e crises) que somos chamados a viver. Com todas as emoções e pensamentos que se formam dentro de nós durante todo este caminho. No fundo, o que aqui proponho é que possamos conversar sobre o que é isto de ser pessoa, de sermos quem somos dentro de nós mesmos.** E fora de nós também, porque vivemos em grupo, em sociedade e somos parte integrante de diversos sistemas: família, comunidade, contextos de trabalho e de lazer, e todas as outras dinâmicas em que participamos.

*Podemos ir juntos?*



# MIRA

Consigo desde 1850

NOVAS INSTALAÇÕES

Rua Rio do Porto, 53 – Melgaço | [www.mmira.pt](http://www.mmira.pt) | [geral@mmira.pt](mailto:geral@mmira.pt) | (+351) 251 404 014  
Serviço permanente: (+351) 963 095 087 | (+351) 251 416 237

Serviços funerários: funerais e transladações, cremações, repatriamentos, florista, burocracias relativas ao óbito.

Arte fúnebre: várias combinações de campas e jazigos (mármore ou granito), lápides e peças em bronze. Visite a nossa exposição.

Florista: flores para todas as ocasiões, flores para empresas e organização de eventos à sua medida.

Novidade: Serviços de manutenção e gestão de monumentos fúnebres (campas, sepulturas e jazigos). Consulte as condições em [www.mmira.pt](http://www.mmira.pt).

## Vendem-se Campo de Souto – Cristóval

2 casas de habitação, uma casa de arrumos e terreno circundante a ambas num total de quase 2 hectares.

**Têm muita água própria.**

**Contactos:  
251 414 973 / 969623094**



# Contra a ‘pandemia’ das fake news, rádio e jornais impressos continuam entre os meios mais confiáveis para consumo de informação

João Martinho

71 por cento dos portugueses não acreditam nas notícias que consomem e mais de 20% sente necessidade de confirmar as notícias antes de acreditar nelas, é uma das conclusões de um estudo da multidados.com – the research agency e da COMbyCOM, representada em Portugal pela Guess What e pela Porto de Ideias, sobre consumo de informação dos portugueses e relação com as chamadas fake news.

O estudo conclui ainda que 98,5% dos inquiridos já ouviu falar de fake news e 98,9% sabe o que o termo significa. Numa escala de 1 a 10, os inquiridos acreditam que existem fake news nas redes sociais (7,8), jornais online (6,6), televisão (6,18) e em jornais impressos (6,02). Contudo, considerando a mesma escala, os inquiridos dizem confiar na rádio (7,06), jornais impressos (6,99), televisão (6,94) e jornais online (6,54).

Mais de metade dos portugueses (53%) diz consumir informação diariamente, sendo que a faixa etária que mais consome informação todos os dias é a dos 25 aos 39 anos. A fonte privilegiada são os jornais online (52%), seguidos das redes sociais (28,9%) e da televisão (15,1%).

Na hora de fazer o fact checking (verificação de factos), 21,9% dos portugueses fazem verificação de dados e 60% usam a internet para essa tarefa, enquanto 40% optam por outros meios de comunicação social, que não aquele onde consumiram a notícia inicialmente.

O conceito de fake news parece já fazer parte do léxico de uma grande maioria, mas poucos são aqueles que se preocupam em verificar ou cruzar factos. Neste contexto, as fontes de informação, como é o caso das agências de comunicação, têm hoje um papel fundamental e ainda mais exigente na divulgação de informação clara, objetiva e acertada”, afirma Jorge Azevedo, Managing Partner da Guess What.

“Estes resultados vêm provar a importância acrescida dos jornalistas e dos órgãos de comunicação social, mas também da credibilidade das fontes da informação, termo que o cidadão comum sem o saber reconhece e qualifica. E aí entram as agências de comunicação como um parceiro credível dos jornalistas na luta contra as fake news”, conclui Carlos Furtado, Diretor Geral, Porto de Ideias.

## Fake News

53% dos portugueses consome notícias diariamente e 40%, várias vezes por semana

As Fake News caracterizam-se pela divulgação de informação enganadora ou descontextualizada transmitida pelos media ou redes sociais. Este estudo pretende compreender a percepção e valorização das fake news em Portugal.

Recolha da informação  
A informação foi recolhida através de 1500 inquiridos online (CAWI) com duração aproximada de 7 minutos, efetuadas entre os dias 28 de Abril e 19 de Maio de 2021.

Amostra  
O estudo foi realizado a indivíduos com idade superior a 16 anos, a residir em território nacional.

COMBYCOM

Representada em Portugal por

GUESS WHAT

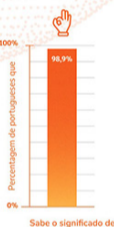
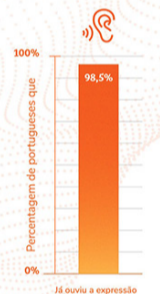
### Fontes consultadas



**71,4%**  
dos portugueses não acredita nas notícias que consome



**21,9%**  
confirma as notícias que consome (60% na internet e 40% noutros meios de comunicação)



Grau de relevância das fontes de informação:	Crença na existência de fake news em Portugal:	Grau de confiança nos tipos de meios:
de 1 a 10	de 1 a 10	de 1 a 10
Especialistas das áreas: 2,12	Redes Sociais: 7,80	Rádio: 7,06
Meios de comunicação social: 2,59	Jornais Online: 6,60	Jornais impressos: 6,99
Familiares: 3,22	TV: 6,18	TV: 6,94
Amigos: 3,61	Jornais impressos: 6,02	Jornais Online: 6,54
Políticos: 4,10	Rádio: 5,88	Redes Sociais: 4,04
Redes sociais: 4,32		

Estudo desenvolvido por  
MULTIDADOS

Este estudo pretendeu compreender a percepção e valorização das fake news em Portugal. A informação foi recolhida através de 1500 inquiridos online (CAWI) com duração aproximada de 7 minutos, efetuadas entre os dias 28 de Abril e 19 de Maio de 2021. O estudo foi realizado a indivíduos com idade superior a 16 anos, a residir em território nacional.

# CLDS-4G Melgaço assinala 1º aniversário com semana de conferências e performances

João Martinho

**CONFERÊNCIAS com sorteios diários! 21H30 CASA DA CULTURA**

**5-9 JUL 2021**

**aniversário**

**CLDS melgaço**

**ATIVIDADE FÍSICA 9H30**

**PERFORMANCES**

5 "O Silêncio do Isolamento na Terceira Idade" Dr.ª Diva Amaral

6 "Ser Voluntário" Dr.ª Catarina Malheiro

7 "A importância da nutrição para o envelhecimento ativo" Dr.ª Alice Alves

8 "O Cuidador Informal" Dr.ª Paula Oliveira

6 Melgaço Dance Center Largo Hermenegildo Solheiro

15H Escola de Concertinas Largo Hermenegildo Solheiro

8 Concerto de Maria Pires Fonte das Termas de Melgaço

19H

9 Concerto de Dario Rocha Torre da Menagem de Melgaço

15H

O CLDS-4G Melgaço [Contrato Local de Desenvolvimento Social da 4ª Geração], celebra o seu 1º aniversário e vai assinalar a data na semana de 5 a 9 de Julho.

De 5 a 8 de Julho, o Ciclo de Conferências acontecerá na Casa da Cultura, pelas 21h30. As sessões são de participação gratuita, mas com necessidade inscrição através de formulário online ou do e-mail: [clds.4g.melgaco@gmail.com](mailto:clds.4g.melgaco@gmail.com).

De 6 a 9 de Julho terão ainda lugar em diversos espaços do concelho (ver cartaz) performances ao ar livre e actividade física, que marcará o encerramento da semana festiva.



Cartório Notarial de Melgaço

Marco Paulo Lima Gonçalves, Notário a quem foi atribuída licença para instalação do Cartório Notarial de Melgaço, vem informar, ao abrigo do nº 3 do artigo 38º do Estatuto do Notariado, que iniciou funções no dia dez de abril de dois mil e dezassete, na Rua Doutor Augusto César Esteves, nº 80, 4960-562, União de Freguesias de Vila e Roussas, local onde ficará o acervo documental do extinto cartório. O telefone de contacto é o 251 096 297 e o e-mail é [cnmelgaco@gmail.com](mailto:cnmelgaco@gmail.com).

## MALHEIRO SEGUROS

ANSELMO MALHEIRO e RUI MALHEIRO

Rua Rio do Porto, 215  
4960-568 Melgaço  
Telf. 251404031 / 933291437  
[rui.malheiro.seguros@gmail.com](mailto:rui.malheiro.seguros@gmail.com)

AGENTE PRINCIPAL

TRANQUILIDADE



Urb. Quinta das Andorinhas, 83  
4950-855 Monção  
Telf. 251653224 / 933291437  
[malheiro.seguros@gmail.com](mailto:malheiro.seguros@gmail.com)



ALVARINHO  
*Casa do Cerdedo*  
a escolha certa dos mais entendidos

*Aroma, cor, paladar...  
Qual ressaltar eu não sei,  
Poís em qualquer atributo  
Casa do Cerdedo é rei.*

[casadocerdedo@gmail.com](mailto:casadocerdedo@gmail.com)  
Tlm: 968 274 988 / 918 293 695  
Tel: 251 825 341 / 251 402 138



# Gave: Carta denuncia extracção 'furtiva' de pedra e cercas eléctricas sem manutenção. "Crime ambiental"?

João Martinho

Em carta enviada a este jornal, de 4 de Junho de 2021, o leitor José da Silva Lopes denunciava de três situações que considera susceptíveis de "configurarem crimes ambientais", ocorridas na freguesia de Gave (Melgaço).

No ofício, o leitor alega que uma empresa de construção civil, sediada na mesma freguesia está a **extrair pedra "furtivamente" dos montes baldios com retroscavadora, "em pleno planalto do parque eólico denominado Portela de Fiães - estrada de Gave branda da Aveleira, em torno ao pilarete**

**de altitude 1128. (...) para reconstrução de casas turísticas de particulares na Branda da Aveleira",** conforme atestam fotos anexadas à carta enviada.

O alerta, enviado ao jornal "A Voz de Melgaço", foi também endereçado a "outras entidades", entre elas a Câmara Municipal de Melgaço, que já avançou as "diligências necessárias" para avaliar

"Temos conhecimento porque recebemos a denúncia. Perante isso, a Câmara tem de fazer as diligências necessárias. **Rapidamente, no mesmo dia em que a recebemos, fiz o encaminhamento do ofício e das fotografias para o nosso gabinete jurídico, para avaliarem como devemos tratar essa denúncia.** O serviço de fiscalização dará o prosseguimento adequado e, depois de termos avaliado com a fiscalização e serviços jurídicos, faremos o tratamento que achamos que deve ter uma situação destas. Espero um relatório dos serviços para percebermos se se trata de uma ilegalidade ou não, não tenho dados suficientes para dizer se o é, neste momento", afirmou o presidente da Câmara.

## Cercas eléctricas e pastoreio exaustivo

Noutra das situações expostas, Jorge Lopes denuncia a abundância de cercas eléctricas que ladeiam a estrada na zona de montanha, especificando o troço que liga Santo António de Vale de Poldros (Monção) ao Batateiro (Melgaço).

Escreve o leitor:

"Tem vindo a ser concedidas licenças de pastoreio nos baldios desta freguesia de forma descontrolada e desproporcional (área de terreno/número de animais) pelo que neste momento existem centenas ou mesmo milhares de vacas e cavalos bravos que dizimam a vegetação dos montes deixando, em muitos locais, a pouca terra vegetal exposta aos elementos. Tal quantidade levou à construção de barracões (vacarias), alguns deles implantados ao acaso e a poucos metros de antigas nascentes de água (agora extintas), sem condições de tratamento de dejectos, gados desnutridos, e semiabandonados cujos donos não têm



outro fim senão o subsídio anual do Estado".

"Por outra parte abundam também as cercas/vedações eléctricas, algumas destruídas, feitas em fio-pastor de arame e estacas de plástico e/ou ferro que ladeiam as estradas, pondo em perigos pessoas e fauna selvagem autóctone. Veja-se na estrada que vai de Santo António de Vale de Poldros ao Batateiro. Na verdade, toda esta zona está num estado deplorável, quase desapareceu a natureza no seu estado puro".

As fotos anexas atestam os alegados "crimes ambientais"

que o denunciante atribui a "alguém que explora a freguesia silenciosa e permissiva em benefício próprio".

Questionado sobre a competência nos controlos ou fiscalizações também neste domínio, o presidente da Câmara reconhece ser uma "exigência" que as cercas sejam bem colocadas, não invadam espaços naturais "mais sensíveis" e tenham a manutenção adequada.

Quanto ao controlo de efectivos em pastoreio, Manoel Batista diz que é competência do Ministério da Agricultura fiscalizar a gestão de efectivos e utilização de área de baldio.

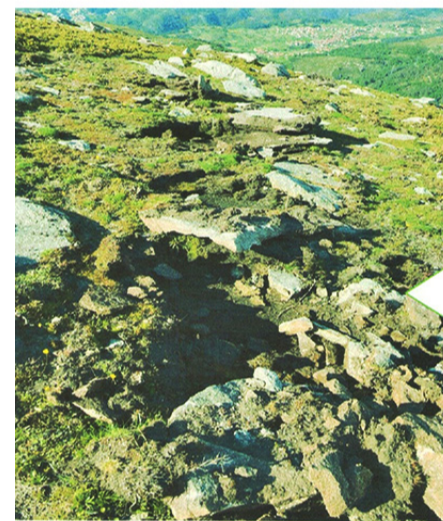
"A produção de carne é muito importante para os territórios de montanha e está a ter um incremento muito grande na zona da Gave, Lamas de Mouro e Castro Laboreiro, mas também mais abaixo, em Fiães e Cristóval. É importantíssimo que haja condições para que esses criadores de gado possam fazer a sua produção e gerar economia. Estamos de momento a ajuda-los a encontrar os melhores caminhos para que a produção seja valorizada e haja maiores benefícios. Quanto às cercas, a própria população por vezes pede que o gado seja controlado, que não saia do seu espaço natural, na montanha, e venha invadir os espaços de agricultura que têm, as vinhas ou as hortas. É necessário controlar o gado, portanto, nada a obstar do ponto de vista do município a que haja cercas que permitam o controlo do gado nos sítios certos", considera o autarca.

Por outro lado, recorda que as cercas de controlo de efectivos não podem instaladas aleatoriamente nem de forma precária. "Exige-se que essas cercas estejam bem colocadas, não invadam espaços naturais que sejam mais sensíveis e, sobretudo, sujeitas a uma manutenção permanente para que não cheguem a um estado de abandono que dá uma péssima imagem do território, dos produtores e das freguesias onde desenvolvem a sua actividade", reiterou.

Sobre a suposta utilização exaustiva do pastoreio, o autarca confia na "exigência" dos serviços do Ministério da Agricultura, que acredita terem definidas normas que "permitam um aproveitamento equilibrado do pastoreio".



Vedações eléctricas em baldios da Gave junto à estrada que vai de Santo António de Vale de Poldros ao Batateiro



Um dos muitos locais do Parque Eólico da Gave donde foi retirada a pedra. Verifica-se numa grande área em torno do pilarete de altitude. Do lado voltado ao Mourim - Parada do Monte, é impressionantí!!!



Máquina da empresa que arranca a pedra do monte



Dr. MONTEIRO MARQUES - Ouvidos, nariz e garganta 919 988 184  
Dra. TATIANA MALHEIRO - Exames de audição. Aparelhos auditivos 964 877 598



www.clinicadeotorrino.com Edif. Correios, 2º  
4950 - Monção  
251 652 756



**MCA - Mediação de Seguros Lda**

ASF Nº 413392428

**Rigor no Preço.... Rigor na Protecção**

Escritórios:  
Rua Fonte da Vila S/n  
4960-546 Melgaço  
Tel: 251402903 Fax: 251402907  
mail: mca-seguros@sapo.pt

Av. D. Afonso III, 233  
4950-855 Cortes - Monção  
Tel / Fax: 251 656232  
Tlm 936060133

## VENDE-SE APARTAMENTO T3

Na Rua Dr. António Durães - Melgaço, no centro da Vila, T3 totalmente mobilado e equipado, com garagem e grande terraço, em muito bom estado de conservação.

**Telemóvel 966 297 359**



# Executivo melgacense visitou municípios franceses de Paris, Villeparisis e Messy

João Martinho

Na terceira semana de Junho, o presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Manoel Batista, e a Vereadora da Cultura, Maria José Codesso, estiveram de visita aos municípios franceses onde a comunidade melgacense é mais expressiva.

O edil melgacense foi recebido, num dos dias desta visita à diáspora, pelo Vereador da Câmara de Paris, o luso-descendente Hermano Sanches Ruivo (natural de Alcains), eleito a 3 de Julho de 2020 para a Vereação onde assume o pelouro dos Assuntos Europeus.

Manoel Batista e Maria José Codesso visitaram ainda os municípios de Villeparisis e Messy, onde levaram a cabo reuniões de trabalho com o intuito de estreitar os laços com a comunidade.

Neste encontro com os homólogos franceses, os elementos representantes do executivo melgacense reuniram com as comissões de gemação para determinar as principais orientações de parceria que poderão ser desenvolvidas.

Em Messy, o “encontro amigável” entre a delegação melgacense e o presidente da Câmara local, Jean Lou Szyszka, foi organizado pelo Rancho Amizades do Alto Minho Messy & Melgaço e “realça os fortes laços que unem o nosso município, a sua comunidade portuguesa e a cidade de Melgaço”, considerou o município de Messy.



# História De'vida: Maria Amélia Freitas e o contrabando

José Rodrigues

Maria Amélia de Freitas, de 84 anos, natural de Galvão, Vila de Melgaço, conta-nos como era a vida no tempo do contrabando e qual era o seu trabalho, quando tinha apenas 7 anos.

Muito nova, já ia com o gado para o monte. Não tinha o direito de ir para a escola, “só os senhores ricos é que podiam ir”. Para si, se não trabalhasse os senhores punham a sua família fora das terras. Como os pais tinham cinco filhos, tinham todos de trabalhar.

Andava sempre descalça, e à mesa geralmente só havia pão de milho, sopa de feijão e couves. Mas como o seu pai era pescador, ainda conseguiam algum peixe que “o rio ia dando”.

Quando ia com o gado para o monte, aproveitava para transportar alguma madeira para ter um rendimento extra.

Ainda pequena, começou também no contrabando. Com a sua pequena estatura de criança, levava apenas um saco com três quilos de café até uma azenha ao pé do rio. Na verdade, o seu trabalho por aquela altura era averiguar onde estavam os Guardas [Fiscais] e avi-

sar os adultos, que esses sim, transportavam sacos de cinquenta quilos para contrabandear para Espanha, e comunicar se podiam avançar ou não.

Quando chegava à azenha no rio Minho que lhe tinham definido, se não estivessem lá os guardas recebia 25 tostões. Se visse algum Guarda, tinha de chamar pelo pai para alertar os outros, para fugirem.

Uma vez por semana havia a Grande frota, dia em que os Guardas portugueses e os carabineiros espanhóis eram ‘comprados’ para deixarem os batelos passar o rio com a carga. Juntava-se tudo no mesmo sítio, e se naquela noite os guardas portugueses e espanhóis deixassem, passavam tudo... Mas havia muitos Guardas que não deixavam.

Dona Maria Amélia ainda se lembra de transportar o saco desde a Vila até ao rio. Café, tripa seca, azeite, sabão, açúcar escuro e forquilhas.

Em todos os anos que transportou sacos para o contrabando, quase foi presa pelos guardas, mas nunca foi presa, nem nunca levou o material para Espanha. Nunca chegou a passar o rio.

Coordenador CLDS-4G Melgaço



## PIZZARIA

T. 251 403 058

RESTAURANTE

Av Capitão Salgueiro Maia

EM FRENTE À ESCOLA SECUNDÁRIA

Inovação é o que nos distingue

MELGAÇO (CENTRO)

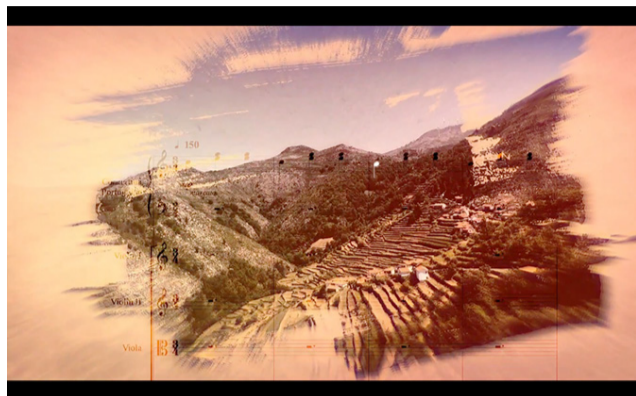
ESPAÑA S. GREGÓRIO

PESO MONÇÃO



# Consórcio Minho premiou histórias e vídeos de homenagem ao território minhoto

João Martinho



O Consórcio Minho Inovação, que integra as três Comunidades Intermunicipais do Alto Minho, Cávado e Ave, divulgou os resultados do Prémio “Minho Storytelling – Novas Olhares sobre o Minho”.

O projecto tem como principal objectivo fomentar o espírito criativo, orientado para a valorização do riquíssimo património material e imaterial presente no Minho, em particular o património cultural, religioso, natural e paisagístico e incentivar a revelação e promoção de criadores das diferentes áreas artísticas.

Num universo de 44 propostas (35 na categoria de conto, 8 na categoria de vídeo e 1 na categoria de media art/realidade virtual), devidamente avaliadas por um júri integrado por diversas personalidades de reconhecido mérito nas áreas artísticas a concurso, os vencedores da 1ª edição foram:

## Categoria “Conto”

1º Lugar: Maria da Conceição Silva, com o conto “Códigos de Fé”;

2º Lugar: João Silva, com o conto “Albertina e o meu American Dream em Castro Laboreiro”;

3º Lugar: Jorge Lima, com o conto “A menina da pedrinha”

## Categoria “Vídeo”

1º Lugar: Juliana Ramalho, com o filme “Minho cá dentro”

2º Lugar: Ricardo Silva, com o filme “Eu sou do Minho”

3º Lugar: Robson Galvão e João Pedro Teixeira Neto, com o filme “O Minho, a Moira e o Mundo”

## Categoria “Media Art/Realidade Virtual”

Vencedor: Frederico Dinis, com o projeto “an essence of a legacy”

Aos concorrentes classificados nos três primeiros lugares de cada categoria, foi atribuído um prémio correspondente aos valores de 3000, 1500 e 500 euros, respectivamente.

O júri para a categoria “Conto” foi composto por Maria Amélia R. de Carvalho, Docente de EFL e Estudos de Tradução da ELACH (Escola de Artes e Ciências Sociais), Universidade do Minho e investigadora do grupo GAPS/CEHUM (Centro de Estudos Humanísticos da Universidade do Minho) e Sandra Sousa, Docente de PLE do BabeliUM, Centro de Línguas da Universidade do Minho, investigadora do grupo de Investigação em Identidades de Intermedialidades, 2i /CEHUM e bolseira de doutoramento da FCT.

## Na categoria “Vídeo”:

Martin Dale, Professor do curso de Ciências de Comunicação da Universidade do Minho; Daniel Ribas, Professor do curso de Som e Imagem da Universidade Católica do Porto e diretor do Festival Porto Post Doc. e João Nunes, argumentista e Presidente da Associação Portuguesa de Argumentistas e Dramaturgos;

## Categoria “Media Art”:

André Rangel, artista media, docente da Faculdade de Belas Artes da Universidade do Porto; António Rafael, músico, co-organizador do Festival Semibreve na área de música eletrónica exploratória e arte digital e João Martinho Moura, presidente do Júri, investigador e artista media português.

O Prémio “Minho Storytelling – Novas Olhares sobre o Minho” é uma iniciativa inserida no projeto “PA2. Touring Cultural – Identidade Cultural do Minho”, aprovado no âmbito do Norte 2020 – PROVERE – Programa de Valorização Económica de Recursos Endógenos (Estratégias de Eficiência Coletiva- PROVERE).

## Contos premiados – Excertos

### 1º Lugar: “Códigos de Fé”, de Maria da Conceição Silva

“Assomei à porta da cozinha que se abria a poente. A horta, esbranquiçada pela geada, mostrava ainda o manto escuro da noite, quase indiferente à manhã que acontecia do outro lado da casa. O abraço frio do inverno queimava-me a pele, e um tempo sem fim parecia nascer para lá do último soalco, para lá do muro, para lá de mim.

No meu olhar parecia caber a visão de muitos séculos e, naquele momento mágico e selvagem em que a noite e o dia se encontram, eu reconhecia o despertar para o propósito assumido há cerca de doze horas. O dia seria breve, como todos naquela estação, mas teria o tamanho da verdade que parede alguma podia ocultar. Ali, naquela paisagem onde cabia o Minho de ontem e o de hoje, vivia um homem novo, nascera há menos de um dia e jamais se esconderia.

De repente, o silêncio frio da manhã é quebrado pelo repique do sino da aldeia. Sabia que cada toque correspondia a um código ancestral. Este não marcava uma hora, seria antes um acontecimento, uma ocorrência, um aviso, e algo me dizia que não era bom. Avancei no terreno. O chão estalava debaixo de mim, como se milhares de partículas de vidro quebrassem à minha passagem. Quase podia sentir esses vidros finíssimos a espetarem-se nos meus pés, ferindo-me, apesar do calçado quente. No caminho, para lá do muro, por baixo do soalco onde me encontrava, uma mulher passava.

“Bom dia, senhor doutor”, disse. Depois parou, com aquele olhar dos cegos, como se procurasse ler o som, e acrescentou “Parece que foi a mulher do moleiro que faleceu...”(...)

### 2º Lugar: “Albertina e o meu American Dream em Castro Laboreiro”, de João Silva

“(…) A Galiza ali ao fundo, a menos de um quilómetro de distância, era um todo tentador também, sentir que o Minho podia ser a minha casa, mas com a disposição e tempo certos, podia ir ali visitar um país que carregava uma história de vida parecida e quase a mesma língua. Eu estava em pulgas para ficar já na casa da velhinha, nem que tivesse de me levantar de noite para sacudir a rataria do sobrado.

Obviamente, dormi pouco nessa noite. A ansiedade de avançar para Melgaço, conhecer a casa, decidir o que fazer e convencer a Teresa eram já demasiados encargos para um gajo habituado a levar a jornada diária entre paredes (ainda que de vidro) de escritório.

Pelas cinco da manhã, entretido a pensar nisto, começo a ouvir a Teresa a murmurar coisas. A sonhar, claro. Reforço a atenção e consigo entender as frases seguintes: “Paris... não sei... compra”. Parou. Não, voltou à carga. “Holanda... longe... Ah. Então compra... (imperceptível) ... amanhã. Sim”.

Mexi-me na cama para que se virasse de lado e acabasse com o sorteio de países. Acordou. Virou-se de lado, para mim, viu que estava acordado e perguntou: “Que foi?”.

Aligeirei o discurso para ela não perceber que estava preocupado e mal dormido. “Nada, mas tinha de te acordar porque estavas a comprar viagens para todo o lado e não sei se estás a pôr os pagamentos em débito directo. É que ainda temos uma semana de gastos e eu não queria ter de

**TRANSPORTES SEMANAIS ENTRE**

PORTUGAL

FRANÇA

**TRANSPORTES SOUSA & CARPINTEIRO, LDA**

**CONTACTOS:**

FRANÇA Tlm: 06 08 07 18 61

PORTUGAL Tlf: 251 418 046  
Tlm: 967 559 270  
Tlm: 914 827 484

MORADA:  
Lugar da Igreja  
Roussas  
4960 MELGAÇO

e-mail: [t.s.carpinteiro@gmail.com](mailto:t.s.carpinteiro@gmail.com)

ARMAZEM EM MELGAÇO E PARIS

Continua na pág. seguinte



Continua na pág. seguinte

ir amanhã para Lisboa ganhar para isso. Não será melhor eu ir de manhã a um ATM tirar um extracto da conta? Andas aí a comprar à parva...”

Fez um sorrisinho a contragosto e murmurou um “hãh” de pena ou condescendência, virou-se para o outro lado e fechou a conversa com um “dorme, mas é”. Eu que a ature.

Seguimos para Melgaço. Passamos pela vila a meio da manhã e seguimos para Castro Laboreiro. Os carvalhos, ainda de folhas viçosas, filtravam a luz do sol com um imenso verde vivo, um caleidoscópio de cores que nos ia maravilhando. Mais acima, as maias amarelas (as giestas quando em flor) revestiam partes da paisagem de amarelo. Tudo é exuberante, nesta ponta do país.

Ia olhando para a Teresa de soslaio, que não estava aí para me dar satisfações na hora. Ia tirando fotos a tudo o que lhe parecia bem e a olhar pela janela como uma criança quando vai ver as luzes de Natal ao Rossio.

Chegamos ao Rodeiro. Intrigava-me porque é que não me lembrava deste local. Nem do Lugar, nem da estrada. Parado, à espera que o passado me trouxesse alguma referência, aproxima-se um senhor, de meia-idade, com uma enxada ao ombro. Eu sei, talvez seja a imagem mais *cliché* quando se fala do Minho nas histórias de ficção, mas de algum lado tem de vir a imagem comum, não é? Asseguro-vos que nesta ficção não precisava de pôr um homem de enxada ao ombro a ajudar-me a resolver a narrativa. Aconteceu assim.

Pergunto-lhe se sabe onde é a casa da falecida Dona Albertina e se sabe quem está a guardar a chave. Claro que aqui as respostas nunca são taxativas.

“Mas o senhor quer comprar, é? A casa é já ali adiante, é aquela que tem um portão verde-escuro. Mas se for para comprar eu tenho uma na Várzea, grande, três quartos, recuperada há dois anos para turismo. A merda é que agora pedem-me muita coisa para ter aquilo a funcionar e eu já não tenho vida. Os meus dois filhos estão na França, já não precisam daquilo e eu também olhe, com a minha idade quanto menos dores de cabeça melhor. Casa para viver tenho, aquela é mais para um hom’ juntar a família ou uns amigos ao fim de semana para botar uns canecos. Por isso se quer uma já acabada e pronta a entrar, ainda lha vendo” (...)

**3º Lugar: “A menina da pegadinha”,** de Jorge Lima  
“Nas margens do rio Lima, a desventura foi temporã, cedo caiu sobre aquela família. Há horas assim, arrogantes no seu desafio à capacidade de entendimento. Uma súbita morte no hospital é mais difícil de entender que uma lenta morte no aconchego do lar. Mesmo assim, o filho, tornado único, teve de se conformar com a nebulosa ideia de que houve uma “complicação”. Terá sido esta a palavra utilizada...”

Uma complicação? Os médicos complicaram?  
Não, filho. Quer dizer, penso que não. Temos de acreditar que foi a vida da tua irmã que se complicou.  
Assim, sem apelo nem agravo.

Quando se insinua a um adolescente que a vida pode esvaír-se das nossas mãos como os grãos de areia, natureza irreverente que dedos contraídos nunca hão de suster, torna-se impossível continuar a convencê-lo de que a fé é soberana e que, se for necessário, até move montanhas. Por isso, o filho alistou-se nas temíveis fileiras da legião mais leal dos agnósticos, encarnando uma postura intrépida que lhe permitiu resvalar para o lado dos apóstatas, sobretudo daqueles que batalham diariamente para desmascarar uma suposta fraude. Contra tudo e contra todos, nem que para isso tivesse de dilacerar a fé facunda da mãe, como quem esposteja coelhos. Aos olhos dele, o mundo crente tornara-se patranheiro.

Que grandessíssima patranha, mãe!  
Mas a mãe aferroava-lhe um esgar viperino e, enquanto o músculo abdutor do mendinho cravava uma cruz na farinha amassada, iniciava o ritual salvífico que todas as masseiras minhotas, prenhas da semente que se metamorfoseará em broa, têm a obrigação de saber de cor.

São Mamede te levede, São Vicente te acrescente, São João te faça pão, Deus nosso Senhor te ajude, que eu já fiz o que pude. Por graça de Deus e da Virgem, um pai-nosso e uma ave-maria (...)

...  
**Todos os trabalhos premiados** poderão ser consultados na página do consórcio MinhoIn, em: <http://www.minhoim.com/noticias/detalhes.php?id=906>

## Jorge Ribeiro – deputado municipal

### O dever de pedir explicações e a obrigação de as dar

Começo este meu texto deixando bem claro que não serei candidato a nenhum órgão autárquico nas próximas eleições, não estarei envolvido no processo eleitoral, nem tenho em Melgaço qualquer militância partidária. Assim sendo, não seria séria qualquer tentativa de transformar a minha posição, que aqui partilho convosco, numa questão eleitoralista.

Importa também referir que, no tocante aos problemas de habitação no nosso concelho, já assumi publicamente, inclusive em artigos publicados na comunicação social, a importância que atribuo a essa questão. Defendo e apoio soluções capazes de criar condições para a atração e fixação de população. No entanto, essas soluções terão que ser ajustadas, proporcionais e passíveis de serem explicadas aos melgacenses.

Ora na reunião da Assembleia Municipal que decorreu no passado dia vinte e seis de junho, o Sr. Presidente de Câmara levou um ponto onde pretendia que fosse votado e aprovado um protocolo, para vigorar durante quinze anos, que obriga o município a transferir anualmente para o IPVC o valor 14.400,00 (catorze mil e quatrocentos euros), em tranches mensais.

Do pouco que se podia ler na proposta de protocolo, percebia-se que esse valor seria destinado a pagar a renda de um terreno, não identificado, relativa a um contrato de arrendamento a celebrar posteriormente (do qual não foi apresentada qualquer minuta nem tão pouco fornecida informação) onde o IPVC pretende instalar bungalows para alojamento de alunos da Escola Superior de Desporto e Lazer (ESDL).

E mais não diz. Este protocolo, resumido a uma página, com quatro cláusulas, num total de uma dúzia de linhas, representa um compromisso para os melgacenses de 216.000,00€ (duzentos e dezasseis mil euros).

Sendo eu, como antes referi, sensível às questões da habitação e da grande mais valia que a ESDL representa para o nosso concelho, importa, ainda assim, perceber como foi encontrado este valor – que tipo de terreno está em causa, qual a área do mesmo, quem vai fazer o investimento, quais os valores de referência utilizados.

Surpreendentemente, a informação prestada pelo Sr. Presidente de Câmara foi muito pouca ou nenhuma. Assumi que os serviços técnicos do município estiveram en-

volvidos na determinação dos valores da renda e informou que o investimento não seria uma responsabilidade do proprietário.

Apesar de muita insistência, não foi possível obter nenhuma informação quanto ao método de cálculo do valor da renda. O Sr. Presidente de Câmara apenas conseguiu informar que se tratava de um terreno rústico com 2.400 (dois mil e quatrocentos) metros quadrados.

Perante isto, ficou claro que o Município de Melgaço vai pagar 14.400,00€ por ano, por um terreno rústico com 2.400 m<sup>2</sup>. Isto durante 15 anos, perfazendo o valor total de 216.000,00€.

Está em curso o processo de expropriação e assinatura das escrituras relativas aos terrenos para construção da Zona Empresarial de Alvaredo. A minha família tinha aí terrenos, dos quais teve que abrir mão em prol desse projeto. E teve que abrir mão por um valor que lhe foi imposto, de 4,00€ por metro quadrado. A não aceitação desse valor implicaria morosos e dispendiosos processos judiciais.

No caso do arrendamento em causa neste protocolo, os 14.400,00€ representam um valor de 6,00€ por metro quadrado por ano. Ou seja, o Sr. Presidente da Câmara acha aceitável que o município pague por um ano de arrendamento muito mais do que pagou aos proprietários de Alvaredo pela venda dos terrenos.

E se atendermos aos valores a 15 anos, o valor do terreno a arrendar será de 90,00€ por metro quadrado, o que representa mais de vinte vezes aquilo que os proprietários de Alvaredo receberam pelos seus terrenos.

Hoje teria aconselhado a minha família a não aceitar os valores da expropriação. E aconselharei, aqueles que me pedirem opinião, a não o fazerem, a recorrerem aos tribunais e a usarem o valor deste contrato de arrendamento como referência para obterem melhores preços pela perda das suas propriedades.

Não tenho dúvidas em afirmar que, perante os valores com que somos confrontados neste contrato de arrendamento, as populações de Alvaredo foram seriamente lesadas com os preços praticados nas expropriações.

Se, por outro lado, olharmos para a rentabilidade dos terrenos agrícolas, nomeadamente naquela que é a cultura predominante no nosso concelho – a viticultura – percebemos que o terreno, com 2.400 m<sup>2</sup>, poderia produzir uma quantidade de uvas da casta alvarinho, cujo valor de mercado andaria nos 2.800,00€. Esquecendo os custos de plantação da vinha e aceitando que as despesas inerentes à produção representariam 50% do valor de venda das uvas, o agricultor teria como rendimento da sua propriedade e de um ano de trabalho, o valor de 1.400,00€.

Pois o nosso município irá pagar 14.400,00€ por ano, apenas pelo uso do terreno. Mais de 10 vezes mais, sem

trabalho, sem investimento e sem chatices para o(s) seu(s) proprietário(s).

Em suma, se usarmos como referência os valores encontrados pelo município para a expropriação de Alvaredo, o terreno a arrendar teria um valor de 9.600,00€ (nove mil e seiscentos euros) a que corresponderia uma renda anual máxima, e otimista para o senhorio, na ordem dos 600,00€ (seiscentos euros). O valor que a Câmara pretende que o município pague por este arrendamento é 2400% desse valor, ou seja, é nada mais nada menos que vinte e quatro vezes superior ao valor de mercado.

Obviamente que perante esta falta de informação e de explicações, perante o brutal afastamento do valor em questão daquilo que são os valores de mercado, importa ainda mais perceber quem é ou são o(s) proprietário(s) e futuro(s) senhorio(s). Estamos a falar, como se consta na nossa praça, de alguém com ligação aos órgãos autárquicos? Estamos a falar, como se consta na nossa praça, de alguém com forte ligação ao partido político que suporta este executivo? É que se assim for, o cuidado com as explicações e a razoabilidade do negócio deveria ser ainda mais acautelado, a bem do bom nome de todos aqueles que tentam contribuir, de forma abnegada, para a causa pública, nomeadamente disponibilizando-se para fazer parte dos órgãos autárquicos.

Mandariam as mais elementares regras de pudor, de bom senso, do dever de prestar contas, que se explicassem minuciosamente os detalhes deste negócio. A não ser que não existam essas explicações, que estejamos a falar de valores inexplicáveis.

Mais acrescento que entendo que o Sr. Presidente de Câmara não deveria sujeitar os membros da Assembleia, em especial os que pertencem à bancada que o apoia, a votar uma coisa destas, sem as necessárias explicações pormenorizadas, sem qualquer alicerce.

Podemos passar todo o tempo a dizer que Melgaço tem as maiores taxas de abstenção do país fruto da emigração, da desatualização dos cadernos eleitorais, etc. Mas haverá outras explicações e a verdade é que as populações não acreditam que os eleitos estejam nos cargos para defenderem os interesses da comunidade. Outras lógicas parecem sobrepor-se.

Por mais que tenha presente o facto de estar em fim de mandato, entendo não ter o direito de me desresponsabilizar e deixar de exercer, de forma séria e rigorosa, as competências de apreciação e fiscalização que me foram atribuídas por Lei, quando fui eleito membro da Assembleia Municipal.

Assim sendo, o meu voto não poderia ser outro que não um veemente contra, deixando em ata a explicação que entendi dar a conhecer aos melgacenses, através do presente texto.







## Barros Ferreira (1906-1997) O maior escritor que Melgaço viu nascer

Miguel Ângelo Barros Ferreira foi um reputado jornalista, historiador e escritor que passou boa parte da sua vida no Brasil, na cidade de São Paulo onde viria a falecer. No entanto, na sua terra natal é muito pouco conhecido.

Barros Ferreira nasceu na vila de Melgaço à meia noite e meia do dia 6 de Setembro de 1906, em casa de seus pais na rua do Espírito Santo, perto da Igreja Matriz. Era filho de Miguel Augusto Ferreira, escrivão-notário em Melgaço mas natural de Monção, e de Alice da Conceição Barros Ferreira, de “serviço doméstico”, natural da freguesia da Vila de Melgaço. Era neto paterno de Justino Augusto Ferreira e Francisca Maria Teixeira de Queiróz, e neto materno de Agostinho Fernandes de Barros e Dona Filomena Rosa de Souza. Foi batizado no dia vinte do mesmo mês e ano na igreja de Santa Maria da Porta pelo presbítero Anacleto Ferreira, pároco de São Tomé de Aguiã, Arcos de Valdevez. Foram seus padrinhos José Fernandes de Barros, e Dona Júlia Ferreira dos Santos Barros, ambos negociantes.

O seu pai, monçanense, já se encontrava a trabalhar em Melgaço, como escrivão-notário em 1884, pois o Diário do Governo n.º 231, de 10/10/1884, já o refere como 1.º escrivão do 1.º ofício em Melgaço. (...) Em 1901, 11 de Junho, no estado de viúvo, com 53 anos de idade, casou em segundas núpcias com Alice da Conceição, nascida em 1883, filha de Agostinho Fernandes de Barros, conhecido pela alcunha “O Cobra”, professor do ensino primário, e de Filomena Rosa de Sousa, residentes na sede do concelho, na Rua Direita. (ROCHA, 1997).

O pai de Miguel Ângelo faleceu quando este ainda não tinha completado quatro anos, tendo aquele morrido em 20 de Agosto de 1910. Segundo, VAZ, J. (1996), depois do falecimento do pai, a família deixa Melgaço e parte para o Porto e nessa cidade o futuro escritor e jornalista fez os estudos de filosofia e letras. Num artigo no “Jornal de Notícias”, de 18 de Fevereiro de 1951, refere-se que “cedo começou os seus estudos e foi brilhantemente que os terminou. E como nascera no seio de uma família dispersa pelo mundo, aos 18 anos subia ele o Amazonas para conhecer o seringal pertencente a seus avós. Aos 19 anos andava pela África e aos 20 retornava no Brasil...”

No mesmo artigo, acrescenta-se que Miguel Ângelo “nasceu no extremo norte de Portugal, com a Galiza de frente a sala de jantar. Sua terra é uma povoação secu-

lar, cercada de grandes muralhas, que tinham resistido a vários cercos históricos, cuja história escutava, nas noites de inverno, perto da lareira. Então latia o vento norte na chaminé, enquanto a neve caía em flocos. Uma velha empregada rezava o terço por intenção de pobre gente que se perdera na serra, para que encontrasse o caminho. Contava depois histórias tristes de pobres



meninos pastores devorados pelos lobos famintos. O autor de “Serra Brava” cresceu assim num ambiente de temores, que davam a medida da hostilidade do meio e a luta ingente dos serranos para sobreviverem. E como sofria de uma bronquite asmática e o inverno era áspero, frequentemente ficava de cama, tendo como distração a biblioteca paterna, onde a par das edições antigas dos clássicos, desde Jacinto Freire de Andrade e D. Francisco Manuel de Melo a Herculano, havia edições de luxo primorosamente ilustradas.”

Assim, em 1925, chegava pela primeira vez ao Brasil, onde a sua família, nomeadamente os seus avós, possuía vastas plantações de borracha na região da Amazônia.

Os seus primeiros textos no jornal “Correio Paulistano” surgem por volta de 1927 a versam sobre literatura e teatro. Em 21 de Janeiro de 1928, no dito jornal, aparece mencionado numa notícia do mesmo jornal, a propósito de um jantar oferecido ao diretor pelo pessoal do dito periódico em que se diz que “era o mais novo da casa”, sendo feita uma alusão a um momento em que “o ‘neo’ Barros Ferreira saudou o mais velho da redacção”. É também neste ano de 1928 que começa a publicar os seus contos num outro jornal de referência, o “Diário Nacional” de São Paulo.

Por esta altura, sobre o jovem Barros Ferreira, escreveu, no “Correio Paulistano”, o jornalista e colega Hermes Lima e descreve-o nestes termos: “...é no Cor-

reio o companheiro mais recente. Porque talvez a vida jornalística o tenha ainda empolgado ou absorvido inteiramente, ele não só ama, como realiza a literatura e tem até pronta uma novela. A não ser em casos excepcionais, eu acho que a gente só deve publicar livros depois de ter gasto o entusiasmo literário, que nos leva, pelo comum, a exagerar sentimentos e a transmitir às coisas um tom postiço nessa ou naquela direção. Isso não são conselhos. É um pequeno prefácio à crónica seguinte de Barros Ferreira, companheiro jovem e inteligente, a quem, nesta manhã, cedo com prazer o meu lugar.”

O livro a que se refere Hermes Lima que estaria pronto é “A Cidade de um Deus amarelo” que seria publicado já em 1929. Sobre a obra, escreveu-se no jornal “Diário Nacional” de 26 de Abril de 1929: “O nosso companheiro de trabalho Barros Ferreira, que já tem provado em diversas crónicas publicadas na imprensa desta capital, possuir gosto invulgar pelas cousas literárias, acaba de contratar com a Companhia Melhoramentos de São Paulo a confecção de seu primeiro livro intitulado “A Cidade do Deus amarelo”. Este trabalho literário de Barros Ferreira passará a fazer parte da “Biblioteca da Adolescência”, figurando assim merecidamente entre obras dos mais consagrados autores na literatura internacional. O livro de Barros Ferreira está sendo impresso com todo o esmero, num feitiço moderno, nem faltando para caracterizar a sua feição artística sugestivas ilustrações. De resto, só pelo valor intelectual que no autor do

próximo livro somos os primeiros a reconhecer, se poderá aquilatar de seu verdadeiro sucesso.” Sobre o mesmo livro, ainda podemos ler no Diário Nacional de 22 de Dezembro do mesmo ano: “O Sr. Barros Ferreira, nome conhecido em nossas letras, acaba de publicar uma interessante novella, subordinada ao título “A Cidade do Deus amarelo”, constituindo o livro 4, série 2 da “Biblioteca da Adolescência”.

O seu trabalho, vasado em encantadora simplicidade, tem um desfecho atrahente, enquadrando-se perfeitamente, aos moldes dos contos maravilhosos, que tanto seduzem os animos juvenis. A sua edição foi feita pela Companhia Me-

lhoramentos de São Paulo, apresentando bello aspecto material...” Sobre esta primeira novela de Barros Ferreira, escreve-se um apontamento crítico na edição de 6 de Fevereiro de 1930: “...Estilo fluente, claro, narrativa simples, sem pernosticismo, sem preocupações de escola, - lê-se esse livro com encanto, tal a precisão, a concatenação dos períodos, a cadência dos pensamentos, até chegar-se à fase final em que tomam papel saliente os dois pequenos heróis anónimos, vindos do sertão do Ceará, deslumbrados pela civilização...”

No ano de 1930, temos notícia sobre a publicação de mais um livro, “Sementes de Virtudes”, acerca do qual podemos ler uma pequena crítica nas páginas do “Diário Nacional” de 4 de Maio: “O nosso prezado companheiro de trabalhos, Barros Ferreira, acaba de publicar mais um livro com que retrata alguns aspetos da vida dos santos. São cento e tantas páginas que se lêem com encanto, às quaes deu o autor o título de “Semeadores de Virtudes” (...) Está aqui neste livrinho reunidos vários episódios da vida dos santos, que é o subtítulo adotado pelo autor. Não é um livro de religião no sentido estrito e rigoroso ainda que o pudesse parecer pela intenção, mas não faltará de heterodoxia. Seja como or é livro de piedade e amor, escrito como se fosse uma série de contos literários. (...) O Sr. Barros Ferreira conseguiu desenhar com toda a verdade humana muitos dos caracteres e personagens dos “Semeado-



# As Contas em Melgaço

## As Prometidas e as Prestadas

José Albano Domingues

Já há muitos anos a esta parte que a comunicação social repercute os números estratosféricos dos orçamentos apresentados pelo Executivo PS para o concelho de Melgaço.

E já há anos a esta parte que os números apresentados rondam, ou mesmo ultrapassam, a fasquia dos vinte milhões de euros.

Trata-se de números pomposos, vistosos, impactantes, que vão servindo os propósitos de propaganda política a quem os lança para o papel.

Também já desde há anos a esta parte que os auctarques eleitos pelo PPD/PSD vêm afirmando que tais orçamentos são, em grande medida, para inglês ver, porque verdadeiramente empolados, inflacionados, e parcialmente virtuais.

E não se diga que se trata de crítica desajuizada, de palavras vãs, de propósitos eleitoralistas. É que a verdade, nua e crua, dos números vem-lhes dando, ano após ano, razão.

A Assembleia Municipal de 26 de junho último tratou, entre outros, da prestação de contas e do relatório de gestão referentes ao ano de 2020. E gostaríamos de que o(a) caro(a) leitor(a) tomasse conhecimento de alguns dos números apresentados no documento que nos foi distribuído, em ordem a poder, a final, ajuizar por si próprio(a).

O Executivo liderado pelo senhor presidente Dr. Manuel Batista Calçada Pombal refere que norteia a sua ação pelo rigor, que pretende a redução do passivo bancário e apresentar contas equilibradas.

Temos como positiva essa preocupação, bem como a diminuição do nível do endividamento no médio e longo prazo, mas não nos podemos ater a essa leitura simples, nem olvidar que foram os sucessivos governos (autárquicos) da sua cor partidária que endividaram o Município até valores que demandaram a necessidade do recurso a outros empréstimos para pagamento de responsabilidades vencidas, como aconteceu com o chamado Programa de Apoio à Economia Local (“PAEL”), com o objetivo de proceder à regularização do pagamento de dívidas a fornecedores vencidas há mais de 90 dias.

Também não nos podemos esquecer que o atual senhor presidente da Câmara já tem responsabilidades no governo da Autarquia de Melgaço desde há 12 anos

a esta parte.

Importa, ainda, realçar que apesar da redução do endividamento do médio e longo prazo o passivo total do Município se mantém acima do patamar dos dez milhões de euros (concretamente 10.229.317,78 Euros), o que se mostra preocupante tendo presente a realidade, e a exiguidade, das receitas próprias do Município.

Não olvidar, também, que esta redução se está a fazer à custa do mingar, ano após ano, da fatia do orçamento destinada ao investimento, para mais quando do lado da despesa corrente esse esforço já se não constata.

Note-se que a despesa corrente no ano de 2020 cresceu para mais de 10 milhões de euros, ao passo que para o investimento apenas sobram pouco mais de 3 milhões.

Quase metade da despesa corrente é já usada para pagar o funcionamento orgânico do Município.

Apesar de sermos a favor de que os trabalhadores do Município sejam devida e dignamente remunerados, não podemos, por razões de sustentabilidade das Finanças locais, deixar de encarar com alguma preocupação o aumento, no espaço de um ano, dos custos com o pessoal em 10% (mesmo que se trate do pagamento das valorizações remuneratórias e retroativos), aumento esse que se traduz em 480.000,00 Euros, e, em particular, numa conjuntura de tantas dificuldades para tantas e tantas famílias portuguesas.

A contenção nos gastos, e os sacrifícios inerentes a períodos de crise, a serem inevitáveis, deveriam ser partilhadas por todos, sem exceção.

Mais uma vez, como vem sendo prática dos Executivos que têm liderado os destinos do Município Melgacense, a execução orçamental continua abaixo do aceitável, não superando os 70%, e em especial no que diz respeito ao investimento (capital), quedando-se nos 50,10%, ou seja, praticamente metade do previsto no Plano de Atividades e Orçamento.

Repare-se que os desvios, quer do lado da receita (44%) quer no lado da despesa (cerca de 30%), são superiores, com relação ao que constava do orçamento, a seis milhões de euros, praticamente uma terça-parte do que estava orçamentado.

Apresentam-se grandes orçamentos, mas depois executam-se migalhas.

Se é certo que as transferências do orçamento de Estado aumentaram, de 2019 para 2020, em 8%, que a receita aumentou, no mesmo período, em mais de 270.000,00 Euros, e ainda que o resultado líquido do exercício apresenta um saldo positivo de mais de 632.000,00 Euros, temos de concluir que não foi por falta de verbas que o Plano de Atividades e Orçamento para 2020 ficou em grande parte por cumprir.

Entendemos que deveria haver, também, um esforço acrescido no sentido do pagamento das dívidas em atraso, pagando, nomeadamente, aos fornecedores, por se tratar de dinheiro a injetar na economia local, contribuindo para o seu crescimento e dinamização.

Diga-se, ainda, que o Executivo PS violou, pelo 4º ano consecutivo, as regras emanadas da Direção Geral das Autarquias Financeiras (DGAL), no sentido de a realização orçamental do lado da receita não poder ficar aquém dos 85%, o que pode levar a que sejam ativados mecanismos de alerta e controlo, conforme a lei prevê, e o que é motivo de preocupação pelas consequências que daí nos poderão advir.

Ainda como nota negativa, e num Município cujo Executivo se não cansa de erguer a bandeira do saneamento financeiro, ou que se preze de ter boas contas, vemos igualmente com preocupação os 56 dias estimados como prazo médio para efetivação dos pagamentos, particularmente quando temos municípios do Alto Minho em que esse prazo se encontra reduzido a seis dias, como é o caso de Paredes de Coura, ou a 15 dias, no caso de Vila Nova de Cerveira.

Mercê da realidade (crua) dos números, e contrariamente ao que vem expresso no documento da prestação de contas que nos foi entregue, resta concluir que o mesmo não espelha racionalidade e rigor na gestão, nem eficiência na utilização dos meios afetos à prossecução das atividades, tão pouco eficácia na realização dos objetivos inicialmente aprovados. Espelha, isso sim, uma evidente incapacidade em se cumprir com o Plano de Atividades e Orçamento, que a própria maioria PS votou favoravelmente.

Foi pelos motivos expostos que os deputados da Coligação de direita não votaram favoravelmente a referida prestação de contas.

*Pela Coligação PPD/PSD-CDS/PP, o deputado municipal,*

*Continuação da pág. anterior*

res de Virtudes”. Acresce a essa qualidade intrínseca e substancial o encanto das suas narrativas. Com efeito, não lhe faltam nem imaginação, nem estilo, nem outros dons que soem caracterizar as produções literárias de mais fino labor”.

No jornal “Correio de São Paulo”, na edição de 13 de Setembro de 1933, conta-se que perdeu um filho chamado Arthur.

Em 1934, Barros Ferreira, então redator do jornal “Diário da Noite” foi nomeado sócio honorário do Clube Português “como prémio pelos serviços prestados por ele em prol do engrandecimento do clube”.

Em 1935, voltou a Portugal, onde ficou até 1939. Voltou ao Brasil nesse ano e só voltaria ao seu país em 1957, numa breve passagem e em serviço.

O regresso ao seu país em 1935 estará relacionado com uma herança que terá recebido em Portugal. Se atentarmos num pequeno apontamento crítico acerca do seu livro “Terra sem Mulheres”, publicado no magazine “Vamos Ler” de 4 de maio de 1939, podemos ler que: “...recebendo, mais tarde, uma herança, o Sr. Barros Ferreira sentiu saudades de Portugal e realizou o seu sonho de voltar à sua terra de origem...” Esta he-

rança de que fala a notícia deveria ser proveniente de seu avô materno Agostinho de Barros que estava em fim de vida e que viria a falecer em 27 de Abril de 1937, em Vila Nova de Gaia.

Talvez tenha sido nesse período de permanência em terras lusas que tenha encontrado inspiração para escrever dois dos seus livros, dos poucos publicados em Portugal. Além de “Maris dos Tojos”, publica também “Terra sem”, atrás citado. Sobre essas obras, Mário de Andrade escreve no “Diário de Notícias” de 4 de Junho de 1939: “...preciso ao menos referir que andei percorrendo os livros do Sr. Barros Ferreira (“Maria dos Tojos”, ed. Educação nacional, Porto, sem data; “Terra sem Mulheres”, mesma editora, 1938) que faz alguns dos seus contos viverem no Brasil. Confesso que a estes preferi a “maria dos Tojos”, que não terá grandes complicações psicológicas, nem nos faz minimamente pensar no problema estético do romance. Em todo caso se lê distraidamente, e parece mostrar que o autor tem bom conhecimento da região que descreve. Na “Terra sem Mulheres” nem senti a Amazônia naquellas tragédias um bocado fáceis e muito menos São Paulo...”

Entretanto, regressaria ao Brasil, conforme escrito

no magazine “Vamos Ler” de 4 de maio de 1939: “A forte vocação intelectual do Sr. Barros Ferreira, entretanto não permitiu que ele se entregasse ao gozo de um ócio repousante de anteriores períodos de grande labor. (...) Mostrando que não se esquece do Brasil, e que a nossa paisagem, “permanece na sua lembrança, o Sr. Barros Ferreira acaba de publicar, na Série vermelha da Livraria da Educação Nacional de Lisboa, Terra sem Mulheres”, novela cuja ação decorre no palpitante e misterioso cenário amazónico. As novelas do Sr. Barros Ferreira são bem urdidas, o enredo transcorre com grande número de surpresas e o conjunto vale por uma interpretação psicológica dos tipos amazonenses sem dúvida alguma perfeita. A selva amazónica (...) encontra agora no Sr. Barros Ferreira um pintor maneirado e amável, cujos dotes literários aí se apuram de modo bastante significativo.”

No regresso ao Brasil, vai integrar os quadros dos “Diários Associados” de Assis Chateaubriand, ao mesmo tempo que continua uma produção literária, abrangendo a ficção, a História e a crónica, num total que viria a somar mais de três dezenas de obras (VAZ, 1997).

*Continua na próxima edição*



# Empresários dos Hipermercados Coca avançam projecto para instalação de supermercado de 1.500m<sup>2</sup> em Melgaço

Projecto será articulado com a construção de uma rotunda no cruzamento de Prado

João Martinho



O concelho de Melgaço poderá ter, no prazo de um ano, um novo supermercado de média dimensão à entrada da vila.

O projecto, a instalar em terreno junto à Variante da EN 202, em Prado, contempla a construção de uma unidade comercial na ordem dos 1500 metros quadrados, mais parque de estacionamento, e permitirá, no global do investimento privado e publico, a reorganização do fluxo do trânsito local que converge com aquela via principal de acesso ao concelho.

João Vale, um dos investidores e proprietários dos Hipermercados Coca, a residir no concelho de Melgaço, avançou a este jornal que o terreno destinado à implantação da superfície comercial já foi adquirido e que o projecto de arquitectura será submetido a pedido de licenciamento à Câmara de Melgaço a breve trecho.

A marca, a funcionar no concelho vizinho desde o início dos anos 90 do século 20, tem resistido à concorrên-

cia dos grandes do retalho, nacionais e internacionais, que tem chegado ao território nos últimos anos.

O investidor quer fazer obra antes do final de 2021, mas todo o conjunto de intervenções, com arranjos na via pública, poderá estender-se até ao próximo ano. **A Câmara Municipal de Melgaço quer “articular” esta intervenção com a construção de uma rotunda no cruzamento da Variante com as vias locais de acesso ao Centro de Estágios do Monte de Prado e à Rua da Igreja (Prado)**, uma obra que reconhece ser uma pretensão da população “há mais de 20 anos”.

“Temos acompanhado o processo desde o início e tivemos oportunidade de receber os empresários que estão a investir no território e perceberam que estamos aqui para sermos colaboradores e facilitar no sentido de encontrar soluções. As nossas equipas do planeamento continuam a acompanhar, sei que tem havido uma série de reuniões

prévias à entrada do projecto para licenciamento e isso significa a nossa colaboração activa para que, na altura da entrada do projecto para licenciamento, esteja devidamente instruído e cumpra as regras e seja rapidamente licenciado”, avançou o presidente da Câmara, Manoel Batista.

Quanto à rotunda a construir, que permitirá a uma fluência de trânsito mais natural também no acesso à futura área comercial, o edil refere que o desenho dessa intervenção está a ser articulado com a Infraestruturas de Portugal (que administra as intervenções na EN 202) e um gabinete de projectos.

“Queremos que o projecto dessa superfície se integre e esteja articulado com a rotunda e responda a essas necessidades do trânsito de Prado, do Monte de Prado e a circulação viária da EN 202. Essa rotunda é desejada há mais de 20 anos, esperamos que no próximo ano, dois anos, no limite, seja construída”, indicou.

## Santander Totta – Amigo ou Inimigo?

José Albano Domingues

Conforme é do conhecimento geral, o Banco Santander Totta, S.A. possuiu, aberta ao público durante anos, uma agência ou filial na Rua Dr. Afonso Costa, em plena Vila de Melgaço.

No ano passado tomamos conhecimento de que a dita agência tinha o seu encerramento apazado para o dia 13 de novembro de 2020.

Em nota de imprensa, tornada pública pela Rádio Vale do Minho no dia 16 de outubro de 2020, o senhor presidente da Câmara Municipal de Melgaço, Dr. Manoel Batista, insurgia-se, com veemência, contra o encerramento dessa agência, confessando a sua absoluta surpresa pelo fecho, manifestando o seu profundo descontentamento, acusando a administração do banco de estar a virar as costas à população, e rematando que com tal abandono os Melgacenses deixariam de confiar na dita Instituição.

São do líder do Executivo PS de Melgaço as palavras de que “Ao abandonar o concelho, o Banco Santander Totta deixará de figurar entre as marcas com maior implantação territorial em Portugal. Com toda a certeza, os melgacenses saberão deixar também de confiar na instituição”.

Vem isto a propósito do empréstimo tido como indispensável contrair para custear as obras de requalificação das Piscinas Municipais cobertas.

Tal financiamento foi inicialmente contratualizado com a instituição bancária BPI, mas o contrato foi dado sem efeito em função da não obtenção do necessário visto da parte do Tribunal de Contas.

Pela razão dessa anulação a Câmara Municipal de Melgaço lançou nova operação para obtenção do financiamento, tendo dirigido ofícios-convite a três instituições bancárias, concretamente o BPI, o Santander Totta, e o Millennium BCP. Apenas as duas últimas apresentaram propostas.

Feita a avaliação das propostas foi selecionada a do Santander Totta, apesar de a taxa de juro (*spread*) ser superior em 0,50 pontos base comparativamente com a do Millennium BCP.

A opção pelo Santander (que apresentou um *spread* de 2,25%), em detrimento do BCP (com um *spread* de 1,75%), foi justificada com o facto de na proposta deste último o indexante (ao *spread*) ter um *floor*, isto é, um limite mínimo a partir do qual o *spread* não pode baixar, concretamente para taxa negativa.

Sublinhe-se, porém, que para tirar vantagens, ou dividendos, da inexistência de *floor* necessário se tornaria que as taxas de juros continuassem a baixar, e com uma descida tal que fosse além dos ditos 0,50 pontos base negativos. Não é minimamente expectável que uma tal situação venha a acontecer, se levarmos em linha de conta que as taxas de juro já se mantêm muito baixas desde, sensivelmente, a crise do imobiliário, no ano de 2008, e sendo os especialistas nesta matéria de parecer que a tendência de evolução das taxas de juro será, no médio prazo, no sentido da sua subida (e não da descida).

Ademais do que deixamos escrito, importa ainda realçar que nas condições postas aos bancos convidados para a contratação a Câmara Municipal de Melgaço (enquanto entidade contratante) reservou-se o direito de não adjudicar, total ou parcialmente, o valor em consulta, assim como reservou o direito de proceder à negociação das propostas apresentadas (razão pela qual se não encontrava vinculada a aceitar qualquer das propostas, tal como inicialmente apresentadas).

Na última Assembleia Municipal, de 26 de junho de 2021, ficamos a saber que essa prerrogativa de negociação não foi, todavia, usada pelo senhor presidente da Câmara, nomeadamente junto do BCP, e designadamente em

ordem a que fosse suprimido ou eliminado o indexante ao *floor* zero, o que, se fosse conseguido, afastaria terminantemente o argumento apresentado para não se ter escolhido a proposta que apresentava a taxa de juro mais baixa (e, por essa razão, com menos custos para o erário público).

O que estranhámos, e muito, foi estarmos a deliberar a adjudicação do empréstimo ao Banco Santander Totta, S.A., tendo presente o posicionamento manifestado pelo senhor Presidente da Câmara, com relação ao encerramento, em novembro de 2020, da agência da dita instituição bancária na Vila de Melgaço.

Os Melgacenses deixaram, de facto, de confiar no Totta. O senhor Presidente, e o Executivo que lidera, pelos vistos, é que não.

Chegados aqui, cabe-nos perguntar: existiriam motivos atendíveis e suficientes que justificassem que o senhor presidente da Câmara e Executivo PS, depois da posição pública assumida quanto ao encerramento da agência do Banco Santander Totta no concelho de Melgaço, engolissem um tamanho sapo?

Entendemos, face ao que atrás já deixamos escrito, claramente que não.

Não somos contra a obra (que temos por necessária e que apenas peca por tardia), nem contra a contratação do empréstimo que se destine a financiá-la.

Mas somos claramente contra a adjudicação da operação a uma instituição bancária que recentemente voltou as costas aos Melgacenses, que abandonou Melgaço, e que, por essa razão, não merece ganhar, à nossa custa, um único cêntimo que seja.

Pela Coligação PPD/PSD-CDS/PP, o deputado municipal,



# Monçanenses na colonização do Brasil

Ernesto Português estudou durante 12 anos a história de três gerações que fundaram diversos municípios brasileiros

Carlos Vaz



O livro “Da Casa de Sende aos Governos do Maranhão, Piauí e Grão-Pará” é uma obra da autoria do historiador e investigador Ernesto Português sobre três gerações oriundas da Casa de Sende, na freguesia de Cambeses, Monção, que, durante século e meio, tiveram um importante papel na colonização do Brasil e na descoberta da Amazônia.

Governaram três Estados, exploraram a fauna e flora e fundaram diversos municípios – como Viana e Monção do Maranhão – e há mapas e desenhos elaborados à altura por desenhadores que acompanharam as expedições na Amazônia.

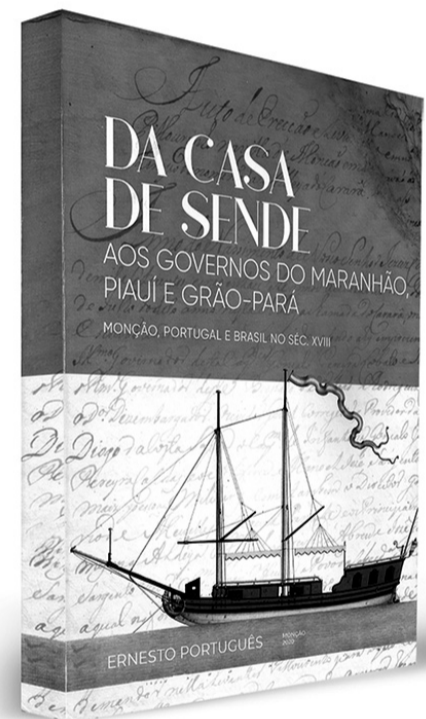
O lançamento da obra, que teve sessão de apresentação inicialmente prevista para Março de 2020, por ocasião do Dia do Foral do Município de Monção, entretanto adiada devido ao surto pandémico, ocorreu no dia 26 de Junho no Jardim da Casa Museu da Universidade do Minho, em Monção. Na mesa, o autor, Dr. Ernesto Português, A Vice-Reitora da Universidade do Minho, Doutoras Manuela Martins, o Director da Casa Museu de Monção, Doutor Viriato Capela, e o Presidente da Câmara Municipal, António Barbosa.

O vasto espólio de escritos e desenhos com que o autor se documentou e que é considerado fundamental para compreender a colonização do Brasil no séc.

XVIII – composto por mais de uma centena de quilos de documentação em papel, com quase trezentos anos, resgatados por Conceição Sottomayor do fundo de um baú de família – foi objecto de um auto de entrega, mediante protocolo de cedência, ao Arquivo Municipal de Monção, ao qual caberá o tratamento arquivístico e conservação para posterior disponibilização à comunidade, para efeitos de consulta e aproveitamento para outros trabalhos.

Segundo o autor da obra, a documentação agora entregue proporciona vasto material que pode ser utilizado para estudos de mestrado e doutoramento sobre o próprio Brasil no século XVIII, e sobre a acção destes ilustres monçanenses que, além de ocuparem altos cargos na administração local e regional, nos deixaram memórias que muito ajudarão a melhor entender a acção meritória desenvolvida em terras de Santa Cruz.

O autor, Ernesto Português (Cidadão de Mérito de Monção) dedicou doze anos à investigação e estudo da documentação, entre 2007 e 2019, tendo já motivado várias comunicações em seminários, congressos, conferências e palestras, assim como artigos em jornais e revistas sobre o tema.



## Antigo Quartel dos Bombeiros vai receber serviços municipais

João Martinho

A Câmara Municipal de Melgaço apresentou proposta à Assembleia Municipal para a celebração de contrato de arrendamento com os Bombeiros Voluntários, passando a usufruir das instalações do antigo quartel, onde está actualmente provisoriamente instalado o Solar do Alvarinho.

A intenção, apresentada à Assembleia, foi autorizada e permitirá a assunção de compromisso plurianual que materializará o referido contrato.

Situado no centro da Vila, o imóvel “apresenta características apropriadas para receber serviços municipais” e cumprirá o objectivo de “melhorar e aumentar a eficácia dos serviços”, sublinha a autarquia.

Refira-se que, além da proximidade do edifício sede da Câmara Municipal, o antigo quartel localiza-se tam-

bém a poucos metros do edifício da Altice, recuperado e inaugurado recentemente, onde se encontram já grande parte dos serviços municipais.

“O município de Melgaço promoveu um estudo aprofundado sobre o funcionamento dos serviços, tendo aprovado uma nova organização interna, sempre com o objectivo de promover a eficiência e eficácia na prestação de serviços. A nova organização exigiu novos espaços físicos e consequentemente exigiu uma reestruturação dos edifícios municipais”, esclarece a autarquia.

O contrato celebrado com os Bombeiros cumprirá assim, além das necessidades de organização dos serviços, “apoiar uma instituição tão meritória como os Bombeiros Voluntários, cujos serviços são essenciais



para o bem-estar e segurança da população, não apenas através da contrapartida financeira do contrato de arrendamento, mas ainda pela possibilidade de executar obras de manutenção», reitera o Presidente da Câmara.



# Do Entroncamento até Marvão – 1

## Viagens na minha terra

M. J. Lobo Elias



As carruagens do comboio real que está muito bem conservado e se pode visitar por dentro



Museu do Entroncamento- Máquina possante, uma das muitas provenientes de Manchester, a cidade origem desta técnica de transporte



Um dos carrinhos onde nos deslocamos, 2 a 2, a dar aos pedais, mas bem reclinados



Vista do miradouro do castelo do rei visigótico Vamba com grandes lendas associadas



Um dos dolmens que demonstram a antiguidade do povoamento desta zona



Fomos no barco de toldo amarelo que se vê ao fundo percorrer o rio Tejo até às impressionantes Portas do Ródão

A nossa imaginação faz-nos descobrir, nestes tempos inesperados e surpreendentes, novas formas de viajar. Sem ir muito longe, mas olhando em volta pela mão de quem sabe, a dar atenção e a interrogar os legados culturais herdados das várias civilizações que nos antecederam nesta ponta SW do continente europeu e de que Portugal é um herdeiro privilegiado.

A nossa costa é invejável, os estrangeiros andam agora a descobri-la e nós, até por isso, a tomar maior consciência do que temos: a Sul o mar sereno e quente do Algarve, torneando a imponente Ponta de Sagres, acompanha a belíssima Costa Vicentina que segue para Norte, a maior parte ainda com uma paisagem natural, por vezes agreste.

Toda a sequência de portos e cidades da costa Oeste, dos quais Setúbal e Lisboa desde sempre foram marcas que atraíram os povos que navegavam vindos do Mediterrâneo. São 800km de costa no sentido Sul-Norte, uma dádiva natural que acabou por traçar o nosso destino de navegadores. Se a ligação e integração de Portugal no continente europeu tinha dificuldades pela separação por terra dos vários reinos da Península Ibérica,

o casamento de D. João I com D. Filipa de Lencastre, de Inglaterra, um país que sendo uma ilha se identificava connosco pela navegação e se situava um pouco fora do território europeu, fortaleceu a nossa identidade como país reconhecido internacionalmente.

Neste nosso tempo cuja evolução se vai tornando imprevisível para viagens internacionais surgiram-me oportunidades muito interessantes: viajar de comboio sem atravessar as nossas fronteiras.

Segue aqui o percurso e as impressões da primeira “Viagem na Minha Terra” que poderão ser inspiradoras ou sugestivas.

### O MUSEU NACIONAL FERROVIÁRIO

O local de encontro para início de viagem foi no Entroncamento: um local simbólico para a nossa ferrovia, onde o magnífico Museu do Comboio agora existente e organizado neste local ocupa uma enorme área desde início destinada a comboios. Não havia habitações, os lugares mais próximos foram o recurso. Os técnicos que orientavam eram na maioria ingleses e esta implantação da linha do comboio em Portugal foi quase em

simultâneo com a construção da via férrea na Europa ou seja em meados do século XIX.

Estas oficinas eram muito avançadas para a época e passaram a ter alojamento para todos os trabalhadores. Vimos algum do mais marcante material circulante como por exemplo o comboio para transportar o rei ou mais tarde os chefes de estado e onde podemos entrar e percorrer de uma ponta à outra, as várias áreas de estar, de refeições e de repouso.

A invenção deste meio transporte e o desenvolvimento da sua utilidade prática iniciou-se na cidade inglesa de Manchester. Numa ida até lá tive a oportunidade de descobrir e visitar o belíssimo museu do comboio com as primeiras locomotivas da história da ferrovia. Os ingleses, que sempre circularam pela esquerda, adoptaram esta orientação nas linhas férreas que implantaram pelo mundo fora. Desenvolveram de forma pioneira este meio de transporte que negociaram e implantaram por todo o mundo, incluindo a Índia, então um vastíssimo território sob domínio inglês que ainda hoje é atravessada por comboios em todas as direcções. É notável também a ligação ferroviária da



Do Museu do Entroncamento



Continua na pág. seguinte



Continuação da pág. anterior



Percorrendo o interior do comboio real

África do Sul para Norte percorrendo grande parte do continente africano.

O nome da cidade do Entroncamento resulta da ligação ou entroncamento que aqui se formou com a junção das linhas do Norte e a nova linha do Leste em 1864, sendo por esta última que se fazia a ligação de Portugal à Europa.

Hoje em dia não há qualquer comboio que ligue Portugal à Europa o que considero deveras surpreendente.

Nessa época muitos viajantes ilustres viajavam para Portugal de comboio utilizando esta linha. Na estação do Entroncamento, ponto de entrosamento das duas linhas podia-se almoçar no activo restaurante da estação.

Devia deixar boas recordações pois vários escritores que nessa época aí almoçaram ou jantaram o referem nas suas obras literárias... Por exemplo Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Alberto Pimentel e Hans Christian Andersen, entre outros.

Esta nossa visita ao Museu durou duas horas, sem darmos por isso, tal o interesse da exposição feita por um verdadeiro apaixonado por comboios que nos guiou e contou muitos factos e peripécias no longo percurso da visita.

### DE COMBOIO ATÉ PORTALEGRE

Um percurso agradável de comboio do Entroncamento até Portalegre acompanhando o percurso do Rio Tejo, avistando no caminho, bem perto, o Castelo de Almourol, onde aqui há uns anos atrás interrompemos a viagem nesta linha para descer até ao rio e ir num pequeno barco visitar a ilha-rochedo onde o castelo está magnificamente construído..

Actualmente não se pode ir de comboio até Marvão porque a linha férrea não está em condições de conser-



Dimensões relativas e garantia de origem-Manchester! Nessa altura estávamos na linha da frente em iniciativa e qualidade de comboios

vação que o permitam. O comboio internacional que aqui passava a caminho de Madrid foi desactivado há vários anos e as ligações de comboio de Lisboa para Paris deixaram entretanto de existir. Eu cheguei a fazer Lisboa –Paris de comboio no Sud-Express e fico desolada com esta supressão.

Chegados a Portalegre temos de sair do comboio e percorrer de carro 20km até à antiga estação de Marvão-Beirã, agora desactivada nessas funções mas uma surpresa de criatividade.

### NA ESTAÇÃO DE MARVÃO

Agora desactivada da sua complexa função de estação de fronteira internacional, com alfândega, polícia, armazéns, instalações para funcionários, restaurante, apresenta-se em parte transformada criativamente numa surpreendente “guest-house”, a linguagem internacional para uma casa de hóspedes, neste caso uma solução muito bem conseguida.

Já tem alguns anos e um encanto na adaptação muito particular que se tem traduzido numa série de prémios e distinções.

Toda a integração do espaço nas novas funções está muito interessante porque integra o mobiliário e os objectos antigos numa estética tranquila, onde se repousa agradavelmente com todas as discretas solicitações de conforto adicionadas.

### RODAR SOBRE CARRIS A PEDALAR

No dia seguinte tivemos um óptimo pequeno almoço em “self-service” na espaçosa cozinha tradicional onde continua no seu lugar, agora decorativamente para os actuais visitantes, o grande fogão de ferro com forno, sob a antiga e enorme chaminé, com a tradicional grande mesa de apoio no centro do espaço, onde cada um vai chegando ao seu ritmo em horário livre.



Beirã- Marvão- Uma estação imponente e com uma série de edifícios para alojamento de funcionários de comboios e de fronteira

A surpresa da nossa manhã foi um original percurso sobre os carris antigos, instalados em pequenos carros abertos de 4 rodas, duas pessoas em cada um e de que a fotografia dará uma ideia. Íamos movendo o carro a pedais, nosso ritmo, avistando sempre os outros “aventureiros” e mantendo as distâncias com a ajuda de travões de mão. Foi uma imaginativa ideia de nos fazer sentir a paisagem e a magia da linha férrea. Duas horas de inserção na imaginação do passado e na paisagem natural.

### NAVEGAR ATÉ ÀS PORTAS DO RODÃO

Inesquecível foi também um percurso de barco, apenas para o nosso pequeno grupo, deslizando pelo Tejo, actualmente com um caudal mais regular devido à presença de barragens.

É impressionante a travessia das imponentes Portas do Rodão, onde avistamos as águias e outras rapinas a cruzarem o céu bem alto.

Neste local há um estreitamento abrupto do vale e o rio aqui passa a correr entre duas paredes rochosas escarpadas que atingem uns impressionantes 170m de altura. No topo da “porta”norte, situa-se o pequeno mas antiquíssimo castelo do Rei Wamba. Há várias histórias e lendas para este local impressionante.

\* \* \*

Um tempo inspirador, este que atravessamos agora, se o quisermos aplicar em descobrir recantos do nosso país, tão diverso em paisagens, em traços e heranças de outras civilizações ou mesmo de antiquíssimas ocupações... dos fenícios aos visigodos, dos romanos e dos árabes, quanto se esconde ainda debaixo dos caminhos que percorremos. Nesta zona de Marvão ainda há partes de antas ou dólmenes que avistamos e se mantêm de pé.

Uma sugestão que aqui deixo...

Julho 2021



O Castelo de Marvão nos azulejos do edifício principal da estação dos comboios



Do miradouro do castelo do Rei Wamba



Placas que apresentam ao visitante a fauna de aves mais relevante: o grifo, a águia de Bonelli e o bufo real...E vimos várias a voar nas alturas. As escarpas são todas em quartzo. Impressionante



# Melgaço continua a somar ideias de negócio e é já um fenómeno 'Pop-Up Village'

## Autarquia vai prolongar condições de apoio à instalação de novos conceitos no comércio local

João Martinho



Em finais de Julho de 2019, Melgaço apresentou pela primeira vez ao público o conceito e condições de acesso ao projecto europeu URBACT "Re-grow City", uma medida que promove a revitalização das cidades em declínio e que tinha, até àquela data, a cidade alemã de Altena como exemplo de boas práticas e de sucesso da medida.

Prestes a assinalar dois anos desde a primeira acção pública, Melgaço tornou-se rapidamente o melhor aluno e imediatamente caso de estudo pelo sucesso do projecto.

O período de vigência do projecto europeu tinha como primeiro prazo de encerramento no final de 2020, prolongado por mais seis meses devido à pandemia Covid-19, com as metas cumpridas mais do que cumpridas no que respeita a Melgaço. O barómetro para uma satisfatória implementação da medida a nível europeu estabelecia dois negócios aderentes. O concelho melgacense somava cinco casos apoiados já no final de 2019. E não parou de crescer, com manifestações de interesse de adesão, quer por parte de lojistas, quer por parte de proprietários que concordaram com esta cedência.

Hoje, o URBACT Re-grow City soma 15 projectos apoiados no concelho – 13 projectos lojistas e 2 projectos em lojas âncora, com actividades de IPSS's, artistas e sociedade civil – ultrapassando já o impacto da designada Pop-Up Street dos primeiros meses, uma vez que os espaços aderentes se espalham agora um pouco por toda a vila de Melgaço.

**Seis das ideias de negócio lançadas com o pacote de vantagens do projecto avançaram para o estabelecimento definitivo em loja: Bolos e Bolinhos Gourmet, de Bernardete Nabeiro; Cantinho da Bé, de Eduarda Nabeiro; Sabor do Céu, de Elisângela Castro; LP Alumínios, Leonel Pires; Old Street Studio, de Joana Reinales e Artpaulabijus, de Paula Ferreira.**

A adesão de proprietários de espaços ao projecto continua a ocorrer. Uma adesão recente, com cedência de espaço eleva para 14 os espaços disponibilizados para o projecto. Do lado da procura, há 8 projectos a aguardar avaliação do Grupo Local do URBACT, que determinará quais os novos conceitos que avançam para a experiência de loja de rua.

Face ao constante interesse em torno deste método, a autarquia manterá as condições de acesso e apoios inerentes, ainda que o prazo de implementação e acompanhamento do projecto europeu tenha terminado no final de Junho do corrente ano.

"Nunca algo de semelhante tinha sido antes tentado. Foi uma aposta arriscada e ambiciosa, plena de obstáculos que se anteviam difíceis de transpor, mas que quisemos enfrentar, enquanto desafio que urgia assumir em prol do território e das gentes de Melgaço. Cedo percebemos que aderir ao Programa URBACT implicaria um forte e profundo envolvimento de todas as partes da sociedade melgacense, fazendo os seus mais activos atores e agentes

participar dos processos de decisão e acção", observa o edil de Melgaço, Manoel Batista.

Esta foi, no entanto, uma aposta ganha. O trabalho conjunto aqui desenvolvido apresenta resultados incontornáveis no relançamento da vida urbana, seja na dinamização do tecido comercial/económico, novo e já anteriormente instalado, mas também na reanimação do espaço público, oferecendo um ambiente urbano mais diverso e rico para residentes e visitantes. É uma realidade já reconhecida e elogiada pelos parceiros europeus mas sobretudo pela sociedade Melgacense, que interiorizou a valia e eficácia deste nosso MELGAÇO TEM POP-UP", reforçou.

### Ideias de negócio apoiadas pelo Pop-Up Melgaço:

- Bolos e Bolinhos Gourmet (Bernardete Nabeiro)
- Loja de Antiguidades (Ana Maria Gregório)
- Elisângela Castro (primeiro projecto, em 'Loja Âncora')
- Cantinho da Bé (Eduarda Nabeiro)
- Sabor do Céu (Elisângela Castro)
- LP Alumínios (Leonel Pires)
- Old Street Studio (Joana Reinales)
- Story Board – Photography (Tiago Fernandes)
- Diversidade De Fotografias (Carla Sousa)
- Sapataria Alves (Cindy Castro)
- Artpaulabijus (Paula Ferreira)
- Estética (Flávia Oliveira)
- Roscas de Melgaço (Madalena Barbosa)



A nossa equipa está em crescimento!

Estamos a contratar:

Empregado/a Mesa; Copeiro/a;

Envie Curriculum Vitae para:  
rh@managementhotels.com

